



Isabela Soraia Backx Sanabria

**Paul Rivet e Paulo Duarte: Discursos sobre Humanismo e
Arqueologia no Brasil**

CAMPINAS

2013



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Isabela Soraia Backx Sanabria

**Paul Rivet e Paulo Duarte: Discursos Sobre Humanismo e
Arqueologia no Brasil**

Orientadora: Profa. Dra. Aline Vieira de Carvalho

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em História do
instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do
título de Mestre em História, na área de concentração
História Cultural.

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA ISABELA SORAIA BACKX SANABRIA, ORIENTADA
PELA PROFA. DRA. ALINE VIEIRA DE CARVALHO.**

CPG, 25/02/2013

CAMPINAS

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
SANDRA APARECIDA PEREIRA-CRB8/7432 - BIBLIOTECA DO IFCH
UNICAMP

B128p	Backx, Isabela, 1986- Paul Rivet e Paulo Duarte : discursos sobre humanismo e arqueologia no Brasil / Isabela Soraia Backx Sanabria. – Campinas, SP : [s.n.], 2013
	Orientador: Aline Vieira de Carvalho Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
	1. Rivet, Paul, 1876-1958. 2. Duarte, Paulo, 1899-1984. 3. Humanismo - Sec. XX. 4. Arqueologia e história - Brasil. 5. Discursos, alocações, etc. I. Carvalho, Aline Vieira de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Titulo em Inglês: Paul Rivet and Paulo Duarte : discourses on humanism and archaeology in Brazil

Palavras-chave em inglês:

Humanism - 20th century
Archaeology and history - Brazil
Speeches, addresses, etc.

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Mestra em História

Banca examinadora:

Aline Vieira de Carvalho [Orientador]
Pedro Paulo Abreu Funari
Maria Cristina Oliveira Bruno

Data da defesa: 25-02-2013

Programa de Pós-Graduação: História

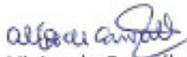
ISABELA SORAIA BACKX SANABRIA

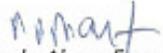
Paul Rivet e Paulo Duarte: discursos sobre humanismo e arqueologia no Brasil.

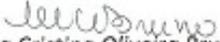
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Aline Vieira de Carvalho.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA ISABELA SORAIA BACKX SANABRIA, ORIENTADA PELA PROFA. DRA. ALINE VIEIRA DE CARVALHO E APROVADA PELA COMISSÃO JULGADORA EM 25/02/2013.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dra. Aline Vieira de Carvalho – orientadora


Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari – DH/IFCH/UNICAMP


Prof. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno – USP

Prof. Dr. Glaydson José da Silva – UNIFESP – suplente
Prof. Dr. José Geraldo da Costa Grillo – UNIFESP – suplente

CAMPINAS
2013

AGRADECIMENTOS

O encerramento de uma etapa é sempre um momento de realização. Olhar para trás e rever os obstáculos contornados, os receios superados e a concretização de um projeto, traz uma satisfação única e indescritível. No entanto, afirmar que esse trabalho foi realizado de maneira individual seria, no mínimo, um engano. Diversas pessoas auxiliaram de maneira direta e indireta no desenvolvimento deste. Sendo assim, agradeço:

À minha orientadora Profa. Dra. Aline Vieira de Carvalho. Sua dedicação e amizade abriram-me inumeráveis portas e auxiliaram-me a compreender a importância do trabalho acadêmico frente à sociedade.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento para a realização deste projeto.

Ao Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, pelos inúmeros conselhos e diálogos que muito tem contribuído para meu crescimento desde a graduação.

À Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno, pela sua gentileza e as diversas orientações que guiaram grande parte da realização deste projeto.

Ao Prof. Dr. José Geraldo da Costa Grillo e ao Prof. Dr. Glaydson José da Silva. Ambos têm acompanhado os desenvolvimentos desta pesquisa desde a graduação, e forneceram os apontamentos que me levaram a idealizar sua continuidade.

Aos colegas e amigos da Unicamp, pela sua ajuda e pelos vários momentos de descontração.

À minha família, especialmente à minha mãe, Inês, por ser minha inspiração.

Ao Bruno, pela paciência e companheirismo, mas principalmente por sua capacidade em amparar-me em toda e qualquer circunstância.

RESUMO

A presente pesquisa analisa como se deu a construção dos discursos sobre Homem e Humanismo por Paul Rivet e Paulo Duarte, intelectuais que influenciaram de maneira fundamental o desenvolvimento de alguns dos principais pilares da Arqueologia acadêmica no Brasil. Essa investigação tem o objetivo de demonstrar que os conceitos não são verdades naturais e imodificáveis, mas construções discursivas que devem ser investigadas para ressaltar sua historicidade e seus usos políticos, e, portanto, sua capacidade de transformação e adaptação. Este trabalho foca-se especialmente na análise dos conceitos de Homem e Humanismo em Rivet e Duarte, procurando demonstrar que sua construção se deu obedecendo aos desejos, interesses e contextos de seus produtores. Relidas na atualidade, tais concepções podem abrir espaços para repensarmos termos que são caros à Arqueologia.

Palavras chave: Discursos, subjetividades, Arqueologia, Paul Rivet e Paulo Duarte.

ABSTRACT

This research aims to analyze how speeches construction about Human and Humanism were made by Paul Rivet and Paulo Duarte, intellectuals who deeply influenced the development of some of the main pillars of academic Archaeology in Brazil. This research aims to show that a concept is not an unchangeable and natural truth, but it is a discursive construction that should be investigated to stand out its historicity and politic uses, and therefore its transformation and adaptation capability. The main focus of this paper is to analyze the concepts of Man and Humanism in Rivet e Duarte, trying to show that the consctruction of these concepts were based on obeying the producers 'desires, interest and contexts. Read today, these concepts are able to open up spaces for rethinking terms that are important to Archaeology.

Keywords: Discourses, subjectivities, Archaeology, Paul Rivet, Paulo Duarte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: A CIÊNCIA HUMANITÁRIA DE PAUL RIVET.....	23
1,1: O Médico e a Antropologia Física	24
1,2: O Retorno à França e o Início de uma Nova Etnologia.....	29
1,3: O <i>Musée de l'Homme</i> : um Novo Tempo para a Etnologia Francesa	42
1,4: Exílio e Luta Contra as Teorias de Inferioridade Racial	48
CAPÍTULO 2: PAULO DUARTE E O PROJETO HUMANISTA NO BRASIL	65
2,1: Mário de Andrade e a Preservação Patrimonial	70
2,2: A Revista <i>Anhembi</i> e a Importância da Educação para a Sociedade.....	82
2,3: A Comissão de Pré-História	89
2,4: O Instituto de Pré-História e Etnologia de São Paulo e os Primeiros Projetos de um Museu do Homem Americano.....	93
2,5: A Criação e Importância da Lei nº 3.924 em 1961	104
2,6: Os Cursos de Introdução à Pré-História	106
2,7: O Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo.....	110
2,8: A Escrita das <i>Memórias</i> e os Demais Projetos Pós-Aposentadoria	115
2,9: O Museu do Homem Americano.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
A Construção dos Discursos.....	131
A Importância da História da Ciência	141
Apontamentos Finais Sobre a Desconstrução dos Discursos	146
FONTES	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151

INTRODUÇÃO

Atualmente os debates historiográficos têm acentuado a importância e a capacidade crescentes dos estudos históricos na transformação da sociedade. A irrupção das correntes pós-modernas permitiu que uma preocupação quanto à pluralidade dos modos de pensar, viver e agir passasse a permear grande parte da produção sobre o conhecimento do passado, ocasionando um rompimento com os velhos paradigmas positivistas e a valorização de uma história democrática e revisionista.

Para tanto, o conhecimento histórico deixou de ser considerado uma verdade objetiva, pois ao percebermos que as narrativas históricas são compostas por indivíduos, foi possível compreender que elas estão sujeitas às subjetividades destes e ao contexto de suas épocas. A concepção de verdade única e total deu lugar a objetivos menos pretensivos, que “*de uma perspectiva sociocultural, percebe indivíduos e práticas como construções discursivas [...]*” (FUNARI e SILVA, 2008:86). Essas construções, entendidas antigamente como “verdades totais”, retrataram e solidificaram diversos conceitos considerados durante muito tempo verdades indiscutíveis. Dentro destes podemos destacar a crença em uma suposta superioridade masculina, branca, católica e ocidental acima de qualquer outro gênero, religião ou etnia.

Ao criticar as desigualdades que esses discursos construía nas relações entre os gêneros, pensadoras feministas como Joan Scott (1988A, 1988B) e Judith Butler (1998, 2003) salientaram a necessidade de se questionar os conceitos históricos dominantes de forma a abalar seu poder. Ao repudiar a utilização do gênero como mera ferramenta descritiva e propor sua utilização como categoria de análise, essas estudiosas evidenciaram que as maneiras como entendemos os sujeitos “homem” e “mulher” são construídas historicamente. A partir disso, sustentaram que o conhecimento histórico não deveria ser produzido com a intenção de descrever os caminhos desses sujeitos no passado, mas entender como os significados subjetivos e coletivos sobre eles foram construídos, e de que maneira possibilitaram a consolidação de hierarquias e diferenças socialmente aceitas durante muito tempo. Sendo assim, o objetivo dos futuros estudos deveria ser demonstrar que as desigualdades entre os gêneros e outras formas de identidade vêm sendo construídas

historicamente através de incontáveis discursos que naturalizam as diferenças e as legitimam como verdades fundamentais.

Tal teoria foi desenvolvida a partir da noção pós-estruturalista da mobilidade dos significados, a qual sustenta que estes não são fixos no léxico de uma cultura e estão sempre em movimento, permitindo o estudo dos interesses e procedimentos conflituosos que os estabelecem e a maneira como adquirem a aparência de fixos. Dentro desse processo compreende-se que subjetividade dos indivíduos tem papel fundamental, já que ela está envolvida na produção e reprodução dos discursos. Tendo isso em mente, a análise realizada neste trabalho procura entender quais os interesses, os contextos e os desejos que se encontram por trás da produção dos conceitos de Homem e Humanismo, compreendendo que estes são instáveis e abertos para contestação e redefinição.

A pesquisa utilizará a proposta apresentada por essas pensadoras feministas ao tentar entender como essas concepções foram produzidas e quais eram os objetivos pretendidos com essa construção. Segundo a historiadora Margareth Rago, ao apontar a historicidade das identidades e dos conceitos, essas pensadoras demonstraram que a própria noção de identidade foi historicizada, e a questionaram “*juntamente com a ilusão da interioridade e da essência que a informava*” (RAGO, 1998B).

Compreende-se então que os conceitos devem ser subjetivados, de maneira a dissolver a noção de que são abstratos e universais. Sendo assim, o exercício de analisar a forma como os discursos se legitimam, desconstruí-los e decifrar seus significados será realizado neste trabalho para demonstrar como os conceitos são social e culturalmente construídos, passivos, portanto, de serem modificados.

Com vistas a essa finalidade, a proposta produzida pelas feministas acima mencionadas e a possibilidade da quebra do sujeito que estas permitiram serão utilizadas nesta dissertação para analisar a construção acerca do discurso de Homem por Paul Rivet e Paulo Duarte, intelectuais que participaram da fundação de importantes bases da Arqueologia brasileira. A partir disso, também será produzida uma leitura das possíveis interpretações sobre Humanismo que o discurso de ambos depreende.

A análise sobre como esses intelectuais articulavam tais conceitos torna-se importante para compreender com que fundamentos e objetivos surgem alguns dos principais pilares da Arqueologia científica no Brasil. Na França, Rivet idealizou um

projeto humanista que seria subjetivado por Duarte quando este implantou diversos mecanismos acadêmicos e legais de incentivo à pesquisa pré-histórica, os quais impulsionaram os estudos dessa disciplina e também dos trabalhos arqueológicos no país.

Ao compreender a importância da proposta humanista desses intelectuais para o desenvolvimento da atividade arqueológica no país, torna-se fundamental analisar qual era o discurso sustentado nesse projeto, de modo a perceber se o conceito de Humanismo produzido por ele excluía algum gênero, cultura, religião ou qualquer outra categoria capaz de produzir um sentimento de superioridade ou inferioridade entre os homens.

Como os estudos feministas apontaram, a necessidade de inverter a condição de verdade irrefutável atribuída a construções discursivas como as citadas acima é premente, de modo a que estas passem a ser consideradas constituições históricas e sejam investigadas para derrubar estigmas de sexo, raça, religião, cultura, etc.

Nesse sentido, objetiva-se transcender a noção de Homem Universal baseada nos valores e princípios tradicionais que o caracterizam durante muito tempo como ser masculino-branco-cristão-ocidental, traçando um dos possíveis caminhos para a consolidação de uma história descontínua e incluyente, que abarque culturas, gêneros, etnias e outras categorias antes ignoradas nas narrativas totalizantes.

A importância em desenvolver o conhecimento científico de modo a que este interaja fluída e dinamicamente com a sociedade é um dos principais objetivos pretendidos pelo Laboratório de Arqueologia Pública – Paulo Duarte (LAP), que têm acompanhado os desenvolvimentos desta pesquisa e fornecido os meios intelectuais e materiais necessários a seu desenvolvimento. Pode-se dizer que é também em razão da influência dessa instituição que a presente dissertação procura refletir sobre as práticas arqueológicas e a importância de seu diálogo com a sociedade.

O primeiro trabalho a levantar as reflexões que dariam origem a esta pesquisa foi a monografia “Paulo Duarte e a Construção do Patrimônio Plural – a Inclusão de Outras memórias no Conceito de Patrimônio Brasileiro”, defendida em meados de 2010. Ela buscou traçar as diferenças entre as políticas de preservação patrimonial sustentadas pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e aquelas defendidas por Paulo Duarte, apresentando, entre outros resultados, as articulações que levaram esse

intelectual a dar forma no Brasil a uma Arqueologia humanista que procurava valorizar a memória dos indígenas.

A biografia de Duarte remete, por algumas vezes, à história do desenvolvimento da Arqueologia no país. O intelectual nasceu em 1899 em Franca, no interior de São Paulo, e antes de interessar-se pelo estudo dessa ciência trabalhou como jornalista e formou-se no curso de direito oferecido pelo Largo de São Francisco. Seus ideais democráticos e o caráter extremamente combativo levaram-no a participar da Revolução Constitucionalista em 1932, a qual resultou em seu primeiro exílio, ocasião em que travou os primeiros contatos com Paul Rivet e o *Musée de l'Homme* de Paris. Depois de regressar ao Brasil em 1933 ocupou alguns cargos políticos, além de empreender duas campanhas de preservação patrimonial e fundar o Departamento de Cultura e Recreação de São Paulo. Em 1938 foi exilado novamente por ser reconhecido como um forte opositor ao Estado Novo, e a partir de então redirecionaria seu interesse ao estudo da Pré-História e à divulgação dessa ciência como maneira de alcançar um maior desenvolvimento da sociedade.

Ao retornar desse segundo exílio em 1951, Duarte passaria a dedicar-se à luta pela pesquisa, salvaguarda e divulgação da pré-história no país como maneira de estudar as origens do Homem Americano, promovendo por diversos mecanismos a diminuição da exploração de sítios arqueológicos sambaquieiros. Nesse contexto, entre outros projetos, fundou a Comissão de Pré-história em 1952, o Instituto de Pré-história e Etnologia em 1959 – o qual seria incorporado pela USP em 1962 – e elaborou a lei nº 3.924 aprovada em 1961, a qual versa sobre a definição, preservação e exploração dos monumentos arqueológicos. Dessa maneira, foi o responsável por instaurar algumas das bases institucionais e legais que permitiram à Arqueologia desenvolver-se cientificamente no Brasil.

Partindo desse pressuposto, esta dissertação busca refletir sobre a história da ciência arqueológica ao apontar de que maneira essas bases instauradas por Duarte carregam até hoje os seus discursos sobre Homem e humanismo, demonstrando que esses conceitos – os quais apresentam por vezes ideias sobre a superioridade de alguns homens sobre outros – não devem ser considerados verdades naturais que ditam uma hierarquia entre os seres humanos, mas construções discursivas que foram sendo produzidas pelo intelectual ao longo de sua vida através de suas experiências, interesses, amizades e desejos.

Esse trabalho será desenvolvido por meio da análise da vida e obra de Rivet e Duarte, procurando compreender a complexa relação existente entre os textos produzidos por ambos e seus múltiplos contextos. Nesse sentido, os restos “textualizados” do passado desses intelectuais serão utilizados para tentar compreender o contexto e a realidade vivida por eles.

Baseando-se naquilo que o historiador Dominick Lacapra (1985) aponta como os novos caminhos para a história intelectual, compreende-se que os significados simbólicos empregados nos textos depreendem uma forma de compreender a realidade, mas a apreensão de como esta foi em sua totalidade é impossível. Apesar disso, para produzir uma análise sobre ela é importante saber que as composições textuais não estão ligadas a um único contexto, mas a um conjunto deles, os quais interagem entre si e o texto.

De modo a aplicar essas ideias ao estudo dos discursos de Rivet e Duarte, serão observados alguns dos contextos que permeiam os textos de ambos intelectuais, como a relação entre as intenções dos autores e os textos, a relação entre a vida dos autores e os textos, a relação dos textos com a obra dos autores e a relação da cultura com os textos. Segundo os historiadores Aline Carvalho e Luiz Estevam Fernandes (2013), uma análise que alie esse método à criatividade e o aspecto documental de um escrito permite “*entender o texto como uma intersecção de uma longa tradição e de um momento específico*”, possibilitando a criação de diálogos entre “*a tradição e a especificidade, os textos e os contextos, o historiador e o passado*” (CARVALHO & FERNANDES, 2013:19).

Adotando ainda a visão de Lacapra (1985) sobre a possibilidade de uma nova história intelectual, os textos dos cientistas que são objeto de estudo deste trabalho serão analisados por meio de uma leitura crítica, a qual visa a abandonar a noção dos documentos como meras fontes informativas sobre o passado para considerá-los complementos da realidade, já que são produtores e difusores de discursos.

O desenvolvimento dessa pesquisa também compreende a análise da autobiografia de Duarte, entendida como um dos principais suportes para estudar sua subjetividade. Segundo o psicanalista Contardo Calligaris (1998), a produção de diários, autobiografias e qualquer outro tipo de material que caracterize uma “escrita de si” por parte do indivíduo auxiliaria a compreender as maneiras pelas quais esse sujeito se organiza e procura se definir frente à sociedade.

Ao narrar seu cotidiano, escrever, ler e reler aquilo que viu e viveu, Foucault (2006) afirma que o indivíduo se constitui, tornando verdade para si os fragmentos textuais escolhidos. Visto que nesse exercício o sujeito fornece um tipo de representação construída sobre si mesmo, compreende-se que ele acaba sendo modificado e reproduzido pelo seu próprio texto. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o texto é uma representação do próprio autor, de um tipo de identidade que este quer consolidar, é também reprodutor deste, que acaba sendo fruto da narrativa de seu próprio texto.

Tendo isso em mente, as *Memórias* publicadas por Duarte entre 1974 e 1984 serão estudadas com o objetivo de perceber como e com quais objetivos foram pensadas e organizadas. Compreende-se que estas foram uma tentativa do intelectual de dar forma a si mesmo, de reorganizar sua vida em torno do ideal do humanismo, para acreditar que esta tivesse transcorrido visando a um objetivo maior. Neste caso, a questão em pauta não é descobrir se a imagem do humanista era consistente ou não, mas compreender que por meio do ato biográfico o autor conferiu-se significação e consistência.

A estrutura da dissertação, assim como o objetivo de seus capítulos, será descrita a seguir. Antes disso, será necessária uma breve explanação sobre o emprego do conceito de raça, termo que atualmente suscita diversos debates sobre a validade ou não de sua utilização. O conceito estará implícito em diversas reflexões e falas dos intelectuais abordados em este trabalho, principalmente Paul Rivet.

Rivet foi um personagem marcante nos estudos etnológicos franceses do século passado. Além de um político ativo e um importante cientista, foi o responsável por instigar na França o desenvolvimento de uma ciência etnológica humanista. Tal ciência partia do pressuposto de que desde seu surgimento, o Homem poderia ser dividido em três “raças” inteiramente distintas: negroide de Grimaldi, Cro-Magnon e Cancelade, que corresponderiam ao que comumente se conhecia como negro, branco e amarelo. Esses três tipos, por existirem desde tempos imemoriais, haveriam se cruzado e misturado inúmeras vezes¹.

¹ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais – Pessoas – Pasta P 49: En el Instituto de Etnología. **El Tiempo**, Bogotá, 05 jul. 1941.

O conceito de “raça” utilizado por Rivet remonta a fins do séc. XIX, quando foi pensado como categoria classificatória dos homens. Nesse período, que marcou o auge da antropologia física, diversas ciências comparativas como a craniometria desdobraram-se para acrescentar à diferença de cor outros fatores morfológicos que possibilitassem aos cientistas realizar a diferenciação e categorização dos seres humanos.

Dessa maneira, baseando-se em critérios como a forma do nariz, do queixo, o ângulo facial e a capacidade do crânio, cientistas como Paul Broca, principal representante da escola craniométrica, produziram uma escala de valores entre o que identificaram como diferentes “raças”, colocando o “branco” como o tipo biologicamente mais desenvolvido. Através desses estudos, as diferenças biológicas passaram a explicar as diferenças e desigualdades sociais, e a ciência passou a fornecer os elementos necessários para o tratamento distinto entre os diferentes grupos humanos (AZEVEDO, 2004:124).

O século XX iniciou-se sobre forte influência dessas ideias. No entanto, o desenvolvimento dos estudos biológicos e o surgimento de ciências como a Etnologia, aliados às atrocidades cometidas durante os quinze anos do regime nazista, fizeram com que as concepções de superioridade racial passassem a ser combatidas por uma parte significativa da sociedade, na qual estavam incluídos intelectuais como Franz Boas e Paul Rivet.

A palavra “raça” será utilizada no primeiro capítulo de forma corrente, já que foi um dos conceitos norteadores para Rivet. Sendo assim, sempre que fizer referência a uma fala ou ideia desse intelectual, o conceito deverá ser compreendido na acepção de inícios do século XX, como categoria classificatória.

No entanto, o termo é atualmente negado tanto por estudiosos das ciências biológicas quanto das sociais. O artigo “A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência destruir o etos social?” (PENA & BIRCHAL: 2005) marca o encontro de dois estudiosos de diferentes campos do conhecimento que analisam o conceito de raça de forma a demonstrar sua inconsistência.

No referido trabalho, o biólogo Sérgio D. J. Pena e a filósofa Telma S. Birchal, ambos docentes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), afirmam a inexistência de raças humanas desde um ponto de vista biológico ou genético. Segundo os autores, a impossibilidade de dividir a espécie humana em diferentes tipos biológicos adviria da

extrema juventude desta e de seus amplos padrões migratórios. Além disso, qualquer tentativa de agrupar os humanos em diferentes “raças” seria impossível, já que todos os homens compartilhariam entre si a vasta maioria de suas variantes genéticas, ou seja, a diversidade genética de uma suposta “raça” seria provavelmente encontrada em todas as outras.

Apesar disso, os autores reconhecem que a ciência não tem o poder de ditar as verdades, mas a defendem como um excelente meio para esclarecer os erros e preconceitos. Ao afastar o equívoco da noção biológica de raça, ela proibiria o recurso a uma fundamentação científica do racismo (PENA & BIRCHAL, 2005:19).

Por sua vez, a historiadora Célia Maria Marinho de Azevedo demonstra no artigo “Para além das relações raciais: por uma história do racismo” como o conceito de “raça” foi construído para fundamentar preconceitos e relações de poder já existentes. Segundo ela, os primeiros discursos sobre “raça” haveriam surgido no início do século XVI, quando os comerciantes europeus perceberam o baixo custo com que os africanos poderiam ser traficados para a América. Com a expansão da escravidão africana no continente, as racionalizações racistas haveriam surgido como um meio de justificar a sujeição dos negros a “raças” mais desenvolvidas. Portanto, o que ocorre no século XIX e no início do XX é apenas a sistematização dessas ideias, as quais ganham fundamentação científica dentro das ciências biológicas e humanas (AZEVEDO, 2004).

Fundamentando-se nessas reflexões, o conceito de raça será compreendido de maneira geral neste trabalho como uma categoria socialmente construída cujo discurso deve ser estudado com cuidado e desnaturalizado para que deixe de motivar ideias de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos.

Visando a atingir os objetivos acima descritos, a dissertação será estruturada em dois capítulos. O primeiro, intitulado “A Ciência Humanitária de Paul Rivet”, apresentará o modo como esse etnólogo – principal responsável por despertar em Duarte o interesse pela Pré-História – desenvolveu suas teorias científicas de cunho humanista, as quais eram acompanhadas por um forte ideal eurocentrista e acabaram por fundamentar os discursos construídos por esse intelectual acerca de Homem e humanismo. As reflexões realizadas nesse capítulo foram baseadas em textos originais de Rivet, os quais se encontram

disponibilizados em revistas eletrônicas francesas e foram traduzidos pela própria autora desta dissertação.

O segundo capítulo, denominado “Paulo Duarte e o Projeto Humanista no Brasil”, foca-se em investigar de que modo os discursos produzidos por Rivet são subjetivados e ressignificados por Duarte, procurando demonstrar que este os utilizou como alicerce científico para empreender no Brasil seus projetos legais e institucionais de estudo e preservação da Pré-História. Tal análise permitiu-nos observar que esse intelectual produziu um conceito de Homem e empregou-o na formação das bases da atividade arqueológica no país, conceito que foi naturalizado através da difusão dos discursos arqueológicos.

Por fim, há a apresentação das “Considerações Finais”, que trazem apontamentos relevantes sobre a construção dos discursos feita pelos dois intelectuais, além de uma reflexão acerca da importância do estudo da história das ciências e da desconstrução dos conceitos totalizantes.

CAPÍTULO 1: A CIÊNCIA HUMANITÁRIA DE PAUL RIVET

Paul Rivet foi um dos principais expoentes do movimento humanista francês surgido no século XX. A ciência etnológica que desenvolveu ao longo de vários anos de estudo forneceu meios científicos que lhe permitiram combater de maneira veemente as teorias raciais que inundaram a Europa durante as duas Guerras Mundiais. Como foi um dos mais importantes mestres de Paulo Duarte – intelectual que seria responsável por instaurar algumas das bases da Arqueologia no Brasil – realizar primeiramente a análise das teorias e projetos que produziu é fundamental para compreender como seus discursos sobre Homem e humanismo foram sendo estruturados e, posteriormente, subjetivados e ressignificados por Duarte.

Rivet nasceu em sete de maio de 1876, em Wasigny (Ardennes), França. Influenciado pelo pai que seguia carreira militar, ingressou na Escola Militar de Medicina de Lyon em 1897, formando-se três anos depois. Serviu no exército francês durante a Primeira Guerra Mundial e realizou diversos trabalhos para a instituição, mas dedicou a maior parte de sua vida ao estudo dos indígenas americanos e ao desenvolvimento de uma ciência etnológica de cunho humanista.

Seu interesse declarado por viagens e aventuras – segundo ele fomentado pelas leituras de Júlio Verne (RIO, 1958) – levou-o a aceitar como seu primeiro trabalho em nome do exército francês a *Missão Geodésica ao Equador*, empreendida de 1901 a 1906. Nessa missão, o intelectual entrou em contato com diferentes culturas e modos de vida que o surpreenderam e despertaram-lhe uma profunda curiosidade, fazendo com que desse outro rumo à sua carreira. Este capítulo analisará como se desenvolveu a partir de então o pensamento humanista de Rivet sobre a diversidade cultural e sua importância, procurando compreender de que forma o médico militar volta seu interesse para a Antropologia e dá forma a uma ciência etnológica que teve como pontos fundamentais o humanismo e a solidariedade entre os Homens.

1,1: O Médico e a Antropologia Física

Financiada pelo governo francês, a Missão Geodésica de 1901 tinha como objetivo percorrer o Equador medindo novamente o arco do meridiano equatorial, de modo a reconfirmar a teoria newtoniana de que a Terra possuía a forma de uma elipse achatada nos pólos². Para isso, o governo francês destacou uma equipe do Serviço Geográfico do Exército formada por 23 oficiais e liderada por Robert Bourgeois, então chefe do Serviço. A assistência médica da equipe ficaria por conta do voluntário Paul Rivet, o qual foi encarregado pelo exército não só de fornecer o apoio médico necessário, mas de registrar durante todo o curso da missão as características indígenas e outras informações concernentes às ciências naturais, como os espécimes animais e vegetais da região.

Apesar de ter sua duração prevista em quatro anos, a Missão Geodésica estende-se por mais um devido às dificuldades de transporte e de mau tempo enfrentadas. Nesse período, Rivet forneceu assistência médica não só à sua equipe, mas a todas as pessoas que necessitavam de cuidados pelas cidades e povoados por onde a missão passava. A notícia de que havia um médico francês percorrendo o Equador despertou a atenção das autoridades do país, e por algumas vezes Rivet teve de afastar-se para atender a pacientes equatorianos. Tal atendimento era realizado de forma gratuita, tanto para os fazendeiros e representantes legais quanto para os indígenas e trabalhadores que não possuíam meios de pagá-lo. Com esse trabalho Rivet adquiriu certa notoriedade na região, e sua tarefa de captação das características dos índios e das espécies de fauna e flora equatorianas foi imensamente facilitada. Além de contar com a ajuda da população para locomover-se, ele conseguiu o acesso a tribos indígenas mais reservadas como os Colorados, índios da região ocidental do Equador, além de haver sido presenteado pelo embaixador do Chile com uma coleção de crâneos indígenas (LAURIÈRE, 2008).

Durante os cinco anos em que ficou no Equador o intelectual conseguiu registrar diversas espécies da fauna e flora locais que não eram conhecidas cientificamente, como o

² A primeira missão geodésica ao Equador foi empreendida de 1735 a 1743 pelos cientistas franceses Bouguer, Godín e La Condamine, os quais realizaram as primeiras medidas do arco meridiano equatorial e confirmaram a teoria de Newton sobre o formato da Terra, fornecendo os primeiros valores aproximados do globo.

Hylodeo Riveti (anfíbio) e o *Philydor Columbianus riveti* (pássaro), ambos batizados com seu nome em sua homenagem. As diversas coleções de história natural que produziu possibilitaram, posteriormente, a publicação de importantes artigos pelos naturalistas do *Muséum d'Histoire Naturelle* de Paris – órgão que recebeu todo o material –, o que influenciou em 1909 na sua eleição como vice-diretor do laboratório de Antropologia desse museu.

Apesar do grande inventário de espécies animais e vegetais que levantou a maioria de seus esforços foram concentrados na análise dos indígenas, os quais lhe despertaram um grande interesse que pode ser justificado, por um lado, pela influência que antropologia física exerceu sobre a medicina no início do século XX, e, portanto, na própria formação de Rivet, mas por outro pela atração que o intelectual demonstrava em compreender as diferenças e semelhanças entre aquelas culturas indígenas e a sociedade francesa à qual pertencia.

No relatório intitulado *Étude sur les indiens de la Région de Riobamba* (1903), pode-se observar as primeiras impressões despertadas no intelectual, que se chocou com as condições de vida levadas pelos indígenas da região de Riobamba³. Segundo sua descrição, a alimentação destes era realizada da forma mais frugal e simples possível. Suas casas seriam vazias e sujas, povoadas por cachorros miseráveis e *cuys*, uma espécie de porquinho da índia que configurava sua principal fonte de carne. Caracterizando-os como um povo essencialmente primitivo, Rivet descreveu-os como resistentes ao trabalho e com costumes simples e rústicos. Segundo ele, embora desconhecessem a medicina e fizessem uso de alguns remédios de empirismo duvidoso, conheciam a virtude de diversas plantas, sabedoria que era passada de pai para filho. Além disso, evitavam o contato com os fazendeiros da região, mas haveriam de certa maneira absorvido a religião católica, deformando-a com seus costumes primitivos:

O índio possui uma religião essencial e grosseiramente materialista, quase fetichista. As imagens de piedade, os rosários, as medalhas não são para ele um simples símbolo, mas possuem um poder misterioso. Eles substituíram os amuletos de outros tempos, mas mantiveram a qualidade desses fetiches [...].

³ Apesar de o relatório datar de 1903, quando a Missão Geodésica completava dois anos, Riobamba, localizada na parte central do Equador, foi a primeira região percorrida.

Fanático, como todos os povos primitivos e, além disso, instruído por mestres que desconhecem a intolerância, o índio é capaz de todas as atrocidades quando ele acredita que a religião está em perigo; [...] ⁴ (RIVET, 1903:74).

No trecho destacado é possível observar que, além de criticar o modo como os índios reinterpretaram sua própria religião, Rivet atribuía-lhes também as características de fanáticos e violentos, as quais ele acreditava serem inerentes a qualquer povo primitivo. Tais ideias foram produzidas num momento em que o intelectual recém começava a pensar a condição indígena, e posteriormente sofreriam modificações com o desenvolvimento de sua teoria sobre a igualdade das raças. No entanto, a concepção do indígena como passivo e a necessidade que este teria de ser guiado foram ideias que o acompanharam durante toda sua vida, assim como a compreensão de que suas precárias condições de vida se deviam ao contato e à influência do branco.

No artigo *Les Indiens de Mallasquer* (1904b), percebe-se como ele acreditava que todos os indígenas estariam fadados ao desaparecimento, pois cedo ou tarde entrariam em contato com o branco:

[...] o dia em que o branco chegar a essas regiões verdes e ricas e introduzir o comércio e a indústria, o dia em que a civilização abrir as grandes vias de comunicação pelas vastas florestas virgens, o índio será espancando até a morte, condenado a um desaparecimento rápido, obedecendo à lei geral que é aplicada aos indivíduos de sua raça em todas as latitudes, quando eles entram em contato com uma raça mais forte, mais ativa, mais inteligente.⁵ (RIVET, 1904b:152)

No final do trecho torna-se novamente explícita a crença numa superioridade da raça branca sobre a indígena, teoria que com o passar dos anos foi retrabalhada por ele. A noção da excelência de qualquer raça sobre as outras iria ser abandonada na medida em que

⁴ Texto original: L'Indien a une religion essentiellement et grossièrement matérielle, presque fétichiste. Les images de piété, les chapelets, les médailles ne sont pas pour lui un simple symbole, mais ont par eux-mêmes une puissance mystérieuse. Ils ont remplacé les amulettes des autres temps, mais oit conservé la qualité de fétiches de celles-ci. [...]

Fanatique, comme tous les peuples primitifs; et instruit, d'ailleurs, par des maîtres qui ignorent la tolérance, l'Indien est capable de toutes les atrocités, quand il peut croire que la religion est en danger; [...]

⁵ Texto original : [...] le jour où le blanc attiré vers ces régions fertiles et riches y introduira le commerce et l'industrie, le jour où de larges voies de communication ouvriront largement à la civilisation ces vastes forêts encore vierges, l'Indien sera frappé à mort, voué à une disparition rapide, obéissant à la loi fatale qui poursuit les individus de sa race sous toutes les latitudes lorsqu'ils se trouvent en contact avec une race plus forte, plus active, plus intelligente.

seus estudos apontaram para a igual capacidade de aprendizagem e criação de todos os seres humanos. No entanto, mesmo defendendo a possibilidade de aprendizagem e criação humana, Rivet defendeu a superioridade cultural europeia, e a premissa de que por serem superiores, determinadas culturas da Europa deveriam guiar todas as outras sociedades de modo a que estas pudessem atingir um estado de desenvolvimento semelhante ao delas.

Outro ponto interessante a ser observado é que na comparação entre os dois artigos citados há uma grande diferença no tipo de linguagem utilizada. No primeiro, relativo à região de Riobamba onde os índios estariam em constante contato com os brancos, o autor refere-se a eles como uns infelizes, criaturas sem força de vontade e dignos de pena. No entanto, no trabalho produzido sobre os indígenas de Mallasquer e posteriormente também sobre os Colorados (RIVET, 1905), tribos que estabeleciam apenas contatos casuais com os brancos, há uma valorização do modo de vida indígena, assim como o desenvolvimento de uma análise de cunho mais científicista. Subentende-se assim que havia uma preferência pelo estudo das tribos consideradas “puras”, aquelas que não haveriam se misturado ao branco. Essa preferência pode ser explicada em razão do momento por que atravessavam os estudos antropológicos, focados essencialmente na captação de informações e dados das “raças” consideradas “primitivas” para poder realizar comparações práticas entre estas e a “raça” branca (LARAIA, 2005).

Por essa razão, uma das principais tarefas delegadas à Rivet foi o registro minucioso das medidas e ângulos corporais dos indígenas, assim como o estudo de ossadas e os diferentes idiomas falados na região. A maioria do tempo que passou no Equador foi dedicado ao desenvolvimento de pesquisas antropológicas, as quais se resumiam no registro das medidas antropométricas dos índios e na procura de crâneos que pudessem ser transportados à França. Segundo a antropóloga Christine Laurière (2008), durante os cinco anos da Missão Geodésica o intelectual conseguiu tirar as medidas de cerca de trezentos índios, sendo a maioria destes homens. Os resultados obtidos através das análises dos crâneos eram sempre os mais detalhados, demonstrando que estes eram considerados suas principais fontes⁶.

⁶ Tais resultados podem ser visualizados em artigos como o já citado *Les Indiens Mallasquer* (1904) e *Notes sur deux crânes du Yucatan* (1908), ambos disponíveis na revista eletrônica *Persée* <http://www.persee.fr>.

As orientações seguidas por Rivet estavam de acordo com os rumos que a Antropologia tomou no final do século XIX, quando começou a se consolidar como uma disciplina acadêmica. Definida então como o estudo da história natural do Homem foi fortemente influenciada pelo evolucionismo, o que fez com que os diferentes comportamentos e as diferenças sociais entre os seres humanos fossem justificadas pelos antropólogos da época como características biologicamente determinadas (LARAIA, 2005). Acreditava-se assim na existência de sociedades que tendo evoluído mais depressa, encontravam-se em etapas superiores a outras, as quais ainda deveriam percorrer todo o processo evolutivo já superado pelas primeiras. Segundo o antropólogo Roque Laraia, essas ideias foram convenientes para sustentar cientificamente os antigos discursos racistas, além de tornarem-se extremamente úteis para uma Europa que buscava ampliar seu território através da política colonialista.

Os antropólogos trabalhavam no sentido de traçar as diferenças entre as sociedades e suas causas, utilizando para isso um conglomerado de outras disciplinas como a Arqueologia, a Etnografia, a Linguística e principalmente a Antropologia Física (Antropometria), a qual tinha por objetivo o estudo das medidas do corpo humano⁷. Esta última deveria fornecer os elementos irrefutáveis que permitissem classificar, diferenciar e principalmente hierarquizar os diferentes tipos humanos.

A medição dos crâneos era a principal fonte desses estudiosos, razão porque eles ganhavam também especial atenção de Rivet. No relatório sobre os índios Mallasquer (1904) observa-se que o intelectual registrou 22 diferentes medidas relativas às cabeças dos índios, tomadas de seis homens dessa tribo. A craniometria – ciência que se focava unicamente no estudo das medidas dos crâneos e cérebros para classificar a evolução das raças humanas – foi o carro chefe dessa ciência antropométrica, e procurava demonstrar como as diferentes raças humanas poderiam ser hierarquizadas através de seu valor intelectual. Paul Broca, principal representante dessa escola, sustentou que a capacidade intelectual dos seres humanos era relativa ao tamanho de seu cérebro, tendo conduzido diversos estudos que comparavam a capacidade craniana das diferentes raças humanas. Os

⁷ A Antropometria ganhou força na segunda metade do século XIX, quando uma grande fascinação pela matemática e pelos estudos comparativos invadiu o campo das ciências humanas. Acreditava-se então que o desenvolvimento da Antropologia baseado em rigorosas medições poderia tirá-la do campo do subjetivismo, transformando-a numa ciência tão exata como a matemática ou a física (GOULD, 1999).

resultados desses estudos apontavam invariavelmente para a superioridade da raça branca, e inundaram a sociedade com uma teoria racista amparada pela suposta objetividade científica da antropometria.

Segundo Stephen Jay Gould (1999), Broca não falsificou em nenhum momento seus dados numéricos, mas selecionou-os e interpretou-os de modo a chegar a conclusões pré-estabelecidas. Suas pesquisas não foram assim um exercício de empirismo elementar, mas uma busca pelas características físicas que permitissem comprovar a tão desejada superioridade branca.

Como a Antropometria pregava uma relação de causa e efeito entre as características físicas e mentais do ser humano, os registros tomados por Rivet deveriam fornecer números e estatísticas que explicassem o porquê do estado atual de desenvolvimento da civilização indígena do Equador. As medições tornaram-se assim parte do seu cotidiano, e foram muitas vezes realizadas à revelia dos índios. Nesses episódios Rivet recebia a ajuda de médicos e até mesmo da polícia, como foi o caso dos índios Jibaros, os quais eram obrigados pelo intendente da polícia de Quito a irem até o distrito policial para que fossem medidos (RIVET, 1903). Com o mesmo objetivo, o intelectual escavou o túmulo de uma família de índios Colorados em 1903, recolhendo seus crâneos e esqueletos e levando-os consigo (RIVET, 1904a). Dessa maneira, pode-se observar que Rivet considerava os índios, nessa época, meros objetos de estudo, desrespeitando frequentemente sua cultura e costumes com o único objetivo de levantar os registros numéricos.

1,2: O Retorno à França e o Início de uma Nova Etnologia

A Missão Geodésica foi encerrada em 1906, e Rivet voltou à França levando as medidas de aproximadamente 300 índios, diversos restos de esqueletos e mais ou menos mil e quinhentas peças arqueológicas encontradas em suas escavações, além de dados etnográficos e diversos vocabulários indígenas (LAURIÈRE, 2008). Em razão da necessidade de estudo dessa grande quantidade de material, o Departamento de Pesquisa do Exército francês transferiu-o para o *Muséum d'Histoire Naturelle* de Paris, onde ele desenvolveu seus primeiros estudos. Já nos dois primeiros anos de trabalho o intelectual

publicou cerca de 10 análises que teriam como principal motivo a coleção osteológica recolhida no Equador, ao mesmo tempo em que começava a aprofundar-se no estudo das coleções mais antigas do Museu e envolvia-se na organização e direção da instituição.

Devido ao seu grande engajamento no trabalho com os dados, os relatórios e as coleções, além de ser nomeado vice-diretor do Laboratório de Antropologia Rivet tornou-se secretário geral da Sociedade dos Americanistas. Ao mesmo tempo, despontava na França como um dos grandes nomes em análises antropométricas, apesar de começar a afastar-se lentamente da antropologia tradicional. O artigo *Note sur deux crânes du Yucatan*, publicado no *Journal de la Société des Américanistes* em 1908, permite observar como isso ocorre. Nele, Rivet desenvolve uma análise de dois crâneos da região de Yucatán, México, pertencentes a uma criança e a um homem. São analisados fatores como a capacidade dos crâneos, seu diâmetro, órbita, altura do nariz e outras características que levam o intelectual a concluir que os exemplares corresponderiam a uma raça semelhante à do Cro-Magnon da época quaternária.

Mas o artigo não é encerrado com essa dedução. Ao comparar essas medidas com as análises realizadas pelo dinamarquês Peter Wilhelm Lund em crâneos encontrados em Lagoa Santa (Brasil – Minas Gerais), o intelectual afirma que a combinação dessas duas amostras constituía uma antítese, já que elas possuíam profundas diferenças entre si, e surpreende-se com a variedade e a complexidade das populações que o cruzamento destas, fisicamente opostas, poderia produzir. Assim, realiza uma breve análise dos processos de mestiçagem na América do Sul e uma comparação entre os dois tipos de crâneos já citados, procurando apontar as aproximações que poderiam existir entre as duas raças e os resultados provenientes de seu cruzamento, o qual, segundo ele, seguramente ocorreu:

Quanto à América do Sul, de maneira muito geral, essa miscigenação parece ter resultado em um alongamento do crânio com um aumento correspondente de altura, e do lado da face, uma diminuição do prognatismo [...]. É tentador atribuir essas modificações do tipo original à raça de Lagoa-Santa. [...] Apenas novas pesquisas permitirão que se chegue a uma solução certa. Esse é um estudo que pretendo começar em breve.⁸ (RIVET, 1908:259)

⁸ Texto original: En ce qui concerne l'Amérique du Sud, d'une façon très générale, ce métissage semble avoir eu pour résultat un allongement du crâne avec augmentation corrélative de hauteur, et du côté de la face, une diminution du prognathisme [...]. Il est bien tentant d'attribuer ces modifications du type originel à la race de

O artigo marca assim o começo de uma nova linha de pensamento. Nele, Rivet ainda foca-se nas meticulosas medições craniométricas, mas pontua seu interesse pelo estudo das migrações e “cruzamentos raciais”. Para Laurière (2008), o intelectual começa a afastar-se da Antropometria ao perceber que esta por si só não bastava para alcançar uma maior compreensão sobre as raças, já que apenas estabelecia diferenças mecânicas entre elas. Por sua vez, o estudo das diversas migrações humanas ao longo de milhares de anos ao redor do globo, pareceu-lhe mais promissor. Foi a partir de então que substitui a rigidez e abstração teórica do evolucionismo por uma teoria mais condizente com sua nova proposta: o difusionismo.

Ao contrário do evolucionismo, o difusionismo negava a crença em um desenvolvimento cultural unilinear, refutando a teoria de que todas as sociedades se desenvolveriam seguindo uma mesma trilha, sempre constante e ascendente (TRIGGER, 1999). Para os difusionistas como Friederich Ratzel (1844-1901) e William Rivers (1864-1922), a cultura de um povo seria um quebra-cabeça formado por traços advindos de diversas outras sociedades, as quais, de alguma maneira, seriam suas precursoras. As mudanças e os progressos adviriam das trocas culturais, sendo que cada sociedade aperfeiçoava-se ao adotar os elementos produzidos por outras.

Com isso, de acordo com o arqueólogo Bruce Trigger (1999), a teoria conseguia explicar as semelhanças entre povos separados por grandes distâncias e barreiras geográficas, pois subtendia que essas sociedades haveriam adquirido as mesmas propriedades culturais ao terem pertencido em algum momento de sua história a um núcleo populacional em comum, ou por haverem sido influenciadas por outros povos que eram portadores das características que agora compartilhavam. Sendo assim, as semelhanças entre as sociedades não se davam pelo fato de haverem atravessado as mesmas etapas de desenvolvimento, como acreditavam os evolucionistas, mas devido à existência do fenômeno de difusão desses traços culturais. Estes haveriam surgido em momentos históricos diferentes e distantes entre si, mas, sendo ininterruptamente difundidos, se desenvolveram de forma diferente em cada sociedade. Dentro dessa lógica, as novidades

Lagoa-Santa. [...] Seules, des recherches plus poussées permettraient d'arriver à une solution certaine. C'est là une étude que je compte entreprendre bientôt.

seriam extremamente raras, sendo muito mais comum o conceito de relíquia cultural, um traço cultural que é conservado e passado de geração a geração através dos tempos, podendo dele derivar a invenção de diversos outros traços (FERREIRA, 2009).

O difusionismo foi largamente adotado pela antropologia sociocultural americana do início do século XX. Esta tinha como principal expoente Franz Boas, geógrafo alemão que baseava seus estudos nas teorias da escola alemã difusionista, representada por Fritz Graebner e pelo padre Wilhelm Schmidt. Tal escola fundamentava-se na crença de complexos de culturas primárias que, espalhados por todo o globo, haveriam se modificado e dado origem a diferentes povos e culturas. Seus trabalhos compreendiam então a identificação dessas culturas primárias, às quais deveriam se reportar a maioria das culturas modernas (BARNARD & SPENCER, 2002).

Boas e Rivet corresponderam-se durante 25 anos por meio de cartas antes de conhecerem-se pessoalmente. Segundo Rivet, fora Boas o responsável por fazê-lo compreender a solidariedade existente entre as características físicas, biológicas, culturais e linguísticas dos diferentes ramos de humanos, além de despertar-lhe pela primeira vez a ideia da criação de um Museu da Humanidade, onde os visitantes pudessem ver a tabela completa das raças, das civilizações e das línguas do mundo (RIVET, 1858:251).

Dessa maneira, dialogando também com Boas, Rivet adotou o difusionismo e passou a estruturar suas pesquisas com uma nova temática: a compreensão das origens do Homem americano. Para isso, utilizou inicialmente a grande quantidade de material que trouxera do Equador, produzindo análises sobre a cultura dos índios, elaborando pequenos dicionários e classificações linguísticas, as quais eram comparadas entre si como uma tentativa de perceber os contatos existentes entre os diversos povos desse país. Posteriormente, com a realização de novas missões e a aquisição de outras fontes, ampliou sua área de estudos para todo o continente sul americano, tendo por último abrangido também os cruzamentos com o oceano Pacífico.

Compreendendo que através das trocas culturais as descobertas de uma sociedade eram compartilhadas por todas as outras, Rivet chegou à conclusão de que todas as raças eram identicamente importantes. O enfoque difusionista permitiu-lhe associar o Homem à sua cultura, e não unicamente à sua raça e natureza. Assim, seus estudos focaram-se, nessa época, na tentativa de descobrir as possíveis ligações e origens em comum de diferentes

povos indígenas da América do Sul, o que era feito principalmente através de comparações linguísticas. As fontes para essas comparações eram as mais diversas, como vocabulários modernos disponibilizados por antropólogos e compilados registrados por viajantes franceses nas mais diversas épocas. No artigo *L'origine des Aborigènes du Pérou et de la Bolivie* (1914), escrito em conjunto com Georges de Créqui-Montfort, os autores utilizaram até mesmo um texto escrito pelo padre jesuíta Alonzo de Barzana no século XVI, visando a comparar as línguas Uru e Pukina, consideradas por eles duas das quatro línguas gerais faladas no antigo Peru.

Nesse trabalho, os autores apontam que o vocabulário moderno dos Uru (índios do planalto boliviano) apresenta diversas semelhanças com o antigo dialeto Pukina, e que ambos pertencem ao mesmo tronco linguístico encabeçado pelo dialeto Arawak, amplamente difundido na América do Sul. Esses estudos demonstrariam que uma pequena fração dos Arawak habitou numa época antiga o planalto andino, dando origem aos Urus. Nessa mesma linha de raciocínio, mas algum tempo antes, os mesmos intelectuais publicaram o estudo *Linguistique Bolivienne – Le Groupe Otukè* (1912), realizando uma comparação entre o dialeto dos Otukos, índios da região nordeste da Bolívia, com as línguas Kovareka e Kuruminaka, faladas nos entornos da mesma região. Depois de uma análise detalhada dos três vocabulários realizada com a explanação de seus sufixos, prefixos e verbos, os autores chegaram à conclusão de que essas três línguas pertenceriam ao mesmo ramo linguístico, tendo provavelmente seus falantes descendido do mesmo grupo indígena.

As futuras pesquisas de Rivet seriam permeadas por esse empenho em compreender o fluxo de migrações responsáveis por levar o Homem ao continente americano. O grande interesse despertado pela Bolívia se deve, provavelmente, ao fato do país ser na época povoado majoritariamente por índios, os quais haviam travado pouquíssimos contatos com os estrangeiros. Vale a pena destacar também a substituição da ciência antropométrica – da qual não se faz nenhuma menção nos dois trabalhos – pela linguística, um dos principais métodos utilizados a partir de então pelo intelectual. Segundo ele mesmo, para solucionar as questões existentes sobre as origens do mais diversos povos da América conviria utilizar esse método de comparação, que consiste em “[...] *tomar como base das pesquisas os fenômenos e documentos da linguística americana, utilizando como suporte, se necessário,*

dados derivados da etnografia ou materiais fornecidos pela antropologia anatômica propriamente dita”⁹ (RIVET, 1914:201). Dessa maneira, Rivet coloca a Antropometria de lado, e passa a considera-la uma ciência auxiliar.

O desenvolvimento dos estudos de Rivet foi interrompido de 1914 a 1918, quando este é convocado para o exército durante a Primeira Guerra Mundial, mas são retomados logo após o término do conflito. Sua participação na guerra e as reflexões sobre os resultados desta o fariam discernir com mais clareza os problemas relativos às minorias étnicas e as consequências que as teorias racistas traziam, teorias que, segundo a filósofa Hannah Arendt (1979) e o historiador Marc Mazower (2001), fizeram parte corrente do final do século XIX e início do XX, sendo percebidas claramente em políticas de Estado de alguns países entre 1910 e 1920. O cenário social, histórico e cultural que permitiu ao racismo compor o principal baluarte da política nazista em 1930 já estaria instaurado antes mesmo da Primeira Guerra, e teria sido fortalecido com as sanções impostas à Alemanha no término do conflito (MAZOWER, 2001).

Sendo assim, em finais da década de 1920 já era possível visualizar que as doutrinas racistas possuíam papel marcante na sociedade, e começava-se a pensar o lugar dos homens considerados cientificamente menos evoluídos – como judeus negros e ciganos – no desenvolvimento das nações. É a partir de então que Rivet começa a aprofundar-se no estudo da pré-história, tentando compreender o surgimento do Homem e suas raças no período quaternário, acreditando que este poderia responder a questões da própria atualidade, em especial, no que se referia às questões raciais.

O intelectual passou a defender que negros, brancos e amarelos – as três raças nas quais se acreditava que a humanidade estava dividida – existiam desde o surgimento do Homem no planeta, tendo desde então se misturado, cruzando-se e absorvendo as características umas das outras, fossem elas culturais ou físicas. Dessa maneira, as interações e trocas entre elas aconteciam desde tempos imemoriais, tendo cada uma contribuído com pequenas descobertas para o avanço das outras.

⁹ Texto original : [...]prendre pour base de nos recherches les phénomènes et les documents de la linguistique américaine, étayés, en tant que de besoin, par des faits empruntés à l'ethnographie ou par des matériaux anatomiques fournis par l'anthropologie proprement dite.

A partir de então, sua produção científica aumenta com a elaboração de trabalhos sobre os mais diversos povos indígenas da América, em sua maioria contendo vocabulários e trabalhos de linguística comparada. Em 1924 publica o artigo *Les Mélanéso-polynésien et les Australiens*, onde iria sustentar pela primeira vez o argumento de que a América haveria sido povoada por grupos que migraram da Melanésia, Polinésia e Austrália. Tal argumento iria ser posteriormente desenvolvido no livro *As Origens do Homem Americano*, considerado por Rivet sua obra prima.

É também nessa época em que começa a estruturar um novo tipo de Etnologia para explicar as diferentes etapas de desenvolvimento das sociedades, as quais se davam principalmente em decorrência da antiguidade de alguns povos em relação a outros. Essa nova ciência se baseava na teoria difusionista e no conceito de solidariedade cultural entre os homens, defendido a partir do momento em que o intelectual reconhece o valor da troca mútua de experiências e a importância de cada sociedade para a humanidade como um todo. Nessa linha de pensamento, Rivet desenvolveu diversos trabalhos sobre a metalurgia americana, nos quais atribuiu aos antigos povos do México ou do Peru a descoberta, na América, do trabalho com o bronze, a prata e o chumbo. A dúvida entre os dois povos se daria pelo fato de que a metalurgia de ambos se assemelhava, mas seria praticamente impossível descobrir qual haveria influenciado o outro. A similitude em questão só poderia ser explicada por um empréstimo de uma cultura à outra, que teria ocorrido em razão das relações comerciais estabelecidas entre as duas (RIVET, 1921a). Dessa maneira, o intelectual interligou essas sociedades de modo a concluir que a atividade metalúrgica de uma não poderia existir sem a outra.

Como afirmado antes, essa nova abordagem etnológica partia do pressuposto de um histórico milenar de trocas entre as diferentes raças humanas, e sustentava que nenhuma raça haveria se desenvolvido de maneira “pura”, sem alguma colaboração ou influência das outras. Mesmo os povos que pareciam não haver sofrido muita miscigenação possuíam traços e características culturais comuns a outras sociedades, o que remetia a trocas muito antigas. Esse fluxo cultural, através do qual as sociedades popularizavam os conhecimentos e ajudavam uma às outras a se desenvolverem, caracteriza o que Rivet entendia como solidariedade cultural, conceito cuja utilização pode ser percebida, por exemplo, no trecho a baixo extraído do artigo *Les Mélanéso-polynésien et les Australiens*:

[...] Essa notável coerência de dados da antropologia, etnografia e linguística, que eu já havia apontado em outros exemplos na América, demonstra que, onde quer que a mistura de povos não tenha sido muito intensa, a solidariedade de características físicas, etnográficas e linguísticas pode ser encontrada e, em todos os casos, deve ser investigada.¹⁰ (RIVET, 1924:340).

Essas ideias defendiam a fluidez de uma solidariedade entre os povos do globo e a existência de uma dívida entre eles, já que todos haveriam sido influenciados entre si para conseguir alcançar seus diferentes estágios de desenvolvimento. O intelectual buscava assim pregar uma importância igual para todas as sociedades e também para todos os homens, apesar de sustentar que a cultura europeia deveria ser utilizada como guia para todos os povos.

No artigo *Musées de l'Homme et Compréhension Internationale* (1954b), Rivet demonstra como cada sociedade seria responsável por pequenas descobertas e, com a difusão destas, de sua cultura e sua língua, haveria colaborado no desenvolvimento de incontáveis outras. É bastante explícito, todavia, que o bom uso desses incontáveis elementos culturais teria sido feito pelo homem branco e, em especial, pela cultura europeia:

Do ponto de vista cultural, os museus de etnologia podem demonstrar claramente que todos os povos da terra, independentemente da cor de sua pele ou da forma de seus cabelos, contribuíram para o progresso da civilização e que nossa cultura europeia é em grande parte o resultado de contribuições vindas de todos os continentes, de todas as latitudes, de todas as longitudes. Não é minha intenção fazer aqui uma demonstração completa dessa verdade que deve saltar aos olhos dos visitantes de um verdadeiro museu do Homem. Basta recordar brevemente o que o Velho Mundo deve aos ((selvagens)) do Novo Mundo: o milho, a mandioca, a batata doce, a batata, o cacau, o feijão, o amendoim, a pimenta de Cayenne, o agave, o tabaco, a abóbora, a alcachofra, o tomate, o abacaxi, a coca, a quinua, a ipecacuanha, a borracha, para citar apenas o essencial. Podemos dizer sem exagero que as contribuições do Novo Mundo têm modificado as condições de vida na Europa e na África. É fácil também fazer um balanço das contribuições de outros continentes. É bom, é necessário que o Homem branco, que tão magnificamente utilizou todos esses elementos culturais

¹⁰ Texto original: Cette remarquable concordance des données de l'anthropologie, de l'ethnographie et de la linguistique, dont j'ai déjà signalé d'autres exemples en Amérique, montre que, partout où le brassage des peuples n'a pas été trop intense, la solidarité des caractères physiques, ethnographiques et linguistiques peut être mise en lumière et, en tout cas, mérite d'être recherchée.

exóticos, conheça a origem e compreenda o que ele deve a esses povos que o seu orgulho o conduz frequentemente a considerar como inferiores.¹¹ (RIVET, 1954b:84)

A vida do intelectual vai ganhando novo ritmo em 1926, quando cria junto a Marcel Mauss e Lucien Lévy Bruhl o Instituto de Etnologia da Universidade de Paris, tornando-se seu secretário geral. Dois anos depois foi eleito para a cadeira de Antropologia do *Muséum d'Histoire Naturelle*, assumindo também a direção do *Musée d'Ethnographie du Trocadéro*, já que os cargos eram ligados. No entanto, sua eleição não ocorreu de maneira calma, pois marcou dentro da Universidade de Paris o rompimento entre a Antropologia Física e a Antropologia Social, sendo esta última defendida por Rivet como maneira de legitimar a nova Etnologia de cunho humanista, defensora de que todos os povos da terra, independentemente da cor de sua pele ou da forma de seus cabelos, contribuíram para o progresso da “civilização” e, portanto, de uma civilização humana. Visto que esse novo modelo não era apreciado por uma grande parcela dos estudiosos, a disputa entre Paul Rivet e Henri Vallois – candidato da Antropologia Física – pela cadeira foi violenta, tendo este último se tornado uma inimidade que incomodaria o etnólogo especialmente em seus últimos anos de vida.

Ao assumir a direção do *Trocadéro*, Rivet nomeou George Henri Rivière como seu vice-diretor, e juntos os dois trabalharam para impingir um novo ritmo à instituição. A reformulação que conseguiram realizar estava relacionada ao contexto histórico e a valorização do patrimônio e dos museus que ocorria no começo do século XIX, quando a industrialização acelerada ocasionou bruscas mudanças nas paisagens e na vida da

¹¹ Texto original: Au point de vie culturel, les musées d'ethnologie peuvent démontrer clairement que tous les peuples de la terre, quelle que soit la couleur de leur peau ou la forme de leurs cheveux, ont contribué au progrès de la civilisation et que notre culture européenne est en grande partie la résultante d'apports venus de tous les continents, de toutes les latitudes, de toutes les longitudes. Il n'est pas dans mes intentions de faire ici une démonstration complète de cette vérité qui doit apparaître aux yeux des visiteurs dans un véritable musée de l'homme. Qu'il me suffise de rappeler sommairement ce que le Vieux Monde doit aux ((sauvages)) du Nouveau Monde : le maïs, le manioc, la patate douce, la pomme de terre, le cacao, le haricot, l'arachide, le poivre de Cayenne, les agaves, le tabac, le potiron, le topinambour, la tomate, l'ananas, la coca, le quinquina, l'ipécacuana, le caoutchouc, pour ne citer que l'essentiel. On peut dire sans exagération que l'apport du Nouveau Monde a bouleversé les conditions de vie de l'Europe et de l'Afrique. Il est facile de dresser un bilan aussi probant des apports des autres continents. Il est bon, il est nécessaire que l'homme blanc, qui a su si magnifiquement utiliser tous ces éléments culturels exotiques, en connaisse l'origine et comprenne ce qu'il doit à des peuples que son orgueil le conduit trop souvent à considérer comme inférieurs.

população, fazendo com que esta sentisse a necessidade de preservar seu passado e suas origens como uma maneira de se reconfortar frente a todas as mudanças que surgiam (MENEGUELLO, 2000).

Ao mesmo tempo, a Etnologia – que conforme abordado surgiu como um dos braços da Antropologia – consolidava-se como uma ciência independente, responsável por investigar as origens da humanidade com o intuito de descobrir as contribuições do Homem primitivo para a chamada civilização. A partir disso, Aureli Alves de Alcântara (2007) afirma que alguns museus passaram a dedicar em suas exposições espaços para a apresentação das culturas primitivas, já que até então os eventos eram destinados apenas à exposição daquelas que eram consideradas as “grandes obras da humanidade”, ou seja, que representavam o melhor que o gênio artístico humano poderia produzir.

É em tal contexto que se dá a reformulação do *Musée d'Ethnographie du Trocadéro*, empreendida por Rivet e Rivière assim que ambos assumem seus cargos de diretor e vice-diretor da instituição. A situação de abandono em que se encontrava o Museu pode ser observada ao constatar que a primeira atividade empreendida por Rivière foi a catalogação das peças, que não possuíam um registro organizado e muitas vezes se encontravam encaixotadas pelos corredores. A instituição também não possuía revistas, salas de estudo e nem mesmo um serviço técnico para a preservação de seus objetos. As verbas destinadas pelo governo eram pouquíssimas, na ordem de 20.000 francos por ano, o que era insuficiente para levar adiante as reformas pretendidas. No entanto, os dois intelectuais conseguem firmar diversos convênios e arrecadar doações¹² que permitiram que em dois anos, o orçamento do museu saltasse para 320.000 francos anuais (LAURIÈRE, 2008).

Mas para Rivière, o *Palais du Trocadéro*¹³ não era edifício adequado para abrigar uma instituição como um museu. Suas escadarias seriam muito grandes, as salas demasiado amplas e altas, além do prédio não possuir um espaço adequado para acondicionar

¹² Segundo Laurière (2008:394), o próprio Rivière doou grandes somas de dinheiro à *Société des amis du Musée d'ethnographie du Trocadéro* (SAMET), instituição reestruturada por ele mesmo que contava com diversos membros influentes da sociedade francesa. A SAMET foi responsável por fornecer a maior parte dos recursos financeiros complementares do Museu.

¹³ O *Palais du Trocadéro* foi construído pelo arquiteto Gabriel Davioud para abrigar a Exposição Universal de Paris de 1878. A exposição dedicou um espaço para a exibição de objetos rurais de uso tradicional francês, que acabaram por constituir a base do Museu Etnográfico do Trocadero.

escritórios e oficinas para o trabalho técnico especializado. Dessa maneira, em 1928 Rivet propõe a mudança da estrutura do prédio para que este pudesse

[...] agrupar em um único prédio as coleções do *Trocadéro*, o laboratório de antropologia do Museu, o instituto de etnologia da Universidade de Paris e todas as associações que se ocupam das raças humanas, com a justaposição das bibliotecas de todos esses organismos, cujo encontro formaria um conjunto incomparável¹⁴.

O projeto visava à construção de um grande centro de estudos etnológicos, mas somente foi levado a cabo dez anos depois com a inauguração do *Musée de l'Homme*.

As primeiras reformas realizadas no *Trocadéro* foram de caráter emergencial, como a aquisição de vitrines, materiais de escritório e o pagamento de funcionários. Em 1932, tem-se início a publicação semestral do *Bulletin du Musée d'ethnographie du Trocadéro*, projeto idealizado por Rivière. Ao mesmo tempo, o intelectual reformulou totalmente o caráter das exposições, incorporando elementos artísticos do Surrealismo aos recursos expográficos do museu (ALCÂNTARA, 2007), de modo a fazer a mediação entre o resultado das pesquisas antropológicas e a educação popular mais atrativo.

A partir de 1932, o *Musée d'Ethnographie du Trocadéro* começou a abrir novamente suas portas. As exposições temporárias que o reinauguraram já deixavam entrever, de certa maneira, as novas concepções museográficas e etnográficas adotadas, ligadas respectivamente às ideias da educação popular e da igualdade entre os homens, conceitos defendidos pelos dois intelectuais responsáveis pela reformulação.

No mesmo ano Rivet também travaria os primeiros contatos com o brasileiro Paulo Duarte, intelectual que foi posteriormente seu discípulo e tornou-se uma figura central para a estruturação da Arqueologia acadêmica no Brasil¹⁵. Em sua condição de exilado político

¹⁴ Texto original: [...] grouper dans un seul bâtiment les collections du Trocadéro, le laboratoire d'anthropologie du Muséum, l'institut d'ethnologie de l'Université de Paris et toutes les sociétés qui s'occupent des races humaines, avec juxtaposition des bibliothèques de tous ces organismes dont la réunion ferait un ensemble incomparable. Archives du musée de l'Homme. Série 2AM1 G2C: rapport sommaire de Paul Rivet sur le rattachement du musée d'Ethnographie du Trocadéro au Muséum national d'histoire naturelle (mai 1928) (FRIO-SALGAS, 2007), disponível em <http://bbf.enssib.fr/>. Acesso em: 26 maio 2012.

¹⁵ Paulo Duarte já conhecia o etnólogo devido a uma viagem que este empreendeu à São Paulo em 1928, quando visitou um sambaqui em Cubatão. Nessa ocasião, Rivet chegou a declarar que esses depósitos do litoral brasileiro poderiam fornecer dados capitais para o estudo das origens do Homem americano (ALCÂNTARA, 2007).

em Paris, Duarte frequentou as palestras de Etnologia que o diretor do instituto lecionava no *Jardin des Plantes*, sede do museu. A partir de então, o brasileiro começa a aprofundar-se no estudo da pré-história, instigado pelas conferências de Rivet e pela amizade que os dois já começariam a cultivar em razão das ideias de ambos sobre o desenvolvimento da sociedade através da educação.

A ciência de cunho humanista sustentada por Rivet, partidária da percepção dos povos como igualmente capazes de realizar contribuições culturais, levou-o também ao campo da atuação política. Na década de 1930, quando começavam a surgir diversos movimentos que buscavam apontar os perigos dos fascismos, o envolvimento do intelectual com organizações antifascistas e de combate as teorias de inferioridade racial foi marcante. Em 1934, Rivet, junto ao matemático Paul Langevin e o filósofo Alain Langevin, criou o Comitê dos Intelectuais Antifascistas – organização que passou a pertencer ao partido socialista (S.F.I.O.) – e em 1935 foi eleito conselheiro municipal de Paris pela Frente Popular¹⁶, a primeira grande conquista desse movimento que futuramente iria agrupar os partidos da esquerda francesa.

A luta pela defesa dos ideais de igualdade fez com que Rivet participasse, em janeiro de 1937, da criação do boletim bimestral *Races et Racisme*, que tinha como principal objetivo lutar contra a propagação das doutrinas racistas ao demonstrar a falta de fundamento científico destas. A revista desenvolvia estudos sobre biotipologia, hereditariedade, raças e mestiçagem, com o objetivo principal de se opor de forma coerente às doutrinas nazistas raciais. Até dezembro de 1939 a *Races et Racisme* conseguiu a publicação de doze brochuras, mas seu trabalho foi interrompido devido aos avanços da Segunda Guerra Mundial.

Diversos estudiosos (DUARTE 1960, ALCÂNTARA 2007, LAURIÈRE 2008) estão de acordo em afirmar que Rivet apenas ingressou na vida política em prol de seus

¹⁶ A Frente Popular francesa teve seu início em 1934 com a união dos Partidos Comunista (P.C.) e Socialista (S.F.I.O.). Em 14 de julho de 1935 intelectuais do partido comunista organizaram uma grande manifestação reunindo os principais partidos da esquerda francesa, além de movimentos de camponeses, jovens e ex-combatentes. A manifestação resultou no comparecimento de 500.000 pessoas e na formação do Comitê Nacional da Frente Popular, composto pelos delegados das organizações presentes. Suas discussões focavam-se inicialmente nos eventos de política estrangeira, procurando acompanhar de perto as atividades soviéticas, alemãs e espanholas, mas desdobravam-se também em políticas de bem-estar social e em projetos de educação popular. Fonte: Encyclopédie Larousse. Disponível em http://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/Front_populaire/120463. Acesso em: 26 maio 2012.

ideais humanistas. Suas duas carreiras, a acadêmica e a política, estavam profundamente imbricadas, pois esta última seria o meio encontrado por ele para defender de forma mais profícua seus ideais de igualdade entre os homens.

Depois de eleito conselheiro municipal de Paris e tendo sido o candidato mais votado da Frente Popular, sua influência permitiu-lhe agir de forma mais incisiva por aquilo que acreditava ser a dignificação dos homens, combatendo as iniciativas fascistas francesas e elaborando projetos de educação popular¹⁷.

Seu combate pela popularização da educação inseria-se na luta pela dignificação da humanidade, pois acreditava que a independência de um povo somente poderia ser atingida a partir da extinção das desigualdades econômicas e sociais:

Um ser que não mata a fome não é livre, um ser que não pode ler um jornal não é livre. É claro que a melhora do nível de vida material e cultural não é uma condição suficiente da liberdade, mas é uma condição necessária. Para usar o jargão da moda, é a condição “prévia” indispensável (RIVET, 1958b:458).

Dessa maneira, salientou o caso de países como a Bolívia e a Índia, que possuíam na época mais de 70% de sua população analfabeta. Esses países consideravam-se independentes, mas sua população não o era, e a grande maioria ignorava o real valor da liberdade. Dentro dessa lógica, os educadores e intelectuais ganhavam um papel de suma importância, e tinham a obrigação de serem homens de ação e sair da exclusividade do meio acadêmico, de modo a intervir na sociedade. Esta por sua vez, deveria compreender que o caminho da liberdade passava obrigatoriamente pela cultura.

¹⁷ Mesmo nas épocas mais conturbadas por que passou sua vida política, Rivet nunca abandonou os estudos etnológicos. No entanto, sua produção acadêmica diminuiu consideravelmente entre 1939 e 1942, quando os desenvolvimentos advindos da Segunda Guerra Mundial iriam absorvê-lo quase por completo. O número de trabalhos registrados no período, que totalizam nove publicações, é igual ao número de artigos que o intelectual produz no ano de 1938. Com o fim da guerra seus estudos seriam retomados, tendo em 1946 registrado oito publicações (RIO, 1958).

1,3: O *Musée de l'Homme*: um Novo Tempo para a Etnologia Francesa

Em junho de 1938 ocorreu a inauguração do *Musée de l'Homme*, que, para Rivet, se tornava o lugar ideal para a veiculação dessas ideias. Fruto da grande reformulação empreendida por Rivet e Rivière no *Musée d'Ethnographie du Trocadéro*, a nova instituição diferenciava-se tanto da antiga que havia exigido até mesmo a destruição do *Palais du Trocadéro*, o edifício que antes a sediava, para a construção de um espaço que melhor atendesse as necessidades de um grande museu. Surgia assim o *Palais de Chaillot*, cujas instalações foram pensadas para abrigar o centro de estudos etnológicos idealizado por Rivet. No novo espaço foram reunidas as coleções do *Trocadéro*, da Biblioteca dos Americanistas e do Instituto de Etnologia da Universidade de Paris, além da instalação de laboratórios, salas de conferência e dos recursos técnicos necessários para a manutenção das coleções.

Dois anos antes Rivet modificou o nome de sua cadeira para “Etnologia dos homens atuais e dos homens fósseis”, declarando assim a substituição da Antropologia pela nova Etnologia. A substituição do nome de sua cadeira, para além de uma escolha teórica e metodológica, mostrava-se também política. “Os homens”, como exposto no título da cadeira, configuravam-se como centro de suas investigações tanto no passado como no presente; não se tratava mais de raças, povos ou nações. O Museu do Homem foi utilizado como um meio de propaganda para difundir essa ciência, cujos estudos, guiados pelo intelectual, pregavam uma maior compreensão entre os homens, os povos e até mesmo entre as nações, na medida em que defendiam de fato a existência de um sentimento de solidariedade entre toda a humanidade. Essa dívida, como já abordado, compreendia as trocas históricas de experiências, ferramentas, objetos e técnicas e, segundo Laurière (2007), consistiria num princípio de caridade epistemológica que procurava frisar como a origem desses conhecimentos haveria sido complicada. Os artefatos destacados nas exposições não eram necessariamente invenções excepcionais, mas objetos do cotidiano que ao permitir o progresso de um indivíduo haveriam permitido o de todos, sendo adicionados ao patrimônio comum da humanidade.

As vitrines da instituição exibiam assim vestimentas, louças e diversos outros artefatos de várias sociedades, visando a torná-las conhecidas e demonstrar a importância de cada uma delas para o desenvolvimento tecnológico e intelectual da humanidade. Além disso, procurava-se também salientar as aptidões em comum existentes entre essas culturas e a sociedade francesa que frequentava o museu, de modo a demonstrar as aproximações e/ou semelhanças entre ambas. Nesse sentido, apesar da proposta democrática, levantava-se também a percepção de que era na Europa, e mais especificamente na França, que se fazia o melhor uso das contribuições advindas de todas as culturas.

Durante as exposições, as galerias eram organizadas para oferecer ao público a visão de um grande número de objetos típicos de diversas sociedades, de modo a que este pudesse compará-los com relativa facilidade. Os artefatos eram acompanhados de explicações, fotografias e outros tipos de material que forneciam informações sobre a sociedade que os havia produzido, para que o público se inteirasse também de seus aspectos geográficos, sociológicos e técnicos. As vitrines e exposições deveriam ser renovadas constantemente para que os frequentadores sempre encontrassem algo novo, e sua organização e linguagem deveria ser simples, para que fosse acessível a todos:

Um Homem qualquer, isto é, desprovido de cultura ou dotado de uma cultura rudimentar, uma criança, deve sair de um museu enriquecido com os novos conceitos, precisos, simples. Para que ele alcance o conhecimento, deve facilitar-se-lhe o acesso, despertando sua curiosidade. Portanto, é indispensável que a apresentação seja despojada de todo pedantismo, de todo vocabulário técnico. Tudo pode ser expresso, explicado e comentado em uma linguagem acessível a todos.¹⁸ (RIVET, 1948:68)

Outro aspecto importante a ser mencionado foi o caráter extremamente pedagógico que Rivet e Rivière impingiram ao museu. Dentro dos objetivos pretendidos havia o apoio à ida de especialistas e estudiosos à instituição, a realização de conferências científicas e o incentivo a que escolas e todo tipo de associação frequentassem o local, com a realização

¹⁸ Texto original: Un homme quelconque, c'est-à-dire dénué de culture ou doté d'une culture rudimentaire un enfant, doivent sortir d'un musée enrichis de notions nouvelles, précises, simples. Pour l'élever à la connaissance, il faut lui en faciliter l'accès, en éveillant sa curiosité. Il est donc indispensable que la présentation des collections soit dépouillée de tout pédantisme, de tout vocabulaire technique. Tout peut en effet s'exprimer, s'expliquer, se commenter en un langage accessible à tous. Il n'y a pas de tâche plus difficile, mais il n'est pas d'objectif plus exaltant pour un conservateur que de s'appliquer à travailler pour le plus humble des visiteurs qui pénétreront dans l'établissement qu'il dirige.

de exposições mais atrativas para esse público. Essa última tarefa levou os intelectuais a uma busca por elementos e recursos que melhorassem as formas de repassar o conhecimento científico.

O museu foi assim primordialmente entendido como um serviço público, e como tal, deveria ser voltado para a população. Segundo Rivet, muitos pensadores acreditavam que essas instituições destinavam-se exclusivamente à elite, e recusava-se a ser um de seus representantes. Para ele, os museus possuíam um importante papel social, pois constituíam um meio essencial de educação popular:

Como o museu é feito para o povo, ele deve ser acessível nos horários em que todos os trabalhadores estão livres, ou seja, durante os dias e os horários de repouso, os domingos, os dias de festa, e depois do jantar. Isso exige da equipe esforço e sacrifício, mas esforço e sacrifício podem facilmente ser obtidos dela, se soubermos instigar-lhe o sentimento de solidariedade social, se nós a fizermos compreender a grandeza da ação educativa da qual ela participa e, sobretudo, se de cima para baixo da escada hierárquica, cada um mostrar que está a disposição e a serviço do visitante [...] ¹⁹ (RIVET, 1954b:69).

A criação do Museu do Homem foi uma das obras mais importantes de Paul Rivet. Numa época em que as teorias racistas e os totalitarismos distorciam o conhecimento científico para justificar suas aspirações opressoras e de exclusão, o intelectual utilizou a instituição como um método de ação, um meio de intervir junto à sociedade para difundir um discurso igualmente científico, mas que repudiava essas ideias através da defesa da igualdade de todos os seres humanos. Nesse sentido, a instituição tornou-se um lugar de propaganda, onde a Etnologia, a Arqueologia e a Linguística demonstravam, através de meios científicos, que as raças humanas eram intelectualmente semelhantes. Em suas palavras,

[...] o estudo do Homem pode e deve, pela intermediação dos museus, demonstrar que os grupos humanos atuais são o resultado de múltiplas

¹⁹ Texto original: Puisque le musée est fait pour le peuple, il doit lui être accessible aux heures où les travailleurs de toutes catégories sont libres, c'est-à-dire pendant les heures et les jours de repos, le dimanche, les jours de fête, et après dîner. Ceci exige du personnel un effort et un sacrifice, mais effort et sacrifice peuvent être facilement obtenus de lui, si On sait l'animer du sentiment de solidarite sociale, si on lui fait comprendre la grandeur de l'action éducative à laquelle il participe et surtout si, du haut en bas de l'échelle hiérarchique, chacun montre qu'il est à la disposition et au service du visiteur. [...]

mestiçagens²⁰, e que seria vão procurar em sua composição um argumento a favor do racismo. Ele pode e deve provar a solidariedade de todos os povos da terra, exaltar e fortalecer o sentimento das interações culturais que, ao longo dos tempos, são produzidas entre os diversos continentes; ele pode e deve tornar o Homem confiante quanto a seu destino e provar-lhe que é no caminho da compreensão internacional e da solidariedade humana que ele pode mover-se com confiança em direção a um futuro melhor.²¹ (RIVET, 1954b:84)

Em 1939, os contatos entre Rivet e Paulo Duarte foram retomados, pois o brasileiro refugiou-se novamente em Paris em decorrência de seu segundo exílio, voltando a frequentar os cursos do museu. Seus dias iniciais em Paris passava-os a maior parte na instituição, frequentando os cursos, consultando a biblioteca e conversando com Rivet. A grande amizade que esses dois intelectuais desenvolveram remonta-se a esse período, quando permaneciam longas horas no gabinete do diretor do Museu conversando sobre os desenvolvimentos de centros de pesquisa e dos estudos etnográficos na América do Sul. Segundo Duarte, nessas inúmeras conferências ele se deu conta de que encontrara no etnólogo um apoio à sua maneira de encarar o mundo, já que ambos estavam convencidos de que a educação era o grande problema da América do Sul, e que se essa fosse levada a sério, a grande maioria das lamentáveis crises do continente seria evitada (DUARTE, 1980: 95).

O contato com as ideias e o projeto que estava sendo levado a diante no Museu do Homem despertaram em Duarte o interesse pela Pré-História e pela Arqueologia, duas das disciplinas utilizadas no Museu para demonstrar a contribuição das diversas culturas para o desenvolvimento dos homens. A partir de então, ele se especializaria nessas duas ciências, pensando em sua aplicabilidade no Brasil para estudar como se deu a origem do Homem no

²⁰ Para Rivet, o conceito de mestiçagem denominava o cruzamento ou a mistura de raças. É importante recordar que apesar de negar a existência dessas na atualidade, o intelectual defendia que a partir de seu surgimento o Homem poderia ser dividido em três raças distintas: negroide de Grimaldi, Cro-Magnon e Cancelade – que corresponderiam ao negro, branco e amarelo. No entanto, estas haveriam se cruzado e misturado inúmeras vezes, o que invalidava a existência de raças puras na atualidade.

²¹ Texto original: [...] l'étude de l'homme peut et doit, par l'intermédiaire de nos musées, démontrer que les groupements humains actuels sont le résultat de multiples mélanges, et qu'il serait vain de chercher dans leur composition un argument en faveur d'un racisme. Elle peut et doit prouver la solidarité de tous les peuples de la terre, exalter et fortifier le sentiment des interactions culturelles qui, au cours des âges, se sont produites entre les divers continents; elle peut et doit rendre confiance à l'homme dans son destin et lui prouver que c'est dans la voie de la compréhension internationale et de la solidarité humaine qu'il peut s'acheminer en toute confiance vers un avenir meilleur.

país. Esta dissertação centra-se justamente na proposta de compreender esse cenário plural encontrado por Duarte na França e as reflexões que ele teria trazido ao Brasil.

Em 1940 Rivet nomeou Duarte seu assistente pessoal, e ambos passaram a dividir não só o trabalho burocrático da instituição, mas também as aflições provenientes dos avanços da Segunda Guerra Mundial e do nazismo. Segundo Duarte, a guerra fora transformando aos poucos o cotidiano de Paris, o que podia ser observado nas feições dos habitantes da cidade, pois estas se endureciam conforme as tropas alemãs continuavam avançando. O som das sirenes que anunciavam os ataques aéreos, o desespero da população para chegar ao abrigo e até mesmo o Arco do Triunfo e a *Avenue Champs Elisées*, ficaram marcados em sua memória como retratos do ambiente que então tomava conta da cidade:

“Mais uma vez desisti do ‘metro’ na Etoile. O velho Arco do Triunfo me contemplava, com alguns sacos desmoronados na pilha que protegia ‘Le Départ’. Desci a ‘Avenue Champs Elisées’. Caminhões, carros, até carrinhos de crianças passavam cheios de malas e embrulhos. O êxodo ia movimentado. Criancinhas, deitadas no chão chupavam o seio das mães sentadas. Lá em baixo, o obelisco me olhava também com a sua polaina de sacos de areia. Tudo diferente dos outros dias. Um nó na garganta. Estaria assistindo à agonia de Paris?...” (DUARTE, 1979:116).

O *Musée de l’Homme*, no entanto, continuava a funcionar normalmente, visto que seu diretor recusava-se a abandoná-lo. Como seus ideais, e também os do museu, se opunham totalmente aos dos alemães, manter o funcionamento normal da instituição significava enfrentar os princípios nazistas de frente, sustentando um discurso de igualdade racial fundamentado em sólidos estudos contra a teoria da superioridade alemã. Rivet, no entanto, dissuadiu diversos funcionários a abandonarem a cidade, entre eles Duarte, o qual fora encarregado de transportar um importante pacote até os Estados Unidos. Posteriormente, demonstrando seu grande apreço pelo brasileiro, o intelectual confessara que tal pacote não possuía importância alguma, mas havia sido a única maneira de convencê-lo a abandonar Paris (DUARTE, 1979).

Dessa maneira, em 14 de junho de 1940, dia em que as tropas alemãs invadem Paris, Rivet abriu normalmente o museu, e fixou em sua entrada o poema *IF*, de Rudyard Kipling,

o qual utilizou a partir de então como inspiração²². O intelectual provavelmente se identificou com grande parte da composição, e adotou-a como mote de ação. Anos mais tarde em seu exílio em Bogotá, afirmaria que ela sempre o animava a seguir em frente e a recomeçar quando as coisas pareciam perdidas²³.

Os trechos do poema e a atitude de fixa-lo à entrada da instituição deixam a entrever que Rivet não tinha qualquer intenção em apoiar o avanço dos alemães em Paris. Ao contrário, o momento em que os nazistas ocupavam a cidade, para ele, era quando a sociedade mais precisava do museu, pois apesar de toda a pressão nazista este tinha como dever lembrar à população da dignidade de todos os seres humanos. Dessa maneira, as coleções mais importantes foram evacuadas no caso de um ataque, mas o museu continuou funcionando normalmente, e seu diretor conseguiu ainda promover duas novas exposições antes de se ver obrigado a abandonar a instituição em fins do ano de 1940²⁴.

Segundo Laurière (2008), os últimos seis anos antes da invasão alemã despertaram o no intelectual o gosto pela luta política e pelo combate contra o fascismo e as teorias de

²² Se (Rudyard Kipling)

Se és capaz de manter a tua calma quando
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;
De crer em ti quando estão todos duvidando,
E para esses no entanto achar uma desculpa;
Se és capaz de esperar sem te desesperares,
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar - sem que a isso só te atires,
De sonhar - sem fazer dos sonhos teus senhores.
Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
Em armadilhas as verdades que disseste,
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
Resignado, tornar ao ponto de partida;
De forçar coração, nervos, músculos, tudo
A dar seja o que for que neles ainda existe,
E a persistir assim quando, exaustos, contudo
Resta a vontade em ti que ainda ordena: Persiste!

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes
E, entre reis, não perder a naturalidade,
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,
Se a todos podes ser de alguma utilidade,
E se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
E o que mais --tu serás um homem, ó meu filho!

Tradução de Guilherme de Almeida disponível em
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u92310.shtml>>. Acesso em 30 mar. 2012.

²³ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais – Pessoas – Pasta P 49: En el Instituto de Etnología. *El Tiempo*, Bogotá, 05 jul. 1941.

²⁴ As exposições faziam parte de um novo programa sobre o império colonial francês. A primeira foi lançada em 23 de novembro de 1939, tendo como título *Afrique noire française*. A segunda foi consagrada à Indochina francesa, e foi inaugurada em 23 de março de 1940.

inferioridade racial. É assim que juntamente ao Anatole Lewitzky, Yvonne Oddon e Boris Vildé criou o primeiro grupo de resistência aos alemães em Paris, apelidado por eles mesmo de *Reseau du Musée de l'homme*, o qual funcionava basicamente nas instalações do museu e era comandando por Vildé. O grupo editou um pequeno jornal clandestino chamado *Résistance*, cujo primeiro número data de dezembro de 1940 e indicava como deveria ser organizada a luta contra os invasores (RACINE, 2007). O núcleo de resistência funcionou durante oito meses, até que foi denunciado à Gestapo em fins de 1940. Rivet conseguiu fugir horas antes de ser preso, mas os outros três integrantes e também a funcionária Deborah Lifschitz foram levados pela polícia secreta alemã. Desses, apenas Yvonne Oddon sobreviveu.

1,4: Exílio e Luta Contra as Teorias de Inferioridade Racial

Durante a ocupação alemã da França, Rivet refugiou-se na Colômbia a convite do então presidente Eduardo Santos. Devido às diversas missões científicas que empreendeu na América Latina durante o período entre guerras – realizadas tanto no antigo *Musée d'Ethnographie du Trocadéro* quanto no *Musée de l'Homme* – o intelectual adquiriu certo prestígio no continente e recebeu alguns convites de governos que se dispunham a acolhê-lo em troca dos possíveis serviços científicos que poderia prestar. Dessa maneira, desembarca na Colômbia em maio de 1941, tendo como responsabilidade a organização de um instituto de Etnologia no país.

O intelectual declararia sua gratidão ao país e também a Eduardo Santos em diversas ocasiões, como na inauguração do Instituto Nacional de Etnologia em quatro de julho de 1941, do qual foi diretor durante os dois anos em que permaneceu no país. A partir de então, voltou-se exclusivamente para os estudos do Homem americano, elaborando no exílio a primeira edição da obra *As Origens do Homem Americano*, publicada no Canadá com uma tiragem de 5.000 exemplares e logo depois traduzida para o espanhol e levada para o México. A última versão do livro foi uma edição brasileira, traduzida por Paulo Duarte e publicada pela editora Anhambi²⁵ em 1960.

²⁵ O nome da editora Anhambi foi substituído em algumas obras publicadas na década de 1960 por “Anhambi”.

Foi também durante o exílio que Rivet passou a lutar com mais afinco para difundir suas teorias sobre a importância e a igualdade de todas as raças, sendo esse o principal objetivo das conferências que ministrou na ocasião em diversos países da América como Estados Unidos e México. No discurso proferido durante a inauguração do instituto colombiano visualiza-se como ele articulava seus estudos científicos com o combate às teorias de inferioridade racial, demonstrando para os ouvintes que a tese da superioridade europeia não possuiria fundamento algum:

Sabemos agora [...] com toda certeza, que, na Europa Ocidental, a algumas centenas de séculos, quero dizer, no último período da época quaternária, coexistiam três tipos humanos, três raças inteiramente distintas: uma raça, chamada negroide de Grimaldi, de 1.66 metros de altura, com caracteres muitos semelhantes aos dos negros atuais, africanos y oceânicos; uma raça, chamada Cro-Magnon, de 1,87 metros de altura, cujas características pertencem sem dúvida a uma raça branca, e por fim, uma raça, chamada Cancelade, de estatura muito pequena, de 1,52 a 1.57 metros no máximo, que tem os rasgos essenciais da raça mongoloide. Uma descoberta sensacional, feita em 1933, perto de Pequim, na China, demonstra que na Ásia, na mesma época geológica, esses três tipos raciais existiam e viviam juntos. Resulta, desses dados, aceitos unanimemente pelos etnólogos que, desde tempos imemoriais, coexistiram, se cruzaram, se misturaram, na Europa e na Ásia, três tipos raciais humanos: negro, branco e amarelo. Se agora recordamos, pelo que se relaciona a Europa que, no transcurso dos tempos, se deu a invasão dos bárbaros, a conquista romana, todos invasores sem unidade étnica porque resultavam já de múltiplos cruzamentos, e que esses invasores se uniram com os descendentes de das três raças anteriores já mestiçadas, resulta que é uma equivocação absurda, senão uma mentira desavergonhada, falar agora de raça pura e querer estabelecer sobre esta base anticientífica uma teoria imperialista de hegemonia e de superioridade étnica. Os europeus atuais, quaisquer sejam suas nacionalidades, não são mais que mestiços, e desde tempos imemoriais²⁶.

Com esse tipo de fala, Rivet procurava demonstrar que a igualdade e a solidariedade entre os homens não eram apenas ideais, mas conceitos fundamentos através de pesquisas acadêmicas das quais ele tinha profunda convicção. Segundo ele, essas pesquisas eram realizadas dentro de uma disciplina designada tecnicamente de Etnologia, mas que em língua corrente poderia ser traduzida por Ciência do Homem. Apesar disso, segundo ele,

²⁶ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais – Pessoas – Pasta P49-Paul Rivet: *En el Instituto de Etnología. El Tiempo*, Bogotá, 05 jul. 1941.

não haveria ciência “*por mais abstrata que seja, que não tenha como objetivo final o Homem e suas relações com o meio em que vive, luta e morre*”²⁷.

No entanto, as realizações e a luta do intelectual pela valorização da diversidade cultural eram limitadas por suas próprias concepções, já que ele acreditava de forma consistente numa superioridade cultural europeia, como pode ser observado no trecho a seguir extraído do artigo *Etude des Relations Culturelles Entre l’Ancien et le Nouveau Continent*, produzido anos depois para o Encontro de Intelectuais de São Paulo de 1954:

Eis outro exemplo que ilustra claramente a diferença de comportamento entre um norte-americano e um europeu, no que concerne ao passado. Eu andava com um de meus amigos dos Estados Unidos no terraço do *Palais de Chaillot*, de onde podemos desfrutar de um maravilhoso panorama de Paris, uma das mais belas paisagens humanas do mundo. Meu amigo é um grande intelectual com uma sensibilidade apurada. Em certo momento, eu lhe disse: “Que miséria pensar que todas essas belas coisas, todo esse legado de beleza e glória poderia haver ser destruído por duas bombas atômicas!” Eu o senti profunda e sinceramente emocionado, mas foi com uma voz vibrante, não de emoção, mas de confiança, que ele me respondeu: “Mas Rivet, nos os reconstruiríamos”. Essa frase exprime toda a magnífica fé do Homem na técnica que seu povo detém, mas também a assustadora falta de compreensão dos sentimentos que nos unem, nós europeus, a tudo aquilo que invoca e nos mantém presente a imagem de nosso passado [...]. O espírito dos homens pode reconstruir Chicago, Nova York, São Paulo ou Buenos Aires. Ele é incapaz de reerguer Roma, Atenas, Angkor, Sevilha, Londres, Paris ou Cuzco.²⁸ (RIVET, 1954a:11).

O trecho em destaque demonstra que o intelectual valorizava o desenvolvimento técnico norte-americano, mas acreditava que lhe faltava conteúdo espiritual, o qual se encontrava especialmente presente no “nós europeus” de sua fala. Nesse sentido, desvalorizava cidades como Chicago e São Paulo, afirmando que ambas poderiam ser

²⁷ Ibidem.

²⁸ Texto original : Voici un autre exemple qui met bien en lumière la différence de comportement d’un Nord-Américain et d’un Européen, vis-à-vis du passé. Je promenais un de mes amis des Etats-Unis sur la terrasse du Palais de Chaillot, d’où l’on jouit d’un admirable panorama de Paris, un des plus beaux paysages humains qui soit au monde. Mon ami est un grand intellectuel d’une exquise sensibilité. A un moment donné, je lui dis : « Quelle misère de penser que toutes ces belles choses si émouvantes, tout cet héritage de beauté et de gloire pourraient être anéantis par deux bombes atomiques ! » Je le senti profondément et sincèrement émi, mais ce fut avec une voix vibrante, non pas d’émotion, mais de confiance, qu’il me répondit : « Mais, Rivet, on les reconstruira ». Cette phrase exprime toute la magnifique foi de l’homme dans la technique que son peuple détient, mais aussi l’effrayante incompréhension des sentiments qui nous attachent, nous Européens, à tout ce qui évoque et maintient présente parmi nous l’image de notre passé [...]. Les génies des hommes peut reconstruire Chicago, New York, Sao Paulo ou Buenos Aires. Il est incapable de rebâtir Rome, Athènes, Angkor, Séville, Londres, Paris ou Cuzco.

reconstruídas porque necessitavam apenas de técnica, enquanto que cidades europeias como Paris ou Roma e, mesmo algumas singulares na América, nunca poderiam ser reerguidas, já que uma vez destruídas, se perderia todo o conteúdo cultural que elas carregavam.

Durante o exílio Rivet também foi nomeado Conselheiro Cultural para a América Latina pelo General de Gaulle, o que o fez percorrer diversas regiões do continente americano como Canadá, México e Estados Unidos, com a missão de estabelecer laços culturais entre a França e esses países por meio da realização de cursos e conferências. Tais conferências acabavam abordando, na maioria das vezes, as teorias de inferioridade racial diante da ciência, tema que era apoiado por Franz Boas, antigo amigo do intelectual. Boas foi o responsável por articular a ida de Rivet aos Estados Unidos em dezembro de 1942, ocasião em que o primeiro falece, pouco tempo após ouvir um discurso em que o amigo o engrandecia como um dos maiores cientistas de sua época. No tributo escrito em sua homenagem algum tempo depois, Rivet narra seu último encontro com Boas, destacando-o como um grande defensor da causa humanista:

A última vez que o vi, foi o dia de sua morte, 21 de dezembro de 1942. [...] Em certo momento, ele me perguntou se eu faria as conferências em Nova York. Eu lhe respondi que tinha escolhido como tema: o racismo frente à ciência, desculpando-me por escolher um tema tão banal. Ele se exaltou: Não Rivet, esse não é um assunto esgotado, deve-se continuar sempre e em toda parte essa cruzada contra o racismo. Nesse momento, eu o vi endurecer-se em seu assento e cair para trás com um grito. Ele morreu proclamando uma última vez aquela que tinha sido a regra de sua vida, sua fé na igualdade dos homens.

Boas, mantendo-se fiel à Alemanha e aos Estados Unidos, foi verdadeiramente um grande cidadão do Mundo²⁹. (RIVET, 1958c:251)

Rivet considerava o antropólogo como seu mestre. A grande admiração que nutria por ele deve-se em grande parte aos seus estudos sobre a interdependência dos homens e à sua luta contra o Terceiro Reich. Ao dizer que Boas morreu como um cidadão do mundo e

²⁹Texto original: La dernière fois que je l'ai vu, ce fut le jour de sa mort, la 21 Décembre 1942. [...] A un moment donne, il me demanda si je ferais des conférences a New York. Je lui repondis que j'avais choisi comme theme: le racisme devant la science, m'excusant d'avoir choisi un sujet si rebattu et si banal. Il s'ecria: Mais non, RIVET, ce n'est pas un sujet épuisé, il faudra continuer, toujours et partout, cette croisade contre le racisme. A ce moment, je le vis se raidir sur son siege, tomber a la renverse en poussant un cri. Il était mort en proclamant une dernière fois ce qui avait été la règle de sa vie, sa foi en l'égalité des hommes.

BOAS, tout en restant fidele A l'Allemagne et aux Etats-Unis, a été vraiment un grand citoyen du Monde.

não só de um país, fica claro que Rivet valorizava a capacidade que o antropólogo possuía de reconhecer em qualquer pessoa um semelhante, e de se aplicar ao estudo dos homens como finalidade última, não importando em qual lugar do mundo estivesse.

O tema em questão iria permear grande parte das cartas trocada na época entre Duarte e Rivet, as quais atestam o sonho de ambos por uma “pátria mundial”, uma pátria única que seria formada por todos os povos e onde todos tivessem os mesmos direitos e deveres (DUARTE, 1960). Tal desejo foi instigado também pela difícil condição de exilado a que ambos foram submetidos, sobretudo Duarte, o qual teve que fugir primeiramente do Brasil e depois da França. Segundo Alcântara (2007), a ideia de Rivet de uma humanidade una, na qual todas as pessoas sem importar sua origem haveriam contribuído para alcançar o desenvolvimento comum, atraiu Duarte, e fez com que ele substituísse a preocupação nacional pela preocupação com a humanidade com um todo. Dessa maneira, a convivência entre os dois intelectuais fortaleceu cada vez mais o fluxo de ideias entre ambos, e eles passaram a dividir não só as angústias do exílio, mas também ideias sobre parcerias franco-brasileiras para a realização de estudos etnológicos.

Antes de voltar para a França, em outubro de 1944, Rivet ainda fundou no México o Instituto Francês da América Latina e a Biblioteca Francesa. Ao voltar a seu país reassumiu seu posto no Museu do Homem, o qual estava sendo dirigido em sua ausência por Henri Valois. Por reconhecer em Valois um colaboracionista dos alemães, o intelectual recusou-se a travar qualquer contato com ele, o que aumentou ainda mais a inimizade entre os dois.

Deixando as desavenças a parte, Rivet articulou o regresso de Paulo Duarte a Paris no inverno de 1944 com o objetivo de torna-lo oficialmente um funcionário do museu, encarregando-o de cuidar da seção etnográfica brasileira. Para isso, os dois criaram dentro da instituição o *Institut Français des Hautes Etudes Brésiliennes*, com o objetivo de estreitar os laços entre os dois países através da promoção de pesquisas e da troca de experiências culturais, o que seria realizado por meio do oferecimento de cursos, bolsas de estudos para estudantes brasileiros e exposições da música, literatura e arte brasileira. O projeto compreendia também a instalação de um instituto semelhante no Brasil que ofereceria bolsas de estudos a pesquisadores franceses e divulgaria a cultura francesa no país, mas este não foi levado a cabo devido à falta de subvenções por parte do governo brasileiro (BACKX, 2010).

Rivet, por sua vez, submergia em sua luta contra as teorias de inferioridade racial. Os cargos políticos que ocuparia, as orientações do museu e também os trabalhos por ele publicados, frisavam a importância de se reconhecer a solidariedade existente entre todos os povos e a importância de cada um deles. Dessa maneira, ao ser eleito no ano de 1945 deputado socialista do primeiro setor de Paris, utilizou o cargo para defender o reconhecimento do Estado livre do Vietnã, a ser governado por Ho Chi Minh, por acreditar que a França deveria se adaptar a novas formas de relacionamento com suas colônias. As mesmas questões coloniais fariam ainda com ele se desprendesse do grupo parlamentar socialista em 1948, por ser contrário aos métodos de repressão e tortura empreendidos pelo Estado francês na Indochina e em Madagascar, além de ser expulso do partido socialista por recusar-se a seguir suas orientações (DUARTE, 1960).

Em 1947 foi eleito vice-presidente da Liga dos direitos do Homem, e apesar de imerso em sua atividade política, organizou no mesmo ano o XXVIII Congresso dos Americanistas, o primeiro a ser realizado após o término da Segunda Guerra Mundial. Realizado em Paris, o Congresso obteve um surpreendente sucesso, reunindo mais de 250 congressistas de 32 diferentes países.

Quanto ao Museu do Homem, as exposições de roupas, pontas de lanças, cerâmicas e qualquer outro tipo de material criado ou modificado pelo Homem, ou seja, as exposições de cultura material, continuaram a ser a principal prática utilizada para demonstrar a importância de todos os povos. Nesse sentido, Alcântara afirma que a ciência etnológica defendida por Rivet, ao comparar os artefatos de diversas culturas com o objetivo de salientar a igualdade entre elas, adotou a Arqueologia como principal método de ação. Essa ciência seria responsável por despertar na população a noção de identidade e pertencimento a uma humanidade única, demonstrando a contribuição de todos os seres humanos “*para a continuidade e o desenvolvimento da espécie, ativando a solidariedade e as interações culturais entre os povos*” (ALCÂNTARA, 2007).

As missões científicas empreendidas pelo museu ganhavam assim enorme importância e caráter imperialista, pois era principalmente através delas que se recolhiam novas peças e formavam-se as novas coleções. Dessa maneira, depois de inaugurado em julho de 1945, o *Institut Français des Hautes Etudes Brésiliennes* teve como uma de suas primeiras atribuições a realização de uma missão científica franco brasileira de estudos aos

sambaquis paulistas, de modo a enriquecer a coleção arqueológica brasileira do museu. Em razão das várias funções políticas acumuladas por Rivet, o *Institut* ficou totalmente a cargo de Paulo Duarte, secretário geral deste. O projeto começou a ser idealizado em 1946 e contaria com uma comissão composta por cientistas brasileiros e franceses, os quais se focariam inicialmente em escavações nos sambaquis de São Paulo devido principalmente ao ritmo acelerado com que estes desapareciam. No entanto, apesar dos diversos esforços empreendidos por Duarte e da verba que este consegue levantar junto ao governo brasileiro, a missão é frustrada quando o recém empossado governador Adhemar de Barros baixa o decreto 17.468-B³⁰ facilitando a exploração comercial e industrial dos sambaquis.

O decreto causou um grande mal estar entre Duarte e Adhemar de Barros. Após anos de convivência dentro do Museu do Homem com Rivet e com todo o projeto que estava sendo levado a cabo na instituição, Duarte foi influenciado pelas ideias humanistas e passou a compreender os vestígios pré-históricos como fontes fundamentais para o estudo do Homem, agora entendido por ele como universal, já que não existiriam povos inferiores ou superiores. Para ele, a maior contribuição que o Brasil poderia dar para o desenvolvimento desses estudos encontrava-se nos sambaquis, abundantes no litoral atlântico, mas cuja exploração comercial fora então incentivada por Adhemar, que tornou-se uma das maiores inimizades do intelectual.

Duarte passou assim a compreender que o aniquilamento dessas jazidas significava a destruição de fontes importantíssimas para o estudo das origens do Homem americano, e em seu regresso definitivo ao país em 1951 iniciou a luta pela sua conservação e exploração científica através da implantação de organismos e projetos que possibilitaram a realização de diversas missões arqueológicas nesses depósitos. Para ele, o estudo dos sambaquis possibilitaria apontar se a origem dos indígenas brasileiros se reportava aos homens que haveriam produzido essas jazidas ou se era fruto da miscigenação ocorrida com os diversos invasores: “[...] *os sambaquis apontarão um dia a história do mesolítico e do neolítico*

³⁰ Decreto N.17.468-B, de 31 de Julho de 1947, disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1947/decreto%20n.17.468-B,%20de%2031.07.1947.htm>. Acesso em: 07 abr. 2012.

*inferior da América e até a história das origens do Homem Americano. Teremos, no entanto, a competência de saber interrogá-los bem? O futuro dirá...”*³¹.

Rivet por sua vez sofreria um duro golpe em 1949, ao completar 73 anos. Tendo atingido a idade máxima permitida pelo governo francês para trabalhar como funcionário público, foi aposentado da cadeira de Antropologia do *Muséum d’Histoire Naturelle* de Paris e conseqüentemente de seu cargo de diretor do *Musée de l’Homme* sendo sucedido por Henri Valois, que já o havia substituído na época de seu exílio na Colômbia. Como já citado, as desavenças entre os dois intelectuais reportavam-se à década de 1930, quando ambos disputaram o cargo que agora Rivet era obrigado a passar para Valois.

Dois anos depois Rivet renunciou à vida política ativa e voltou-se com mais afinco para seus estudos científicos. Apesar de aposentado, não diminuiu o ritmo de trabalho que havia sustentado durante toda sua vida, e empreende em 1951 e 1952 duas missões científicas à América Latina, passando por países como Peru, Bolívia, Equador, Panamá, Brasil e Guatemala, entre diversos outros. Em 1953 foi eleito presidente da comissão francesa da UNESCO, órgão criado em 1945. Nas publicações da organização e em diversos outros trabalhos produzidos nessa época, o intelectual procurava fazer com que os europeus percebessem a importância dos conhecimentos adquiridos no novo mundo, procurando acabar com o sentimento de superioridade que estes guardariam em relação aos americanos e também lutar contra os anseios de inferioridade que acreditava estarem imbuído nos últimos.

O método utilizado por Rivet consistiu na valorização do conhecimento empírico e das técnicas como maneira de demonstrar o papel de cada sociedade no desenvolvimento da humanidade. Diversos de seus trabalhos abordavam as relações de solidariedade entre a Europa e a América, procurando demonstrar como pequenas descobertas produzidas no “novo continente” haveriam sido apropriadas pelo velho. No entanto, apesar de procurar exaltar essas descobertas americanas, muitos trabalhos deixam explícita sua crença em uma superioridade cultural europeia e até mesmo em uma dependência americana a ela:

“A América do Norte forneceu uma série de técnicas eminentes, construtores de arranha-céus, de barragens, de pontes, de estradas, de máquinas, etc... como nenhum outro país do mundo, eu acredito, poderia fazê-lo. Sua

31 Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Homem Americano (s/d) – Pasta PI 59: Homem Americano. P. 409.

civilização material atingiu uma pontuação incomparável. Mas essa fertilidade excepcional em engenharia se associa a uma pobreza surpreendente em descobertas, em invenções, em filósofos, em escritores, em artistas. Os homens de notoriedade mundial que portam a etiqueta norte-americana são formados no estrangeiro, eles são estacas em solo americano de plantas importadas. Em uma especialidade o fato é inegável. Franz BOAS, Bronislaw MALINOWSKY, Ales HRDLICKA, para não citar outros, são de origem alemã, tchecoslováquia, ou polonesa. [...] Mesmo em um ramo de atividade desenvolvido como a cinematografia, onde a técnica norte americana conquistou renome mundial, é o nome de CHAPLIN, que é inglês, que se impõe pela originalidade e o alcance humano de suas realizações. Nas artes, a mesma constatação se impõe. Uma visita o Museu de Arte Moderna de Nova York basta para mostrar a falta de personalidade das obras, frequentemente muito belas, que lá estão reunidas. A inspiração dos grandes mestres do Velho Mundo domina. As criações verdadeiramente originais, que não evocam traços europeus, são raras. Parece que a América não conseguiu criar uma estética próxima do grandioso ou do gigantesco”³²(RIVET, 1954a:6).

A citação apresentada procura dar destaque às habilidades técnicas dos norte-americanos, um artifício utilizado por muitos etnólogos após a Segunda Guerra. No entanto, no decorrer do texto observa-se que tal valorização desprende uma crítica ao seu desenvolvimento intelectual, ressaltando-o como praticamente inexistente. Os grandes sábios norte-americanos não seriam originários do continente, e a arte aí produzida seria apenas uma reprodução da europeia. A música e a literatura também foram criticadas, pois Rivet posteriormente afirma que os grandes escritores e músicos norte americanos eram raríssimos.

³² Texto original: L'Amérique du Nord a donné une série de techniciens éminents, constructeurs de gratte-ciel, de barrages, de ponts, de routes, de machines perfectionnées, etc... comme aucun autre pays du monde ne peut, je crois, en présenter une. Sa civilisation matérielle a pris de ce fait un escor incomparable. Mais cette fertilité exceptionnelle en ingénieur s'associe avec une indigence suprenante en découvreurs, en inventeurs, an philosophes, en écrivains, en artistes. Les homme de notoriété mondiale qui portent l'étiquette nord-américain se sont souvent formés à l'étranger, ce sont des boutures en sol américains de plants importés. Dans une spécialité, le fait est indéniable. Franz BOAS, Bronislaw MALINOWSKY, Ales HRDLICKA, pour ne citer que des disparus, sont de souche allemande, tchéco-slovaque ou polonaise. [...] Même dans une branche d'activité aussi développée que la cinématographie, où la technique nord-américaine a conquis une renommée mondiale, c'est le nom de CHAPLIN, qui est anglais, qui s'impose par l'originalité et la portée humaine de ses réalisations. En art, la même constatation s'impose. Une visite au Musée d'art moderne de New York suffit à montrer le manque de personnalité des ouvres, souvent très belles, qui y sont réunies. L'inspirations des grands maitres du Vieux Monde y domine. Les créations vraiment originales, qui n'évoquent pas de souvenirs européens, sont rares. Il semble que l'Amérique n'ait réussi à créer une esthétique que du grandiose ou plutôt du gigantesque.

Por sua vez, a América Latina e a Central não haveriam desenvolvido tanto suas habilidades técnicas, mas possuíam escritores, pintores e pensadores fabulosos. Para o intelectual, isso seria resultado dos diferentes processos de colonização empreendidos no continente, pois o norte teria sido colonizado em sua imensa maioria por “pessoas brutas e incultas”, enquanto o centro e o sul por monges evangelizadores que conseguiram criar no novo mundo uma atmosfera onde as ideias do antigo mundo poderiam ser mantidas e até mesmo reproduzidas (RIVET, 1954a:8).

As Américas Central e do Sul seriam assim intelectualmente mais desenvolvidas, pois nelas o espírito europeu haveria conseguido desenvolver-se. A América do Norte, ao contrário, tendo sido ocupada por aquilo que ele considerava a parte “bruta” da Europa (RIVET, 1954a), não conseguiu a mesma façanha, desenvolvendo apenas seus conhecimentos técnicos livres de intelecto e tornando-se apenas uma imitação do antigo mundo.

Sendo assim, observa-se que apesar de ser um defensor da igualdade entre todos os povos, Rivet poderia ser caracterizado como um ferrenho etnocentrista, pois acreditava que o espírito europeu era necessário para o desenvolvimento intelectual de uma sociedade, e que este só poderia florescer em ambientes culturalmente propícios. Percebe-se que sua luta pela igualdade entre todos os povos tropeçava em concepções de superioridade europeia que ele próprio ainda carregava, pois mesmo ao tentar acabar com o sentimento de inferioridade latino americano acabou por colocar a cultura europeia como mote a ser seguido.

No prefácio à obra *Os Condenados da Terra*, do médico Frantz Fanon³³, o filósofo francês Jean-Paul Sarte demonstra como esse humanismo francês representado por Rivet entra em crise ao perceber-se carregado das visões que tanto repudiou. Publicado em meio à guerra que a Argélia empreendeu pela sua independência entre 1952 e 1962, o livro tornou-se um marco ao apontar toda a brutalidade psicológica empreendida pelos franceses ao colonizar o país. Fanon demonstra com maestria como os mecanismos de dominação

³³ Formado em medicina, Frantz Fanon (1925-1961) dedicou grande parte de sua vida a reflexões de cunho filosófico. Nascido na ilha de Martinica estudou na Faculdade de Medicina de Lyon, na França, onde adquiriu uma sólida formação em literatura e filosofia. Após terminar o curso de medicina em 1951, muda-se para a Argélia e se engaja na luta pela libertação do país (POULOS, 1996).

colonial atuaram na formação da consciência dos colonizados de forma a fazê-los repudiar seus antigos valores culturais, introjetando-lhes ao mesmo tempo um forte sentimento de inferioridade. Através desse raciocínio, o colonizado passaria a negar-se como negro – é importante lembrar que Fanon está debatendo o processo colonizador na África –, e tanto mais branco ele conseguiria ser quanto mais rejeitasse seus próprios costumes, suas formas de vestir, sua língua e até mesmo sua “negrura”. Nesse sentido, era o próprio colonizador quem fazia o colonizado (FANON, 1979).

O livro *As origens do Homem Americano* possui uma passagem que retrata muito bem o desejo por esse branqueamento. Ao abordar a miscigenação do que compreendia como a raça negra, Rivet afirma que esta possuía pouca resistência quando combinada às outras raças. Isso quer dizer que os caracteres negros acabariam na maioria das vezes sobrepostos pelos outros e, segundo ele, tal fenômeno poderia ser observado no Rio de Janeiro, onde as descrições realizadas por escritos antigos deprenderiam a ideia de que no século XIX a cidade era majoritariamente negra, enquanto que em meados do XX esta se “branqueara” (RIVET, 1960).

Tal afirmação demonstra que Rivet possuía um anseio pelo domínio das características brancas sobre as negras, pois mesmo levando em conta o fluxo de migração europeia e até o que ele considera uma possível diminuição da fecundidade entre os negros transportados para o Rio de Janeiro, a opção escolhida por ele foi considerar os atributos negros como recessivos. Mas haveria ainda outro elemento promovendo o “branqueamento” da cidade:

Temos a impressão de que é a multiplicidade das uniões entre brancos e negros condicionada à ausência do preconceito de raça nos portugueses e seus descendentes, a causa da eliminação gradativa do elemento negro, exatamente como, entre camundongos brancos e pardos, este último elemento é o que vem predominar finalmente. O que se passou no Rio durante o último século está hoje em vias de realização em todas as cidades brasileiras do litoral. Diante deste fenômeno notável de branqueamento, pode-se perguntar com razão bem aparente se o problema do negro nos Estados Unidos não estaria resolvido desde há muito tempo se os povos anglo-saxões ignorassem como os portugueses o preconceito racial? (RIVET, 1960:113).

Sendo assim, a luta de Rivet foi acompanhada pela construção de um discurso que sustentava uma superioridade branca e europeia. O intelectual bradava pela importância do

diálogo, a compreensão e a solidariedade entre todos os povos, mas o resultado almejado da miscigenação entre estes ainda era o branco. Aquilo que poderíamos entender como dualismos compunham o pensamento de Rivet e o transformavam em complexo único. O problema dos Estados Unidos com o negro, por exemplo, seria resolvido assim que o preconceito no país fosse extinto e a população conseguisse se branquear. Como apontado por Fanon, a rejeição da própria “negrura” era uma maneira de instigar o desejo por uma população que adotasse a cultura e os valores europeus.

Tais reflexões não desmerecem o trabalho empreendido por Rivet pela valorização da diversidade humana, mas inserem-no dentro de um contexto histórico próprio. As concepções de raça e superioridade europeia estavam – e ainda estão – por demasiado arraigadas na sociedade para que deixassem de existir de um instante ao outro, como ressalta o intelectual Edward Said na obra *Cultura e Imperialismo*, ao afirmar que as linhas de um discurso poderoso e durador facilmente se infiltram nas intenções de um autor (SAID, 1995:23). Tendo crescido na companhia de ideias racistas e se aprofundando em uma ciência que pregava a superioridade europeia baseada em medições craniométricas entendidas como irrefutáveis, compreende-se que Rivet tenha naturalizado tais ideias e reproduzido-as em seus mais diversos discursos.

Dessa maneira, assim como afirma Said a respeito da posição imperialista do escritor Joseph Conrad (SAID, 1995:21), não constitui um paradoxo que Rivet lute contra as teorias de inferioridade racial e ao mesmo tempo possua certos elementos dessas em seus discursos. O que ocorre, como explicou Lacapra (1985), é que os textos são compostos de diferentes contextos e ideias muitas vezes contraditórias que se combinam criando complexas relações. Isso apenas demonstra que “*o passado não é simplesmente uma história acabada que precise ser narrada*” (CARVALHO & FERNANDES, 2013:17).

No prefácio ao livro de Fanon, Sartre demonstra como o humanismo francês foi abalado pelas reflexões sobre si próprio. Os europeus, que se acreditavam tão liberais, amantes da cultura e do humanismo, esqueciam-se das colônias que haviam conquistado através da violência, onde se praticavam inúmeros massacres em seus nomes. Em teoria, defendiam a igualdade e universalidade do Homem, mas suas colônias eram particularizadas pelas práticas racistas. Para Sartre, ao despir-se o humanismo via-se uma ideologia mentirosa, uma requintada justificação para a pilhagem das colônias e, visto que

o europeu só poderia fazer-se Homem fabricando escravos e monstros, o único humanismo que dele poderia advir seria de caráter racista. Sendo assim, a luta armada empreendida na Argélia seria a única maneira da colônia atingir sua independência, e isso tornava a situação dos franceses ainda pior, pois *“uma vez que os outros se fazem homens contra nós, fica evidente que somos os inimigos do gênero humano; a elite exhibe sua verdadeira natureza: uma quadrilha de bandidos”* (SARTRE, 1979:18).

As reflexões sobre as incongruências do humanismo francês não seriam abordadas por Rivet, já que este falece alguns anos antes de seu auge. No entanto, elas já haviam começado a se articular e o atingem em cheio quando este se posiciona contrário à independência imediata da Argélia. Depois de lutar durante anos pela emancipação gradual das colônias francesas através de reformas políticas democráticas, Rivet posicionou-se a favor do governo francês assinando em abril de 1956 um apelo a favor “da saúde e da renovação da Argélia francesa”, e acabou sofrendo diversas críticas que, no geral, ressaltavam a contradição entre esse posicionamento e o trabalho político e científico que empreendera durante toda sua vida.

Para Rivet, a Argélia necessitava passar por um processo de independência assistido pelo governo francês, pois este não poderia soltá-la à sua própria sorte. O etnólogo preocupava-se com que a colônia sucumbisse ao mesmo drama de outros países africanos, como o Egito e o Sudão, que após sua independência, passaram a sofrer com os conflitos tribais, as guerras civis e a instabilidade política e econômica.

No entanto, a posição de Rivet vinha na contramão de um grande movimento que defendia a autonomia intelectual desse povo, ou seja, a ideia de que os argelinos eram intelectualmente capazes de gerirem a si próprios. Uma das ações de tal movimento foi a produção do “Manifesto dos 121”, um documento firmado por intelectuais como Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre, André Breton e Jean-Pierre Vernant, que procuravam alertar a sociedade francesa da violência e arbitrariedades que estavam sendo cometidas pelas tropas francesas na Argélia. Além de defender os soldados franceses que se recusavam a lutar no conflito, o manifesto deixava clara a posição dos intelectuais quanto à independência

argelina: “*A causa do povo argelino, que contribui de maneira decisiva para destruir o sistema colonial, é a causa de todos os homens livres*”³⁴.

Segundo Paulo Duarte, reconhecendo algum tempo depois o caráter violento e intransigente que a França impingiu ao conflito, Rivet retirou seu apoio ao governo e escreveu o artigo *Independência e Liberdade* (1958a), através do qual tentou justificar seu posicionamento. Nesse trabalho, o etnólogo articula suas ideias sobre a igualdade entre todos os povos e a importância de sua liberdade, mas questiona a independência de alguns países cuja população sofreria com a fome e o analfabetismo. A liberdade para ele, somente poderia ser atingida quando as desigualdades culturais e econômicas fossem equilibradas, e esta era a condição prévia indispensável para a independência das nações. Nesse sentido, caberia “*aos povos evoluídos ajudá-los com paixão e desinteresse a adquirir essa cultura, e ao mesmo tempo melhorar suas condições de vida, e saltar as etapas que eles próprios levaram séculos para percorrer*” (RIVET, 1958a:460).

As ideias apontadas nesse trabalho foram exatamente aquelas criticadas na obra de Fanon e posteriormente na de Said. Para Rivet, a Europa era o modelo de civilização a ser seguido, e o objetivo das colônias não poderia ser outro senão tornar-se iguais a ela. Seu processo de independência deveria ser assim assistido pelas nações europeias, para que elas lhes servissem de molde. Segundo Said, tal pensamento encarna uma arrogância paternalista típica do imperialismo, na qual os nativos existiriam somente em função do reconhecimento da metrópole e sua rebelião seria apenas a confirmação de seu caráter infantil (SAID, 1995:22).

A partir disso, compreende-se que o conceito de Homem foi construído pelo intelectual através de um processo exclusivista, no qual todas as culturas que não se identificassem com a europeia ficariam de fora. Para a filósofa Judith Butler (2003), esse seria o processo principal de construção dos sujeitos, o qual se dá mediante diferenciações e exclusões que seriam encobertas por uma suposta autonomia dos indivíduos. Ao criar essa fixidez dentro do conceito Homem há a geração de inúmeras recusas, pois ocorrem a

³⁴ Texto original: « La cause du peuple algérien, qui contribue de façon décisive à ruiner le système colonial, est la cause de tous les hommes libres ». A conteúdo integral da manifestação está disponível no seguinte endereço: <http://www.fabriquedesens.net/Declaration-sur-le-droit-a-l>. Acesso em: 20/09/2012.

criação de sujeitos desautorizados e representações de degradação para todos aqueles que não se encaixam no padrão ditado por ele.

Quando Rivet falece em março de 1958 e as críticas ao humanismo começam a tomar forma, Duarte salta prontamente em sua defesa. Apesar de afastados fisicamente, a convivência entre os dois intelectuais nos últimos anos que antecederam a morte do primeiro fora frequente, sendo atestada pelas diversas cartas trocadas e pelas várias vindas de Rivet ao Brasil para participar de congressos e proferir palestras, ocasiões em que se hospedava na casa de Duarte. Assim, em 1960 – um ano antes do lançamento da obra de Fanon – o brasileiro publica o livro *Paul Rivet por ele mesmo*, um compilado da correspondência entre os dois que termina com um capítulo inteiro dedicado à defesa do caráter de Rivet.

Nesse capítulo, intitulado “Retrato Moral”, Duarte afirma que o artigo *Independência e Liberdade* fora uma análise lúcida, elaborada com a clareza e a coragem de um intelectual que procurava defender a dignidade do “Homem branco” e da “civilização ocidental”, já que esta era acusada de ser responsável pelos derradeiros “*esgares do colonialismo que essa mesma civilização procurava destruir*” (DUARTE, 1960:183). Pode-se visualizar que o brasileiro estava de acordo com as ideias de Rivet sobre a importância da ajuda europeia para a independência de suas colônias, as quais deveriam absorver a cultura das metrópoles para conseguir atingir o mesmo estado de desenvolvimento.

Percebe-se assim que Rivet foi para o brasileiro um mestre. O próprio Duarte gabava-se de ser um de seus discípulos preferidos, ao lado de Jacques Soustelle e Claude Lévi-Strauss. Por isso o abalo que sentiu com a morte do etnólogo, chegando mesmo a declarar que ficara “*um pouco assim, como cachorro perdido, meio desesperado e meio desmoralizado*” (DUARTE, 1960:108).

Os conceitos de Rivet serviram como ponto de orientação para Duarte, e este subjetivou muitos deles na tentativa de levar a cabo seus projetos culturais no Brasil. Com base nisso, o próximo capítulo procurará analisar a maneira como ele se apropria das concepções humanistas de seu mestre, de forma a observar o fluxo que essas ideias percorrem ao passar de um intelectual a outro.

Ao retornar ao Brasil, Duarte tentaria desenvolver um projeto semelhante ao de Rivet na França, lutando pela valorização dos vestígios pré-históricos como maneira de pesquisar as origens do Homem americano. No entanto, esse empreendimento não foi uma mera reprodução do projeto francês, e o pensamento de Duarte não se tornou uma simples réplica do de Rivet. A seguir, serão analisadas as inúmeras diferenças contextuais existentes, e observadas as formas como o brasileiro subjetivou os conceitos de Rivet, procurando perceber como a ciência arqueológica construída por esse intelectual, no Brasil, carregava as ideias de Homem e humanismo.

CAPÍTULO 2: PAULO DUARTE E O PROJETO HUMANISTA NO BRASIL

O declínio do Estado Novo e a deposição de Getúlio Vargas em outubro de 1945 permitiram o regresso ao Brasil de todos os exilados políticos que haviam sido expulsos durante a ditadura getulista. Personalidades como Washington Luís, Plínio Salgado, Armando Sales Oliveira, Otávio Mangabeira e Paulo Duarte, célebres opositores do regime ditatorial, tiveram reconhecido seu direito de voltar e retomar seus projetos no país³⁵.

Apesar disso, alguns deles ainda tardariam a concretizar seu regresso. O político Washington Luís, por exemplo, retornou da Europa somente em 1947, e o jornalista Paulo Duarte dividiu-se entre França e Brasil durante 1945 a 1951, devido à organização do *Institut Français des Hautes Etudes Brésiliennes*, projeto criado por ele e pelo etnólogo Paul Rivet.

Durante seu exílio, Duarte travou uma forte relação de amizade com Paul Rivet, devido em grande parte às ideias sobre educação e desenvolvimento da sociedade que ambos partilhavam. Como visto no capítulo anterior, Rivet dava uma grande importância à popularização do conhecimento produzido pelas pesquisas do museu, o que era realizado através das exposições deste. Tais exposições eram orientadas para atingir o maior público possível, de modo a que os resultados das pesquisas, que apontavam para a igual capacidade intelectual de todos os seres humanos, fossem difundidas na sociedade.

A luta de Duarte pela difusão do conhecimento científico estava ligada à capacidade que a educação teria como meio de transformação social (DUARTE, 1971)³⁶. Na década de 1930 o intelectual participou de importantes projetos educacionais, como a criação da Universidade de São Paulo (USP) e do Departamento de Cultura e Recreação, o qual dirigiu juntamente a Mário de Andrade. O Departamento focava-se em promover iniciativas educacionais e culturais que atingissem parcelas da população desfavorecidas economicamente, criando para isso bibliotecas e parques infantis públicos, além de oferecer

³⁵ Retirado de: Dossiê A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/apresentacao>. Acesso em: 02 out. 2012.

³⁶ Tal posicionamento também pode ser encontrado em outros documentos escritos por Duarte, como o artigo Centro Cultural do Ibirapuera. **O Estado de São Paulo**, 23 agos. 1956 (DET99) e alguns discursos produzidos entre 1936 e 1967 (PI57). Todos esses documentos encontram-se conservados na Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte.

concertos, peças teatrais, palestras, cursos e conferências de forma gratuita (BACKX, 2010).

A USP seria para Duarte uma das mais importantes organizações brasileiras, pois para ele, a transmissão do conhecimento através de institutos como as universidades seria o único modo de afastar o homem da animalidade³⁷. Nesse sentido, acreditava que o principal problema do Brasil era a falta de instrução da população, declarando que “*no dia em que formos educados, todos os outros problemas estarão resolvidos*”³⁸.

Percebe-se assim que tanto Rivet quanto Duarte acreditavam na transformação da sociedade através da educação e da popularização do conhecimento científico. Foi esse ideal que aproximou os dois intelectuais, fazendo com que pensassem formas de leva-lo a diante e cultivassem uma duradora amizade.

Para Duarte, o convívio com o etnólogo seria transformador. O diálogo com suas ideias e com o projeto humanista que era levado a cabo no *Musée de l’Homme* fizeram com que o brasileiro substituísse a preocupação com seu país por uma apreensão pela humanidade como um todo, sentimento que foi fortalecido pela sua condição de exilado e a percepção das atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial. Apoiado nessa nova concepção passou a entender que a popularização do conhecimento sobre a igualdade entre todos os seres humanos era essencial a toda a humanidade, já que permitia aos Homens perceber a importância de todos os indivíduos e culturas para o desenvolvimento comum.

Para despertar essa percepção, Rivet havia apontado que o estudo das origens do Homem era o melhor meio. Através dele, era possível demonstrar como cada cultura do planeta haveria contribuído para o estágio atual de desenvolvimento da humanidade, o que deveria ser mostrado com a exposição de artefatos e elementos característicos de cada uma delas. Consequentemente, a atividade arqueológica ganhava enorme importância, pois era através das escavações e missões arqueológicas que as coleções etnológicas eram formadas.

Ao regressar definitivamente ao Brasil em 1951, Duarte trouxe consigo o desejo de implantar uma instituição semelhante ao *Musée de l’Homme* no país – ideia que era

³⁷ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Discursos (1936-1967) – Pasta PI. 57.

³⁸ DUARTE, Paulo. Discurso de encerramento do II Curso de Pré-História da Folha de São Paulo. Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Cursos (s/d) – Pasta DET 303.

fomentada por Rivet. A estrutura da instituição brasileira deveria ser semelhante à do *Musée*, contando com um centro de estudos responsável pela articulação das pesquisas e um museu, onde seriam oferecidos cursos e palestras e exibidos os resultados das pesquisas do centro acadêmico, de maneira a difundir o conhecimento científico produzido nele.

Segundo a historiadora Maria Margaret Lopes (1997), o ponto de partida desse pensamento de um “museu para o público” é o *Muséum d’Histoire Naturelle* de Paris, que consagra a ideia dos museus como espaços de reprodução e disseminação do conhecimento científico. A partir de sua organização, essas instituições passaram a ser entendidas como serviços de instrução pública, e não mais como coleções e propriedades de particulares.

A aprendizagem através da percepção visual foi a principal ideia desse novo modelo. Para isso, os museus modificaram a estrutura de suas exposições, ampliando seu público e permitindo que este confrontasse de modo direto as peças, as quais passaram a abarcar esqueletos completos e longas séries de artefatos, partindo-se do pressuposto de que a observação de fragmentos de culturas ou animais não era suficiente para compreendê-los globalmente.

O objetivo dessas instituições era atender a dois tipos de público: os estudiosos que desejassem usufruir de suas coleções para a realização de pesquisas – o que levou a uma grande valorização do trabalho de conservação dos artefatos – e a população leiga, para a qual o museu deveria funcionar como um meio de instrução. De modo a atender às necessidades dos primeiros, tornava-se necessário disponibilizar salas de estudo e locais de trabalho, enquanto que, para atrair o público em geral, deveriam ser priorizadas as exposições, o que era feito através de uma seleção rigorosa dos objetos e da valorização destes através de jogo de luzes e contrastes (LOPES e MURRIELLO, 2005).

Como Paul Rivet trabalhou por mais de vinte anos em análises antropológicas no *Muséum d’Histoire Naturelle*, familiarizou-se bastante com o modelo de “museu para o público”, o qual implantou com êxito na criação do *Musée de l’Homme*. A estrutura dessa instituição possuía praticamente todos os aspectos consagrados pelo *Muséum d’Histoire Naturelle*, como a dupla função de pesquisa e instrução pública, a disponibilização de locais de trabalho para os pesquisadores e a valorização das exposições de modo a que pudessem ser atrativas para o público leigo.

Tais aspectos também estão presentes nos diversos projetos que Paulo Duarte criou para a instauração de um Museu do Homem no Brasil, como pode ser visualizado no documento “Instituto do Homem Americano”, um dos primeiros projetos elaborados por ele com essa finalidade:

O Museu do Instituto terá organização moderna, com exposições permanentes e temporárias, orientação didática, auxiliar do ensino primário, secundário, superior e popular.

Manterá o Instituto pesquisas de laboratório e de campo, cursos permanentes de disciplinas complementares das existentes ou não nas Universidades brasileiras. [...] ³⁹

No trecho destacado, pode-se observar que a intenção de Duarte era criar uma instituição baseada na mesma estrutura consagrada pelo *Musée de Histoire Naturelle* e adotada por Rivet, a qual compreendia um centro de estudos e um museu, onde os resultados das pesquisas seriam expostos de modo a instruir a população.

No entanto, Duarte iria enfrentar no Brasil o descaso governamental pela preservação do patrimônio pré-histórico, desafio que há muito já era debatido pelos museus franceses. Ao passo que as reflexões sobre a importância da preservação dos monumentos históricos e artísticos eram desenvolvidas na França desde o século XIX, as discussões brasileiras sobre proteção patrimonial ganhavam fôlego somente com os modernistas no início do século XX, quando a preservação passou a ser entendida como um meio de auxiliar na construção da verdadeira identidade brasileira através da preservação das memórias dos grupos sociais entendidos como originalmente brasileiros.

Dessa maneira, enquanto a lei francesa de proteção aos monumentos históricos surge em 1913 – objetivando a proteção dos bens móveis ou imóveis que apresentassem um interesse público sob o ponto de vista da história ou da arte (CHOAY, 2001) –, no Brasil, a criação de um órgão nacional que zelasse pela preservação do patrimônio ocorreu apenas em 1937, com o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), o qual

³⁹Instituto do Homem Americano (s/d). Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Pré-História (1963) – Pasta DET 302. Apesar de a pasta ser datada de 1963, a produção deste documento se deu provavelmente entre 1952 e 1954, já que o projeto encontra-se escrito em papel que contém o símbolo da Comissão de Pré-História (criada em 1952). Por outro lado, é no ano de 1954 que Duarte elabora a proposta de criação do Instituto Paulista de Pré-História, o qual iria substituir o presente projeto.

fundamentou sua política preservacionista na conservação daquilo que ficou conhecido como “monumentos de pedra e cal” – edifícios como igrejas, capelas, palácios, fortes e casas de personalidades históricas – deixando em segundo plano a proteção do patrimônio móvel, natural e intangível (RUBINO, 1991).

Nesse contexto, a destruição de monumentos pré-históricos foi prática corrente e legal em todo o Brasil até meados de 1950. No caso dos sambaquis, monumentos ricos em ossadas, conchas e utensílios, seu desmonte se dava principalmente para a fabricação de cal, adubo, pavimentação de estradas e ração de animais domésticos. A exploração comercial e industrial dessas jazidas foi até mesmo incentivada em São Paulo durante o governo de Adhemar de Barros, o qual baixou o decreto n. 17.468-B, o qual salientava⁴⁰ a importância econômica desses depósitos e solicitava a redução do tempo das pesquisas científicas neles. Os diversos apelos de Duarte pela preservação dos sambaquis demonstram como as políticas governamentais de preservação patrimonial eram ineficazes em se tratando de sua proteção:

E assim vão sendo arrasados os sambaquis do norte, do centro e do sul, com a fatalidade de uma lei científica. No Distrito Federal, no Rio de Janeiro, no Espírito Santo, no Pará, são eles raros já. Em S. Paulo, basta lembrar que, no ano de 1914, a Comissão Geográfica e Geológica do Estado, ao proceder à exploração do Rio Ribeira de Iguape, assinalava entre Sete Barras e o oceano uma linha contínua de sambaquis bem identificados por Krone⁴¹ que neles encontrou documentos líticos do mais alto valor. [...] Desses sambaquis, muito pouco ou nada restam...⁴²

Sendo assim, ao passo que o trabalho no *Musée de l'Homme* centrava-se na pesquisa do material pré-histórico e sua posterior exibição, o projeto brasileiro, para obter sucesso, deveria ser iniciado com uma fase prévia à instalação de um museu: a preservação dos vestígios pré-históricos necessários para a realização dos estudos. A questão preservacionista tornou-se assim uma das principais diferenças entre o trabalho empreendido por Rivet o projeto de Duarte. Enquanto o primeiro focou-se no estudo do

⁴⁰ Decreto N. 17.468-B, de 31 de julho de 1947, disponível para consulta em <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1947/decreto%20n.17.468-B,%20de%2031.07.1947.htm>> Acesso em: 27 set. 2012.

⁴¹ Trata-se de Sigismund Ernst Richard Krone, naturalista alemão que desenvolveu diversas pesquisas pré-históricas no município de Iguape/SP.

⁴² Documento II pg 383. Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Homem Americano (s/d) – Pasta DET 59.

material arqueológico e na divulgação científica de seus resultados, o brasileiro teve primeiro que bater-se pela preservação do material pré-histórico a ser trabalhado.

A luta pela preservação patrimonial era algo a que Duarte já estava familiarizado antes de partir para o exílio. Na década de 1930 promoveu a “Campanha Contra o Vandalismo e o Extermínio” e participou da criação de diversos outros projetos junto a Mário de Andrade. Os dois intelectuais cultivaram uma longa amizade, a qual é fundamental para compreender como surge o pensamento preservacionista de Duarte.

2,1: Mário de Andrade e a Preservação Patrimonial

É interessante notar que a conjugação intelectual de homens como Mário de Andrade e Paulo Duarte foi propiciada por circunstâncias em parte de natureza política. Seria longo analisar o processo, mas podemos ao menos referir que o Partido Democrático criou algumas condições favoráveis para tal encontro e suas consequências. [...] (SOUZA, 1971).

O trecho acima, escrito pelo sociólogo Antônio Candido de Mello e Souza, faz parte do prefácio ao livro “Mário de Andrade por ele mesmo”, organizado por Duarte e publicado em 1971. Segundo o sociólogo, a amizade entre esses dois intelectuais foi possibilitada pela existência de uma espécie de esquerda moderada dentro do Partido Democrático, a qual era reconhecida principalmente por sua arrojada vanguarda cultural (SOUZA, 1971).

O próprio Duarte confirmaria a fala de Antônio Candido ao revelar que fora o interesse pelo estudo do folclore e a gastronomia que o fizeram acercar-se a Mário de Andrade em meados de 1925, quando ambos faziam parte de um grupo de intelectuais ligado ao Partido Democrático que se reunia no pequeno apartamento de Duarte para conversar e pensar projetos culturais (DUARTE, 1971). As ideias renovadoras que ambos apresentavam nesses encontros permitiram sua aproximação e a formulação de um ideal em comum: a organização da nação através da difusão cultural (ALCÂNTARA, 2008).

Posteriormente, Duarte e Andrade trabalhariam juntos no *Diário Nacional*, o periódico oficial do Partido Democrático, travando uma convivência quase diária que foi interrompida pelo primeiro exílio de Duarte em 1932. Com o regresso deste um ano depois, foram iniciadas as primeiras tentativas de criação do Departamento de Cultura da cidade de

São Paulo, projeto que havia sido idealizado pelo pequeno grupo de intelectuais do Partido Democrático.

Foi durante o período em que atuaram no Departamento de Cultura que os dois intelectuais tornaram-se grandes amigos. A instalação da instituição apenas foi possível porque contou com o apoio de Fábio Prado, então prefeito da cidade de São Paulo. Este convidou Duarte para trabalhar na municipalidade, oferecendo-lhe o cargo de assistente jurídico da prefeitura e fornecendo os meios necessários para a realização de alguns dos projetos idealizados pelo intelectual e seu antigo grupo de amigos (BACKX, 2010).

De acordo com Duarte⁴³, os objetivos do Departamento concentravam-se principalmente em estimular iniciativas educacionais e culturais. Com esse intuito, eram previstas a promoção de conferências universitárias, sessões artísticas e literárias, cursos e palestras populares e bibliotecas públicas, além de diversos concertos e peças teatrais que seriam realizados no Teatro Municipal de São Paulo gratuitamente, ou oferecidas em bairros de trabalhadores. Dessa maneira, observa-se que a instituição pretendia atingir principalmente a população menos favorecida economicamente.

O apoio de Fábio Prado e posteriormente de Armando Salles à criação do órgão demonstra que aquele governo paulista também compartilhava da ideia do desenvolvimento nacional através da cultura. Essa cultura foi compreendida como o aperfeiçoamento de conhecimentos acadêmicos aplicáveis à vida política do país, e sua promoção no Estado de São Paulo – através da criação da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) em 1933 e da Universidade de São Paulo e (USP) em 1934 – visava à criação de um grupo político-intelectual paulistano capaz de influenciar futuramente o estado e o país⁴⁴.

Sendo assim, após a derrota na Revolução Constitucionalista de 1932, diversos grupos da sociedade paulista propuseram-se a contribuir para o aperfeiçoamento e a melhora do país através de iniciativas educacionais, posição retratada por Sérgio Millet ao afirmar que “*de São Paulo não sairão mais guerras civis anárquicas*”, mas “*uma revolução intelectual e científica suscetível de mudar as concepções econômicas e sociais dos*

⁴³ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Prefeitura de São Paulo – Departamento de Cultura (1935-1947) – Pasta DET 149: DUARTE, P. Departamento de Cultura. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 mar. 1947

⁴⁴ Retirado de: Anos de Incerteza (1930-1937) – Criação da Universidade de São Paulo. Dossiê A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/apresentacao>. Acesso em: 02 out. 2012.

brasileiros”⁴⁵. Nesse sentido, houve nesse estado na década de 1930 um forte entrelaçamento entre cultura e política, do qual resultou, entre outros projetos, a criação do Departamento de Cultura em 1934.

Sendo assim, é possível supor que o ideal cultivado por Duarte de transformar a sociedade através da cultura, compreendida como o cultivo dos conhecimentos acadêmicos, remonta-se a esse período. É necessário salientar que o intelectual participou ativamente da linha de frente da Revolução Constitucionalista, tendo sido exilado por ser reconhecido como um dos articuladores desta. Portanto, a ideia da revolução intelectual e científica citada por Millet, do qual era grande amigo, pode ter sido interpretada como uma continuação da luta por São Paulo, ou seja, uma nova tentativa de impulsionar o desenvolvimento do estado⁴⁶.

O Departamento de Cultura foi o primeiro órgão criado por Duarte com esse objetivo. O projeto foi redigido por ele próprio e revisado por personalidades como Mário de Andrade, Luís Inácio de Anhaia Mello e Fernando de Azevedo. Para a direção do órgão, o único nome cogitado pelos intelectuais fora o de Andrade, que em um primeiro momento recusou-se a assumir o cargo, mas acabou sendo coagido pelos companheiros (DUARTE, 1971).

Enquanto o modernista assumia a função de diretor geral do Departamento, Duarte ficou com a presidência do órgão. O desempenho em tais funções exigiu um contato praticamente diário entre os dois, o que fez aumentar ainda mais sua afinidade, como pode ser observado no seguinte trecho de uma carta escrita por Andrade ao amigo quando este, antes de partir para a França durante seu segundo exílio, encontrava-se exilado em Buenos Aires:

Eu te odeio, isso é incontestável. Mas te odeio teoricamente, quando imagino na minha existência. Então te odeio por você ter me excitado a vaidade com essa f-da-p. de diretoria do Departamento de Cultura. Mas gosto muito de você, sou seu amigo de coração. E não me esqueço que num simples primeiro encontro, irmanado por ideais comuns, folclore e culinária, quando nos despedimos um do outro éramos velhos amigos. Depois essa amizade se remoçou e criou forças novas no convívio e percebi todos os seus incomparáveis dons, o amicus certus

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Na década de 1930 é possível visualizar em diversos projetos de Duarte uma preocupação regionalista, voltada essencialmente para o desenvolvimento de São Paulo. No entanto, após a ida para o exílio e a convivência com o projeto humanista de Rivet, o intelectual substituiu essa preocupação regionalista por uma preocupação com a humanidade como um todo (ALCÂNTARA 2008, BACKX 2010).

in re incerta⁴⁷, o homem gostoso, o espírito confortável, o corajoso diante da vida, o falsário do bom-humor em qualquer tempo. E o inalterável diante dos bons. O bom aqui sou eu, tenha paciência. E poderão se passar os meses e os anos sem que nos vejamos, não tenho a menor inquietação da sua amizade. De repente, se nos encontramos, encontro o Paulo integral e meu amigo. [...] (DUARTE, 1971:180-1).

O trecho acima faz parte da correspondência trocada entre os dois amigos após a expulsão de Andrade da diretoria do Departamento em 1938, mesmo ano em que decidi abandonar a instituição. Com a instauração da ditadura de Vargas, a maioria dos diretores e idealizadores do Departamento foram presos ou expulsos do país por possuírem ligação com o Partido Constitucionalista e Armando Salles, opositor de Vargas. Apesar do desgosto de Andrade com sua expulsão do órgão, é possível visualizar o grande sentimento de amizade que nutria por Duarte, o qual o fez inclusive leva-lo consigo em diversas viagens empreendidas ao interior do estado de São Paulo com o objetivo de levantar o patrimônio histórico do estado. As primeiras campanhas de preservação criadas por Duarte remontam-se a esse período.

As viagens realizadas pelos dois intelectuais ao interior do estado ocorreram durante o ano de 1937, no auge do Departamento de Cultura. Nessa época, Andrade foi nomeado por Gustavo Capanema – então Ministro da Educação e Saúde – delegado de São Paulo para o tombamento de monumentos históricos, devido aos diversos trabalhos de catalogação da cultura brasileira que o modernista havia realizado na década de 1920. Para produzir esses trabalhos, Andrade realizou diversas viagens ao interior do país – principalmente às regiões norte e nordeste – com o objetivo de conhecer os diversos aspectos da cultura popular.

Essas viagens inserem-se na discussão que então se dava sobre a constituição de uma identidade originalmente brasileira, a qual seria encontrada através do resgate e estudo da diversidade cultural do país, ignorando o modelo europeu e focando-se na peculiaridade do sertanejo, do índio e da cultura popular. Nesse contexto, Andrade viajou primeiramente a Minas Gerais (1919) e a Itanhaém (1921), litoral sul de São Paulo, com o objetivo de conhecer o passado arquitetônico colonial.

⁴⁷ Tradução do latim: “o amigo certo na hora incerta”.

Mas seria apenas com o ciclo de excursões denominado por ele de “Viagem de Descoberta ao Brasil” que o modernista entenderia a relação entre a preservação patrimonial e a memória. O objetivo do empreendimento era percorrer o interior do país para compor um acervo das diferentes manifestações culturais – principalmente a musicalidade – encontradas em suas diversas regiões, e foi iniciado em 1924 com uma nova viagem a Minas Gerais, na qual o acompanharam personalidades como Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Paulo Prado (CORTEZ, 2010).

Segundo o historiador Antonio Gilberto Nogueira, os intelectuais ficaram encantados com a grandeza arquitetônica de Ouro Preto e as obras do escultor Aleijadinho. Ao constatar que ambos eram totalmente desconhecidos pela maioria da população brasileira, o grupo passou a compreender que o resgate do passado e sua valorização eram aspectos fundamentais para a constituição de uma cultura genuinamente nacional (NOGUEIRA, 2007).

É dessa maneira que Mário de Andrade inicia sua reflexão sobre as questões concernentes à preservação patrimonial e à sua institucionalização. Como os modernistas acreditavam que verdadeira identidade nacional seria baseada nas tradições dos grupos considerados originalmente brasileiros, como os sertanejos e os índios, ele parte em 1928 para o Norte e o Nordeste do país, procurando coletar dados sobre o folclore, a culinária, os costumes e a arquitetura tradicionalmente brasileira, com o objetivo de salvaguardar essas informações. Nesse sentido, apesar de ignorar os modelos vindos da Europa e buscar preservar as peculiaridades do país, o objetivo dos modernistas era semelhante ao dos europeus: criar uma identidade nacional.

As missões para a coleta desses dados eram motivadas por um forte sentimento preservacionista, já que, na época, muitos intelectuais acreditavam que a expansão das cidades e o progresso dos meios de comunicação fariam desaparecer as tradições populares. Nesse sentido, estas passaram a ser reconhecidas por muitos como opostas ao progresso (BARBATO, 2004).

As impressões e os registros feitos por Andrade ficaram gravadas no diário “Um Turista Aprendiz”, que acabou sendo publicado em forma de crônicas pelo *Diário Nacional*. Nessas anotações, o intelectual dava grande importância à preservação dos mitos indígenas, das músicas, danças, rituais mágicos e dos modos de fazer da culinária,

patrimônios que mais tarde viriam a ser conhecidos como imateriais e foram durante muito tempo ignorados pelas instituições governamentais.

Sendo assim, o pensamento preservacionista de Mário de Andrade – o qual iria influenciar Duarte de maneira decisiva na década de 1930 – surgiu vinculado à ideia do descobrimento da “verdadeira” identidade nacional. Quando o modernista é convidado por Gustavo Capanema em 1936 – época em que já dirigia o Departamento de Cultura – a criar o anteprojeto de um órgão que zelasse pela preservação patrimonial em todo o país⁴⁸, contou com o auxílio de Paulo Duarte para redigir um projeto que pontuava as ideias modernistas, abarcando a preservação de elementos como a música popular, histórias populares, superstições, medicina, etc (RUBINO, 1991).

O documento composto por Mário de Andrade e Duarte foi utilizado nas discussões preliminares sobre a estruturação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), criado em janeiro de 1937. No entanto, devido a sua visão modernista, o projeto acaba passando por diversas reformulações, terminando por distanciar-se tanto do anteprojeto elaborado por Andrade a ponto de não se preocupar efetivamente com a preservação da cultura índia, negra ou sertaneja. Segundo a política do novo instituto, os monumentos a serem preservados deveriam constituir o rastro daqueles que construíram o país, ligando esses a seus contemporâneos, de modo a despertar a verdadeira identidade brasileira (RUBINO, 1991). No entanto, tal identidade passou a ser reportada a um passado católico, latifundiário e rico, e o órgão acabou por privilegiar o tombamento de prédios de igrejas católicas, monumentos como palácios e outros que constituíssem testemunhos de fatos e personagens históricos, engenhos e fazendas que retratassem os diversos ciclos econômicos, casas grandes, senzalas, câmaras, cadeias, e outros símbolos de formas de governo e do regime latifundiário e escravocrata.

Nesse contexto, em meados de 1937 Andrade recebe de Capanema a missão de inventariar o patrimônio de São Paulo, pois com a criação do SPHAN em janeiro do mesmo ano, cada estado deveria designar um delegado responsável por levantar os bens patrimoniais pelos quais a União deveria zelar.

⁴⁸ No Brasil, o reconhecimento da necessidade de proteger o patrimônio é observado desde a década de 1920. No entanto, tal reconhecimento resulta apenas em iniciativas locais e estaduais, como foi o caso da cidade de Outro Preto, declarada em 1933 o primeiro monumento nacional (BACKX, 2010).

Para levar a cabo tal empreendimento, o modernista acaba sendo acompanhado por Paulo Duarte, e os dois passaram a percorrer diversas cidades históricas do interior de São Paulo com o fim de criar o inventário de bens a serem tombados no estado, acabando por concentrarem-se principalmente nos monumentos que rememoravam a uma memória católica do Brasil colônia. Durante essas viagens – realizadas sempre nos fins de semana, já que ambos possuíam as atribuições do Departamento de Cultura (DUARTE, 1971) – passaram por cidades como Carapicuíba, Cotia e Embu, atestando o total abandono a que estavam sujeitos a grande maioria dos monumentos visitados. Indignado, Paulo Duarte escreve para o jornal *O Estado de São Paulo* um artigo denominado *Contra o Vandalismo e o Extermínio*⁴⁹, denunciando as condições deploráveis em que se encontravam diversos marcos da memória paulista.

O artigo descrevia a visita dos intelectuais a vários lugares, principalmente capelas e igrejas católicas. No convento de Embu, Duarte destacou os degraus apodrecidos, as estátuas despedaçadas e a infestação de ratos e cupins. Já na igreja de São Miguel, denunciou a venda de artefatos e elementos da própria estrutura da igreja, como uma porta entalhada que haveria sido vendida pelo padre que cuidava do local. Ao longo do texto são citadas outras capelas e diferentes cidades, nas quais o trabalho de conservação era inexistente ou mal realizado. O artigo constitui assim a primeira denúncia de Duarte quanto à negligência do estado pela conservação do patrimônio, e termina por fazer uma convocação aos habitantes: “[...] *Chegou o momento de São Paulo levantar-se novamente, mas desta vez contra o vandalismo e o extermínio de suas joias, vencendo definitivamente a barbárie de iconoclastas mercenários ou inconscientes*” (DUARTE, 1938: 16).

A esse brado do intelectual responderam inúmeras instituições e particulares apoiando a campanha pela preservação patrimonial. Organizações como a Academia Paulista de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e mesmo a prefeitura de São Paulo ofereciam-se para participar da empreitada. Empresas como a Ford Motors, a Cia. City e mesmo o Rotary Club enviaram cartas apoiando a iniciativa, e diversas outras manifestações de indivíduos anônimos ou conhecidos chegaram em grande número ao jornal. Nomes como o de Affonso de Taunay, Rodrigo Melo de Franco Andrade e Oswald

⁴⁹ DUARTE, P. *Contra o vandalismo e o extermínio*. **O Estado de São Paulo**, 11 jun. 1937. (DUARTE, 1938)

de Andrade figuravam entre os mais populares. A campanha alcançou enorme repercussão, tornando-se o primeiro projeto de preservação criado por Duarte e influenciando outra semelhante, na Bahia, encabeçada pelo padre Manuel Barbosa⁵⁰.

É importante também citar que durante a campanha o intelectual também voltou sua atenção à destruição de artefatos indígenas e sambaquis, demonstrando que seu interesse pela preservação desses vestígios já havia sido despertado antes mesmo de seu segundo exílio:

Os sambaquis de São Paulo, enxameados pela costa, grande parte desapareceu pela exploração industrializada das “minas de cal. [...] Em meio a massa branca das conchas, muitas de espécies já desaparecidas, despontavam fragmentos amarelados de ossos humanos, detalhe imprescindível dessas caieiras, que desapareceram totalmente, sem que até agora um só estudo fosse feito sobre elas; sem que até agora os poderes públicos não se tivessem animado a custear uma missão para desmontar e pesquisar cientificamente uma dessas fontes pré-históricas, talvez as únicas capazes de trazer alguma certeza sobre as origens remotas do homem sul-americano! (DUARTE, 1938:37)

O trecho em destaque demonstra que as ideias de Rivet sobre o estudo das origens do Homem americano já haviam impressionado Duarte na época em que iniciou a campanha⁵¹. Mas apesar de denunciar a destruição dos sambaquis paulistas e a implicação científica que isso trazia, é somente depois de retornar de seu segundo exílio que o intelectual volta seu interesse com maior ênfase para a Pré-história e a Arqueologia. No momento da Campanha Contra o Vandalismo e o Extermínio, nota-se a importância primordial dada por Duarte à preservação de igrejas, capelas, conventos, e todos os outros monumentos que retratavam uma memória paulista baseada na religião católica e nos colonizadores europeus, tradição que vigorava no país desde a instalação da Corte portuguesa. Como aponta o arqueólogo Pedro Funari (2002), essa preocupação em salvaguardar o patrimônio ligado à igreja católica e ao estado fez parte da construção de um discurso que visava a exaltar o poder da nobreza e das velhas classes senhoriais, o que foi

⁵⁰ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Assembleia Legislativa (Patrimônio Histórico) (1936-82) – Pasta DET 02.

⁵¹ Na ocasião em que Duarte criou a campanha Contra o Vandalismo ele já havia tomado conhecimento de algumas das ideias sustentadas por Paul Rivet, pois, como já citado no capítulo anterior, durante seu primeiro exílio em 1932 o brasileiro refugiou-se em Paris e frequentou alguns dos cursos oferecidos pelo antigo *Musée d'Ethnographie du Trocadéro*.

realizado por meio da exclusão da memória dos grupos subordinados – pessoas comuns, nativos, escravos – da formação da história do país.

A valorização desses monumentos por parte de Duarte pode ser justificada pela importância que este delegava aos jesuítas e bandeirantes na criação de São Paulo. Para o intelectual, seria de suma importância resguardar a história do estado, no sentido de que não ficasse desconhecido “*o lugar em que um branco plantara a semente da primeira povoação paulista*” (DUARTE, 1938:30).

Duarte concedia grande importância aos portugueses na formação do estado. No documento intitulado *Circuito de Piratininga*⁵², escrito pelo intelectual em 1935, é possível observar como ele articulava a participação dos indígenas e dos jesuítas na formação do povoado de Piratininga, o qual viria a dar origem à cidade de São Paulo:

Tempos houve em que o vilarejo de sapé se ermava de habitantes, internados no sertão! 'Está a cidade desamparada!!!' 'Todos os moradores se foram aos sertões'... rezavam a todo instante as velhas atas da Câmara. E a defesa das famílias ficava confiada aos índios mansos. Quem os educara? Quem continuaria as lições e os exemplos dos Nóbrega e Anchieta? Quem lhes ensinara a amar São Paulo? Não foi a pleidade de noviços que aqui professaram e tiveram a sua mais lidima expressão em Belchior de Pontes? Sem essa obra ingente S. Paulo teria sido arrasada pelos seus inimigos⁵³.

A passagem acima demonstra a importância que Duarte concedia aos indígenas ao citar que esses haviam defendido o vilarejo em diversas ocasiões, cometendo até mesmo um anacronismo ao afirmar que estes já amavam a cidade quando esta nem ao menos existia. Apesar de procurar exaltar a participação dos indígenas, o intelectual faz uma conexão entre o passado e o presente que silencia diversos tempos históricos e os embates com nativos ocorridos nestes. No entanto, há outra figura que se destaca ainda mais do que os indígenas, a do jesuíta Belchior de Pontes, que haveria sido o responsável por despertar nos índios “o amor a São Paulo” e, como observável no trecho, indiretamente o maior responsável pelo desenvolvimento da vila de Piratininga.

Apesar de o intelectual valorizar a memória indígena, observa-se que ela aparece como menos importante do que a eclesiástica, a qual seria fundamental para compreender o

⁵² O documento *Circuito de Piratininga* traz uma sugestão de atividade para as comemorações do IV Centenário de São Paulo, envolvendo a criação de um circuito histórico no qual seriam demonstradas as origens da cidade. Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Prefeitura de São Paulo – Departamento de Cultura (1935-47) – Pasta DET 149 : Circuito de Piratininga.

⁵³ Idem. P.7.

surgimento da cidade de São Paulo. Por essa razão, os projetos de preservação patrimonial criados por Duarte antes de partir para o exílio focavam-se na salvaguarda de monumentos como igrejas, capelas e outros retratos da religião católica.

Mário de Andrade também influenciou Duarte nesse sentido. Para o modernista, São Paulo não possuiria as mesmas maravilhas que estados como Minas Gerais, Pernambuco, Bahia ou Pará. Por isso os paulistas deveriam zelar pela preservação de seu patrimônio histórico, de modo a primar “*a preocupação histórica à estética. Recensear e futuramente tomar o pouco que nos resta de seiscentista e setecentista, os monumentos onde se passaram grandes fatos históricos*” (ANDRADE, 1981:69).

O trabalho de inventariar os bens a ser tombados em São Paulo foi norteado por esse pensamento. Como consequência, a Campanha Contra o Vandalismo e o Extermínio, iniciada por Duarte nas viagens empreendidas para recompor esse inventário, focava-se em denunciar as más condições de preservação em que se encontravam os monumentos eclesiásticos dos séculos 1600 e 1700, deixando em segundo plano a memória indígena, os costumes, a gastronomia e o folclore popular, aspectos valorizados pelos dois, mas que apenas seriam encontrados no interior do país, conforme acreditavam os modernistas.

Mário de Andrade influenciou de diversos modos o desenvolvimento do pensamento preservacionista em Paulo Duarte. Ainda durante a Campanha de 1937, o modernista escreveu uma carta apoiando a iniciativa e salientando também a importância da criação de museus municipais espelhados nos novos modelos franceses, vivos e capazes de proporcionar um ensinamento ativo à população. Para Andrade, as ações de preservação patrimonial estavam relacionadas ao processo de alfabetização da sociedade, pois seriam o alimento ideal para incitar o desenvolvimento de reflexões e debates. Como os museus constituem os principais lugares onde o patrimônio de uma comunidade é articulado, o modernista entendia que essas organizações deveriam exercer funções educativas, assim como todas as instituições culturais, nas quais a pesquisa deveria ir “*de mãos dadas com a vulgarização, com a popularização da inteligência*” (ANDRADE, 1938:221).

A passagem acima demonstra que havia semelhanças entre as ideias de educação sustentadas por Andrade e por Paul Rivet, já que ambos acreditavam na popularização do conhecimento por meio de instituições culturais. Apesar disso, há uma grande diferença entre eles, a qual pode ser observada quando analisamos os objetivos que traçavam para

essas instituições e os ideais por trás disso. Para Rivet, os museus deveriam funcionar como vitrines que demonstrassem à população a igualdade entre todos os seres humanos, de modo a provar que o racismo não possuía fundamento científico. Já Mário de Andrade compreendia que as instituições culturais eram as âncoras para o reconhecimento de uma identidade nacional (CHAGAS, 2005), pois deveriam fornecer à população os meios para refletir sobre sua história.

A convivência diária entre Andrade e Duarte é encerrada em 1938, quando o último é exilado devido à instauração Estado Novo. Antes disso e como resultado da Campanha Contra o Vandalismo e o Extermínio, o jornalista ainda tentaria criar em São Paulo o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (DPHAN) – instituição semelhante ao SPHAN que atuaria a nível estadual – mas o projeto acaba sendo enterrado na Assembleia Legislativa quando esta é dissolvida pela ditadura de Getúlio Vargas.

Essa breve análise permite-nos afirmar que, devido aos diálogos com Andrade e por defender uma identidade “do paulista”, Duarte focava suas campanhas na década de 1930 na preservação da memória do estado de São Paulo. Para os dois intelectuais, tal memória seria retratada principalmente através dos monumentos arquitetônicos seiscentistas e setecentistas, mas possuíam razões diferentes para justificar essa crença.

Enquanto Mário de Andrade valorizava o tombamento dos bens relacionados à história europeia e católica de São Paulo por entender que o estado não possuía uma tradição artística ou um folclore dignos de preservação – já que as tradições originalmente brasileiras se encontravam no interior do país –, Duarte considerava esses monumentos os mais importantes por acreditar que eles rememoravam a origem de São Paulo, já que considerava os jesuítas os principais responsáveis por sua criação.

Observa-se assim que o intelectual apoiou-se de diversas maneiras em Andrade para desenvolver seu próprio pensamento preservacionista, o que ocorreu por meio das viagens e trabalhos que realizou junto a ele ou reinterpretando suas ideias de modo a que elas atendessem às suas ansiedades.

Sendo assim, é possível afirmar que, ao partir para o exílio, Duarte concebia suas ideias de preservação principalmente através do diálogo com Mário de Andrade. Seu pensamento preservacionista foi forjado na convivência com o modernista, dentro do Departamento de Cultura, nas viagens empreendidas ao interior de São Paulo e nas

inúmeras conversas e debates que travavam em outras ocasiões. É através dessa amizade e dos diversos trabalhos realizados em conjunto que Duarte desperta para a importância da preservação patrimonial e de sua utilização em instituições culturais como meio educativo, ideia que posteriormente o aproximaria a Rivet.

Acreditamos no entanto, que o trabalho como assistente no *Musée* e a peregrinação por diversos países durante a Segunda Guerra Mundial fariam com que o brasileiro subjetivasse as ideias do etnólogo de igualdade entre todos os seres humanos, levando-o também a aprofundar seu interesse pelo estudo da Pré-história e da Arqueologia, ciências defendidas por Rivet como fundamentais para alcançar a compreensão do Homem universal.

Tendo em mente essas ideias, Duarte desenvolveria ainda no exílio o desejo de instaurar no Brasil um projeto de museu semelhante ao de Rivet. Nesse sentido, a preservação patrimonial continuou a ser compreendida por ele como uma maneira fundamental de levar educação à população, mas a ansiedade por preservar a memória eclesiástica e a história de São Paulo foi substituída pelo desejo de demonstrar a importância e a igualdade de todos os seres humanos. A sua volta para o Brasil marca, portanto, uma nova fase intelectual, na qual ele deu ênfase à salvaguarda dos sambaquis e outros vestígios da cultura indígena como forma de contribuição do país para o conhecimento do verdadeiro Homem.

Com base nisso, é importante lembrar que o trabalho levado a cabo por Duarte em seu país não foi simplesmente uma cópia do projeto de Rivet, mas foi adaptado segundo seus próprios interesses e pelas dificuldades que encontrou por aqui. A luta pela preservação dos vestígios pré-históricos é uma das principais diferenças, visto que se tratava de um problema desconhecido pelo etnólogo, mas que se tornou o primeiro passo do longo caminho traçado por Duarte para a instauração de um Museu do Homem Americano. Nesse sentido, compreende-se que a influência de Mário de Andrade foi fundamental para a realização do projeto, já que este foi um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento de uma consciência preservacionista em Duarte.

2,2: A Revista *Anhemi* e a Importância da Educação para a Sociedade

Com o fim da ditadura getulista em 1945, Paulo Duarte passou a dividir seu tempo entre os projetos que iniciou na França e seu regresso ao Brasil. Sua volta definitiva ao país se deu somente em 1950, ano em que iniciou as movimentações pra a criação de um Museu do Homem brasileiro e fundou a revista científica *Anhemi*.

Apesar de publicada de 1950 a 1962, período em que Duarte se desdobrava para a criação de instituições de salvaguarda e pesquisa pré-histórica, o periódico pouco abordou assuntos ligados à pré-história ou à pesquisa arqueológica, pois focava-se na publicação de artigos sobre ciências, política brasileira e exterior, ensino, intelectuais e imprensa. Para a historiadora Marli Guimarães Hayashi (2010), a *Anhemi* foi principalmente um meio encontrado por Duarte para manifestar suas opiniões. Nesse sentido, a revista torna-se uma ferramenta extremamente útil para perceber algumas das ideias defendidas pelo intelectual e compreender qual tipo de conhecimento este acreditava ser importante repassar à população.

De 1950 a 1956, Duarte acumulou os cargos de diretor e redator-chefe da revista, tendo escrito a maioria dos editoriais desse período. No correspondente à edição número quinze, publicado em fevereiro de 1952, é possível perceber como a orientação da *Anhemi* retratava também os rumos do intelectual, voltada mais para as questões universais do que regionais, o que reforça a ideia de que sua concepção de humanismo rejeitava a noção de nações e fronteiras políticas, baseando-se mais na distinção e agrupamento dos homens pelas suas características culturais:

Navegando nesta corrente desde seu primeiro número, ANHEMBI tem pois preferido tratar nestas suas páginas iniciais desses assuntos capazes de interessar um número muito maior de homens que lutam pela libertação definitiva do Homem, do que por aqueles em que são interessados pequenos grupos que, em geral, se engalfinham, contra os verdadeiros interesses da Pessoa Humana, vestida de toda a sua dignidade. (DUARTE, 1952:415)

Hayashi (2010) realizou uma pesquisa aprofundada sobre o periódico. Segundo ela, a luta pelo fim das desumanidades e pela elevação do homem eram temas correntes na *Anhemi*, assim como as organizações internacionais ONU e UNESCO.

Durante toda a existência da revista foram publicados 144 editoriais. Desses, 32 se referiam ao Brasil e 55 abordavam questões sobre política exterior. Apesar de a grande maioria deles não haver sido escrita por Duarte, compreende-se que estes refletiam os interesses do intelectual em abordar temas ligados a questões internacionais⁵⁴.

Apesar de retratar a posição de seu diretor com uma preocupação que visava a desfocar-se do regional, a revista não ficava alheia aos problemas brasileiros. Uma série de editoriais publicados com o título de “Situação do ensino no Brasil” abordava dramaticamente a queda do nível pedagógico no sistema educacional, ocasionada pelas facilidades que o Ministério da Educação provia para conseguir aprovar os alunos que obtinham baixas médias.

Como já salientado, a preocupação com o ensino foi uma questão que permeou o trabalho de Duarte por toda sua vida. Desde a instalação do Departamento de Cultura e Recreação de São Paulo até a direção do Instituto de Pré-História da USP – projeto que seria concretizado apenas em 1962 – o intelectual defendeu a popularização do ensino como a única maneira de alcançar um maior desenvolvimento da sociedade, objetivando seus projetos sempre com esse fim.

Para ele, o maior problema do Brasil resumia-se à falta de cultura⁵⁵ entre a população em geral. Os homens, mesmo que dependentes física ou financeiramente, apenas seriam livres depois de alfabetizados, quando estivessem aptos a lutar por suas crenças. Por isso Duarte defendia com tanta determinação a difusão da cultura entre a população, pois acreditava que somente através desta seria possível tirar o país de seu atraso econômico e espiritual. Em suas palavras,

Continuo a pensar que o grande problema brasileiro, o mais urgente deles, acha-se na instrução, na educação e na cultura. Por isto continuo a bater-me por um sistema educativo adequado, campanha que se iniciei ainda nas arcadas do Largo de São Francisco e teve o seu primeiro resultado concreto no Departamento de Cultura, [...] e se, já depois do “Estado Novo” comandeí até o fim a guerra contra o vandalismo e o extermínio e se, ao regressar ao país, depois de dez anos de ausência coercitiva, reiniciei a campanha de defesa das

⁵⁴ De 1957 até 1963 o cargo de redator-chefe da Anhembi foi ocupado por Paulo Mendonça, que passou a escrever a grande maioria dos editoriais, principalmente aqueles ligados a política internacional (HAYASHI, 2010).

⁵⁵ Nesse contexto, ao utilizar o vocábulo “cultura” Duarte refere-se à cultura considerada hoje em dia como erudita, aquela referente aos conhecimentos e práticas adquiridas em instituições como academias e universidades (BACKX, 2010).

jazidas pré-históricas, pilhadas e destruídas pelo vandalismo comercial, tudo isto fi-lo ao império da mesma obsessão: se este país tivesse um pouco mais de instrução e fosse um pouco menos mal educado, não teria pela frente as crises e os problemas terríveis, que está sendo agora obrigado a enfrentar perigosamente⁵⁶.

Essa posição do intelectual refletia-se também na *Anhembi*, que foi utilizada para denunciar o que ele denominou de “escândalo do ensino” no Brasil (DUARTE, 1953) e para difundir os artigos científicos que acreditava estarem condizentes com o objetivo da revista de “*colaborar na obra aparentemente impossível da elevação do nível mental do Brasil [...]*” (DUARTE, 1960).

O conjunto de toda a obra desenvolvida por Duarte – que engloba seus trabalhos literários, os institutos e todos os projetos que idealizou – demonstra que, para ele, o desenvolvimento da humanidade estava profundamente ligado à educação desta. Segundo o intelectual, “*a busca do progresso e da civilização do Homem exige a sua melhoria não apenas sob o aspecto físico mas sobretudo sobre o aspecto espiritual*”⁵⁷, o que atrelaria o desenvolvimento dos homens às conquistas intelectuais realizadas por eles.

A citação acima nos permite também observar que um dos objetivos pretendidos pelo intelectual com a educação da sociedade seria atingir a civilização do Homem. Buscando especificar o que entendia por civilização, o próprio Duarte definiu o conceito em uma de suas palestras: “[...] *civilização esta só a tomarei no sentido que lhe dão alguns sociólogos de França, país em que nasceu a palavra a pouco mais de duzentos anos. Isto é, o facto do homem afastar-se cada vez mais da animalidade*”⁵⁸.

O Homem civilizado, para Duarte, seria aquele que ao longo de séculos de aprendizagem haveria conseguido afastar-se de suas características animais, ou seja, aquelas que o ligariam ao resto dos mamíferos e outros animais vertebrados. Essa concepção de que o transcorrer do tempo possibilitaria o acúmulo de experiências culturais através das quais o Homem alcançaria um maior estágio de desenvolvimento foi adotada de

⁵⁶ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Pré-História. Relatórios/Outros (1959-60). Pasta DET 284. Curso de Introdução à Pré-História Ministrado pelo prof. Paulo Duarte. P. 119.

⁵⁷ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Produção Intelectual. Escritos Diversos. Artigos (1944-49) – Pasta P7. p.1.

⁵⁸ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Escritos Diversos. Trabalhos Literários (1930-41). Pasta PI04. Etnologia.

Rivet, e sustenta a noção de que quanto mais antiga é uma sociedade, mais desenvolvida ela seria.

Tais raciocínios criam as bases para a construção de uma noção de que os europeus, em contraposição a todos os outros povos, seriam os únicos civilizados. Como afirmou Duarte, o conceito de civilização foi criado ao longo dos séculos XVIII e XIX, mas seu significado extrapola o sentido sociológico. Nesse período, surge entre os europeus uma preocupação em diferenciar-se dos povos considerados selvagens e primitivos, o que foi realizado através da construção de um discurso que lhes arrogaria ascendência grega e romana. Esse discurso traçava uma linha direta entre essas sociedades e a Europa moderna, plantando a ideia de que os europeus eram herdeiros dessas antigas e gloriosas etnias (SILVA, 2005).

A Europa passou a declarar-se a sociedade mais desenvolvida e a representante máxima da civilização, fosse devido a sua ancestralidade ou à antiguidade de sua cultura. Em contraposição a essa construção, todas as outras sociedades que não adotassem o modo de vida europeu foram compreendidas como não civilizadas, e passaram a ser utilizadas como maneira de evidenciar a superioridade europeia. Nesse sentido, os termos civilizado e não civilizado foram sendo construídos juntos, “*definindo-se um em relação ao outro em uma lógica binária de superioridade e inferioridade, desenvolvimento e atraso, enfim, civilização e barbárie*” (SILVA, 2005). É possível assim notar que as desigualdades entre as sociedades vêm sendo construídas historicamente através de incontáveis discursos que naturalizam as diferenças e as legitimam como verdades fundamentais.

Duarte demonstra haver subjetivado esse esquema de contraposição ao adotar o discurso de civilização em seus estudos:

O samba é um documento de antropologia cultural. Reflete claro a instabilidade étnica e social e até ecológica, com o seu acompanhamento lógico de instabilidade mental suscetível de influências ora negra e índia, completamente selvagem, ora francesa, profundamente civilizada, ora norte-americana, profundamente progressista.⁵⁹

O trecho acima, retirado de uma conferência realizada pelo intelectual na Espanha em 1943, demonstra que ele identificava no samba três tipos de herança, as quais se

⁵⁹ Idem.

contrapunham entre si: a negra e índia, de caráter completamente selvagem, a francesa, profundamente civilizada e a americana, profundamente progressista. É importante assinalar que, para Duarte, progresso e civilização eram coisas completamente distintas. Enquanto o primeiro dizia respeito apenas à melhora material de uma sociedade, o termo civilização designava um avanço moral e espiritual desta.

Sendo assim, o trabalho destacado demonstra que ele relacionava a oposição selvagem x civilizado à relação índio x francês, valorizando a cultura europeia em detrimento da última, o que também acontece quando declara que o samba, considerado uma música tipicamente brasileira, era um retrato da instabilidade étnica, social e até mesmo ecológica do país. É dessa forma que o intelectual vai levar a cabo seus projetos educacionais no Brasil, pautando-se na ideia da Europa como o modelo civilizatório a ser seguido.

A análise sobre a cultura brasileira realizada por Duarte não se resumiu somente ao samba, mas abordou outras formas de arte como a pintura e a escultura, as quais haveriam sofrido influência de correntes europeias. A literatura por sua vez, era para o intelectual uma tradição inexistente em toda a América, principalmente nos Estados Unidos. Assim como Rivet, Duarte criticava esse país por acreditar que haveria priorizado o progresso em detrimento da civilização, o que os levava a um grande desenvolvimento material sem conteúdo espiritual. Sua população declararia ser a mais civilizada, mas sentiria a falta de elementos que confirmassem essa convicção, motivo pelo qual ansiava por qualquer traço da civilização europeia levado até eles por escritores, professores, artistas, etc⁶⁰.

Dessa maneira, fica bastante claro que o intelectual sustentava um discurso que defendia a sociedade europeia como a única civilizada, e que países como o Brasil e os Estados Unidos se espelhavam nela para tentar alcançar um maior desenvolvimento:

Estabelecidas essas premissas, a conclusão que nos resta tirar a nós, os americanos do sul ou do norte, é a de que somos ainda um continente sem civilização, iluminado de civilizações emprestadas, que principiam apenas a sedimentar uma futura civilização ou futuras civilizações americanas⁶¹.

Visto que um dos principais objetivos de Duarte era promover a difusão cultural como maneira de educar a população, compreende-se que isso seria realizado através da

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Idem.

popularização da cultura europeia no país. Para o intelectual, essa seria a única maneira de dignificar os seres humanos e torna-los verdadeiros Homens:

“Ensino não é privilégio de rico nem Educação é comércio. Sem ensino limpo não pode haver dignidade humana nem pode haver Homem. Ao contrário daqueles cujo reino não é deste mundo, [...] todos nós queremos construir, também sobre a terra, uma vida espiritual de dignificação do ser humano e do cidadão, [...] formar homens e não títeres; homens que possam orgulhar-nos quando trabalham aqui dentro do país ou quando nos representam lá fora e não essa multidão de tagarelas que um eleitorado pouco esclarecido manda em geral para o parlamento. [...] Pequenos homens que, na frase admirável de Paul Rivet, podem manter mal e mal países que são independentes mas nunca poderão ser países livres. Porque, mesmo independentes, são incapazes de se libertarem da miséria, da fome e do analfabetismo, são incapazes de se alinharem com os povos lúcidos, ou com o Homem Homem, sem títulos nem adjetivos”.

Visto que a educação era a única maneira de transformar os cidadãos em Homens e sua transmissão seria realizada por meio da difusão da cultura europeia, é possível afirmar que, para Duarte, o Homem verdadeiro seria aquele educado segundo as tradições e modos de vida europeus. Consequentemente, o conceito de humanismo sustentado por ele, apesar de pregar a igual importância entre todos os seres humanos, colocava aqueles educados segundo a cultura europeia em um nível superior aos demais. Como pode ser observado no trecho acima, o intelectual acreditava que alguns países padeciam da miséria, da fome e do analfabetismo por não serem educados e não conseguirem se igualar aos povos lúcidos, estes sim, representantes do Homem Homem. Nesse sentido, sustentava que a lucidez e a capacidade de pensar seriam desenvolvidas através dos tempos por meio de um processo em que os seres humanos afastavam-se de seus instintos animais para atingir a civilização. Os europeus, constituindo a sociedade mais antiga, tornavam-se os principais representantes desses homens lúcidos e, portanto, do “*Homem Homem, sem títulos nem adjetivos*”.

Existem inúmeras categorias de universal, as quais se acreditam como únicas. Diversos conflitos são gerados pelo choque entre elas e pela não negociação entre si, pois se compreende que “outro” está fora daquilo que é universalmente racional, e deve ser obrigatoriamente incluído nele (BUTLER, 1998). Nesse sentido, ao acreditar que a cultura europeia era a única cultura civilizada, esse choque fez com que Duarte desvalorizasse os

desenvolvimentos culturais da sociedade brasileira, acreditando que o samba, por exemplo, era um reflexo de sua instabilidade étnica e social.

Uma breve análise da *Anhembi* demonstra como Duarte articulava essas ideias dentro da revista. Segundo a pesquisadora Mônica de S. Pereira (1987), dentre o conjunto de fatores que haveria possibilitado o surgimento do periódico encontra-se uma profunda crença de que a difusão da cultura europeia era necessária para atingir a elevação espiritual do país. Além disso, a presença maciça de colaboradores e assinantes estrangeiros na *Anhembi* demonstraria a dependência desta em relação ao continente europeu⁶².

As reflexões realizadas até agora acerca da importância dada por Rivet e Duarte à cultura europeia demonstram que o pensamento de ambos também se aproximava ao valorizar a Europa como o estandarte que deveria ser seguido por todas as sociedades. Nesse sentido, ao afirmarmos que o brasileiro lutou durante toda sua vida pela difusão do ensino e da cultura no Brasil, deve-se compreender que, para ele, a cultura ideal a ser seguida seria a europeia, e que seus esforços se voltavam no sentido de espalhá-la no país como modo de conseguir a elevação cultural deste.

Por isso a *Anhembi* possuía uma grande quantidade de colaboradores estrangeiros, o que não diminuía sua preocupação em tratar dos problemas e questões relativas ao Brasil, como no caso do “Escândalo do Ensino” e também na seção denominada “Jornal de 30 dias”, utilizada por Duarte para comentar sobre a situação política nacional, mas principalmente para tecer críticas a fatos e políticos como Getúlio Vargas e Adhemar de Barros.

Alguns autores (ALCÂNTARA 2008, HAYASHI 2010) estão de acordo em afirmar que foram principalmente essas críticas as responsáveis pela “morte” da *Anhembi*. Os vários ataques de Duarte a esses políticos espantaram diversos anunciantes, como a Associação Comercial de São Paulo e a Companhia Antártica Paulista que, num primeiro

⁶² O desejo pela adoção das ideias e padrões europeus não estava presente somente na *Anhembi*. A Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, por exemplo, criada em 1934, era focada em conhecer, entender e resolver os problemas brasileiros segundo os modelos de países europeus e dos Estados Unidos (CLARO, 2008). A produção do conhecimento no Brasil desde a independência – e mesmo antes dela – esteve pautada na concepção da Europa como um centro de irradiação do saber, crença que perdurou durante grande parte do século XX. Nesse sentido, diversas áreas do conhecimento, como a historiografia, acabaram adotando uma visão eurocentrista que permeou a produção das principais narrativas e explicações históricas no país.

momento, pagavam por grandes anúncios na revista, mas foram espantados em 1954 quando o intelectual iniciou uma dura campanha contra Adhemar de Barros.

Apesar de pouco abordar os temas ligados à pré-história, a *Anhembi* foi a primeira iniciativa exitosa de Duarte, após seu regresso, pela difusão do conhecimento científico no Brasil, ideal que contava com todo o apoio de Rivet. O etnólogo contribuiu com diversos artigos para a revista até 1958, ano em que faleceu. Além disso, visitou correntemente o país procurando endossar os trabalhos e projetos propostos pelo amigo, como aconteceu em 1952, quando ambos visitaram o sambaqui Maria Rodrigues, na Cananeia. Na mesma ocasião, os intelectuais se reuniram com o governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, para propor-lhe a criação de um órgão que zelasse pela conservação e pesquisa dos sambaquis no estado.

Duarte encontrou em Lucas Garcez um forte aliado à sua causa. O governador passou a apoiar a salvaguarda das jazidas e baixou o Decreto N° 21.935, de 19 de dezembro de 1952, criando a Comissão de Pré-História de São Paulo. A aprovação do projeto permitiu que os sambaquis paulistas fossem reservados para fins científicos, contornando o decreto baixado em 1947 por Adhemar de Barros que permitia sua exploração industrial e comercial.

2,3: A Comissão de Pré-História

Mesmo atuando apenas a nível estadual, a Comissão de Pré-História tornou-se o primeiro órgão do país a zelar pela preservação do patrimônio pré-histórico. Suas atribuições envolviam o tombamento dos sambaquis, lapas e grutas que oferecessem interesse científico, além da preservação e pesquisa científica do material encontrado⁶³.

A primeira providência tomada pelo órgão foi a organização de uma inspeção por todo o litoral paulista, na qual foi atestado que noventa por cento das jazidas litorâneas estavam sendo exploradas clandestinamente. Para conscientizar a população sobre a importância desses depósitos, foram realizados diversos pronunciamentos salientando a

⁶³ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – Pré-História. Relatórios (1959-60) Pasta DET284.

importância deles para a realização das pesquisas sobre a origem do Homem americano. Ao mesmo tempo, a estrutura do órgão foi rapidamente organizada, o que permitiu a salvação de várias jazidas e possibilitou que em poucos anos a Comissão diminuísse drasticamente a exploração ilegal dos sambaquis no estado (BACKX, 2010).

Apesar de ser responsável também pela salvaguarda das grutas e lapas, o órgão voltou-se basicamente para a preservação e o trabalho com os sambaquis. Esse posicionamento pode ser explicado pela ideia que o próprio Duarte, diretor da Comissão, possuía desses depósitos, caracterizando-os como “as fontes pré-históricas conhecidas mais importantes na América do Sul [...]”⁶⁴.

Duarte também reconhecia a importância de preservar outros tipos de fontes, como os indígenas brasileiros – os quais ele acreditava serem possíveis descendentes dos homens dos sambaquis –, as grutas, lapas e cavernas, como pode ser visualizado no trecho a seguir:

Antes dos sambaquis se amontoarem, as cavernas americanas foram a residência dos grupos humanos de há quinze ou vinte mil anos e nelas encontram-se guardados os segredos de 150 ou 200 séculos, época máxima em que devem ter chegado os primeiros povoadores do continente americano. Elas, pois, as cavernas, que falarão um dia decisivamente, só elas. Deus as guarde, por enquanto, bem escondidas.

Algumas, porém, já foram descobertas! E, descobertas, vão seguindo o mesmo destino triste dos sambaquis, violados pelo leigo ou pelo comerciante, explorados pelos fazedores de dinheiro completamente indiferentes ao que representam sob o ponto de vista científico. Em S. Paulo, basta citar as grutas calcárias da região de Bananal; as dos arredores de Itararé, as das circunvizinhanças de Piracicaba, as célebres cavernas da região de Apiaí e Iporanga, como a gruta do Arataca, a caverna do Monjolinho e das Ostras, etc. [...]”⁶⁵

No entanto, dentre a vasta documentação já pesquisada no arquivo pessoal de Duarte conservado pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Unicamp), não se encontrou qualquer documento que relatasse algum trabalho do intelectual especificamente com cavernas ou grutas, apesar de, como visualizado no trecho, este possuir conhecimento sobre a localização exata dessas fontes.

⁶⁴ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – Pré-História. Curso (1960-61) Pasta DET285. **O homem não poderia ter surgido na América: nunca antropóides no continente.**

⁶⁵ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – Homem Americano (s/d) Pasta DET59. Homem Americano. PP 412.

A grande valorização que Duarte dava ao trabalho com os sambaquis está vinculada aos estudos que realizou na França durante seu exílio. Tendo se formado como pré-historiador no *Musée de l'Homme*⁶⁶, o brasileiro compreendia que a análise da Pré-História deveria ser feita através do difusionismo e do conceito de solidariedade cultural desenvolvido por Rivet.

Segundo o arqueólogo Bruce Trigger (1999), os primeiros difusionistas acreditavam que a capacidade humana de inovar era extremamente restrita. Devido a isso, invenções como a cerâmica e a arte do bronze seriam avanços tão grandes que seria improvável haverem ocorrido duas vezes na história, e, portanto, sustentavam sua propagação de uma só sociedade para o mundo.

O conceito de solidariedade cultural trazido por Rivet modificava essa ideia, dotando-a de um caráter mais humanista. Para o etnólogo, a capacidade de criação do ser humano era ilimitada. A duplicidade das invenções não se dava apenas por falta de necessidade, pois quando uma sociedade realizava uma invenção, o processo natural era que esta fosse difundida para todos os outros grupos. Rivet utilizou esse conceito para tentar compreender as possíveis ligações e origens em comum de diferentes povos indígenas da América do Sul, e, posteriormente, para compreender o fluxo de migrações responsáveis por levar o Homem ao continente americano.

Apoiado nas ideias do etnólogo, Duarte regressou ao Brasil com o objetivo de desenvolver estudos que ajudassem a compreender a origem do Homem americano. Para isso, entendia que os sambaquis eram as principais fontes de pesquisa, pois guardavam os vestígios mais importantes do homem pré-histórico, seus restos ósseos:

Os instrumentos de pedra e osso deixados pelo homem fóssil são de uma importância enorme para seu estudo atual, mas estes, isolados, se nos dão uma ideia bastante nítida de seu psiquismo, de suas atividades, nos deixam, no entanto completamente no escuro sobre minúcias essenciais, sem o que o fora quase o mesmo que estudar a alma da Grécia pelas suas estátuas.

Temos pois de buscar os seus restos mais íntimos que só por acaso foram conservados e só por acaso tem sido descobertos.

Dentre eles, os mais importantes são, sem dúvida, os restos ósseos dos próprios tipos humanos que viveram entre o Paleolítico inferior ao Neolítico. Esses elementos só em época muito recente têm sido postos ao alcance dos

⁶⁶ A afirmação é do próprio Duarte, disponível no documento Curso de Introdução à Pré-História, p. 12. Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – Pré-História. Relatórios, outros, textos. (1959-60) Pasta DET284. Doc 40.

estudiosos pois, na realidade os escassos espécimes fósseis conhecidos foram descobertos, praticamente, desde há um século apenas. São incompletos e precários, mas a Ciência consegue fazê-los falar o suficiente para que possamos ter hoje a ideia de alguns tipos que viveram há mais de um milhão de anos para cá. Tipos humanos, é bom frisar.⁶⁷

Os restos ósseos dos homens pré-históricos seriam as fontes mais importantes para compreender as migrações que levaram o Homem ao continente americano, e é possível afirmar que devido a essa razão Duarte valorizava os sambaquis acima de qualquer outra fonte pré-histórica. Acreditamos que esse motivo, aliado à escolha de Rivet pela Arqueologia como o principal método de ação, fez com que Duarte optasse pela Arqueologia – dentre todas as outras ciências defendidas por Rivet como a Linguística ou a Paleontologia – para realizar seus estudos sobre a origem do Homem americano. Foi o interesse em pesquisar esses depósitos e expor seus vestígios que levaram o intelectual a dar forma, no Brasil, a uma ciência arqueológica que, à semelhança da desenvolvida no *Musée de l'Homme*, considerava todos os grupos humanos dignos de valor.

A Comissão de Pré-História foi o primeiro passo dado por Duarte para a realização desses objetivos, que envolviam principalmente a criação de um Museu do Homem no país. Como já explicitado, a preservação das fontes era um passo prévio à instalação de uma instituição de pesquisa, mas a Comissão conseguiu ir além de suas atribuições. Após realizar o trabalho de salvaguarda do sambaqui de Maratuá, localizado no Canal de Bertioiga, empreendeu uma exploração científica considerada por Duarte uma das melhores já realizadas no país (DUARTE, 1968:52).

Os trabalhos em Maratuá contaram também com a influência e o apoio de Rivet. Como maneira de reconhecer a importância do trabalho que estava sendo realizado no Brasil, o etnólogo enviou Joseph Emperaire para auxiliar na exploração, o qual permaneceu por alguns meses acampado em Bertioiga. Os resultados desse primeiro trabalho foram expostos por Emperaire e Duarte no XXXI Congresso Internacional de Americanistas – realizado em São Paulo também devido à influência do etnólogo –, ocasião em que o último

⁶⁷ DUARTE, Paulo. Origem do Homem. p.2. Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Produção Intelectual – Origem do Homem (original) (s/d) Pasta PI58.

levantou a hipótese de serem as jazidas paulistas monumentos exclusivamente funerários (DUARTE, 1955).

Com o apoio de Rivet e o relativo sucesso que a Comissão vinha alcançando, Duarte compreendeu que as condições prévias para a instalação de uma instituição de pesquisa haviam sido atendidas. Sendo assim, contando novamente com o apoio do governador Lucas Garcez, propõe em 1954 a criação do Instituto de Pré-História, o qual deveria ser subordinado diretamente à Reitoria da Universidade de São Paulo.

2,4: O Instituto de Pré-História e Etnologia de São Paulo e os Primeiros Projetos de um Museu do Homem Americano

Duarte projetou o Instituto de Pré-História e Etnologia (IPHE) à imagem e semelhança do *Musée de l'Homme*. O novo órgão deveria ficar responsável pelo estudo dos vestígios pré-históricos obtidos pela Comissão de Pré-História, e também pela formação de técnicos e especialistas que pudessem trabalhar em campo e dentro dos laboratórios. Sua estrutura deveria contar com um museu e uma biblioteca, além de um gabinete de desenho, fotografia e cinematografia. A importância que Rivet dava à interdisciplinaridade para o estudo do Homem também seria atendida, pois o instituto contaria com seis divisões técnicas administrativas: a de Pré-história, Antropologia, Etnologia, Linguística, Paleontologia e Geologia⁶⁸.

O projeto agradou ao Conselho Universitário da USP, mas alegando que as despesas para a criação de um novo instituto seriam muito altas, este sugere a incorporação do Instituto de Pré-História à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, proposta que é enfaticamente negada por Duarte por acreditar que “*a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, desde 1937, passou a ser minada pela mediocridade, pelos simuladores de cultura aí introduzidos ao incentivo do governo totalitário aí implantado*”⁶⁹. O caráter

⁶⁸Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – Pré-História. Instituto Pré-História (1954-55) Pasta DET280. Instituto Paulista de Pré-História.

⁶⁹ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – Pré-História – Instituto Paulista (s/d) – Pasta DET DET280.

extremamente combativo do intelectual seria responsável pela frustração de diversos planos seus.

Com isso a criação do Instituto foi adiada até 1959, um ano após o falecimento de Rivet. O órgão foi instaurado na capital paulista como entidade independente da Universidade de São Paulo.

A criação do IPHE envolveu diversos outros intelectuais que participaram da reunião para sua constituição, como o geógrafo Aziz Ab'Saber, o sociólogo Florestan Fernandes, o biólogo Antônio Brito da Cunha e os antropólogos Darcy Ribeiro e Herbert Baldus. Em homenagem a Rivet, grande entusiasta pela criação do órgão, a reunião foi realizada no dia 21 de março de 1959, ocasião do primeiro aniversário de sua morte.

Os objetivos do IPHE traçados na ata dessa assembleia atestam que, da mesma maneira que no *Musée de l'Homme*, a atividade de pesquisa deveria estar intrinsecamente ligada à difusão dos resultados científicos. É possível perceber isso no trecho abaixo, no qual se destaca que a estrutura do órgão deveria contar com um Museu do Homem Americano, setor responsável pela popularização do conhecimento desenvolvido no Instituto:

Capítulo I – Do Instituto e seus Fins. [...]

Artigo 2º – O objetivo do Instituto é o estudo de povos e culturas americanas. Para isso promoverá, no laboratório ou no campo, estudos de Pré-História, Etnologia, Antropologia Física e disciplinas afins [...].

Para este mesmo fim o Instituto disporá de instalações especializadas, dentre as quais as destinadas à medição do tempo pelos processos científicos modernos e de um museu que se denominará Museu do Homem Americano. [...]

Capítulo VII – Departamentos Científicos e Museus. [...]

Artigo 20º – Organizará o Instituto, com a colaboração e ajuda oficiais e de entidades nacionais e internacionais que obtiver, um Museu do Homem Americano, que disporá de instalações adequadas à exposição pública de material científico disposto didaticamente de maneira a servir de instrumento pedagógico ao Instituto, aos estabelecimentos de ensino primário, secundário e superior, conforme regulamento a ser elaborado oportunamente.⁷⁰

Após a leitura do trecho em destaque, é possível observar que já na ata de reunião para a criação do IPHE salientava-se a necessidade da criação de um museu. Como herança

⁷⁰ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – Pré-História. Relatórios (1959-60) Pasta DET284. Ata da Assembleia Geral de Constituição do Instituto de Pré-História e Etnologia. Doc 5-A.

adquirida de Rivet, Duarte compreendia que a pesquisa e a difusão científica eram inseparáveis, o que o fez impingir essa ligação a todos os órgãos que criou.

O desejo em formar o acervo para o Museu do Homem Americano era outro motivo que o fazia valorizar os sambaquis como fonte pré-histórica. No *Musée de l'Homme*, a igualdade de todos os seres humanos seria demonstrada através da exposição de artefatos de diversas culturas, de modo a demonstrar a importância de cada uma destas para os visitantes. As peças necessárias para essas exposições eram, em sua maioria, recolhidas através de missões arqueológicas empreendidas a países como Colômbia, Bolívia, Equador e Brasil. Tais missões eram incentivadas para o enriquecimento do acervo e, apesar de possuírem um caráter marcadamente imperialista, foram adotadas como um dos principais métodos de ação da instituição.

Ao seguir os mesmos passos do *Musée*, Duarte compreendia que a instauração de um Museu do Homem no Brasil envolvia a adoção de um método semelhante. A ciência defendida por ele e Rivet pregava o estudo das relações entre os homens salientando a importância de cada um deles, o que deveria ser feito através da exposição de seus vestígios culturais. Nesse sentido, a melhor maneira de reunir as peças para compor o acervo do museu brasileiro seria através da exploração dos sambaquis, as fontes pré-históricas que mais forneceriam material para isso e que, segundo ele, seriam arquivos

da história do homem, num tempo em que não havia História. Seus **documentos** informam o que se passou há cinco, dez, vinte mil anos, com a mesma fidelidade que os documentos escritos. Destruir um sambaqui, pois, é o mesmo que atear fogo no Arquivo Nacional. Um crime.⁷¹

Dessa maneira, compreende-se que ao tentar trazer para o Brasil essa ciência que salientava a importância de todos os homens para a sociedade através da exposição de sua cultura material, Duarte tentou instaurar uma Arqueologia, entendida nesta dissertação como o estudo dos sistemas socioculturais através da cultura material (FUNARI, 1988), de cunho humanista, a qual possuía como principal método de ação a exibição dos documentos pré-históricos encontrados nos sambaquis brasileiros.

⁷¹ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos - Pré-História. Correspondência / Recortes jornais (1962)- Pasta DET. 298: BOUZAN, Walter. Há 8 mil anos o homem já tomava sol no Guarujá. **Edição Extra**, 16 jul. 1962.

No mesmo ano Duarte também foi indicado para o cargo de diretor do Museu Paulista, função que não chegou a assumir. O intelectual atrelou a aceitação do cargo a uma grande reformulação que idealizou para esse museu, a qual não foi concretizada⁷².

Ao analisar a estrutura e as condições de funcionamento do Museu Paulista, Duarte concluiu que a instituição estava saturada por suas coleções, não dispoñdo de espaço para que estas fossem adequadamente expostas e trabalhadas junto à população. Sendo assim, propôs que o acervo do museu fosse dividido em histórico e pré-histórico, de maneira que as coleções históricas continuassem a ser conservada no local e as pré-históricas fossem transferidas para o IPHE, que ao abarcá-las ao acervo que já possuía – constituído pelas peças recolhidas pela Comissão de Pré-História – formaria a coleção necessária para a formação do Museu do Homem Americano.

O objetivo era transformar as duas instituições seguindo os padrões modernos estabelecidos pelo *Musée de l'Homme*, tornando-as paradigmas que o estado de São Paulo deveria seguir para a reorganização de seus outros museus⁷³. Para Alcântara (2008), essa reformulação dotaria os novos institutos de um caráter mais educativo, prevendo a realização de cursos, conferências, publicações e pesquisas, além de um programa de visitas guiadas por especialistas para estudantes primários, secundários e de ensino superior.

O projeto envolvia também a reestruturação física das instituições. O Museu Paulista continuaria no Palácio do Ipiranga, mas receberia novos departamentos e laboratórios, como o de numismática e iconografia. O IPHE por sua vez, deveria instalar-se em um prédio a ser designado pelo governo, local que também receberia o Museu do Homem Americano, de modo a que as atividades de pesquisa e divulgação científica ficassem interligadas⁷⁴.

Apesar do grande apoio que a reformulação logrou alcançar com a imprensa e a população em geral, ela não se concretizou devido à falta de apoio do governo, e Duarte

⁷² Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Temáticos – Pré-História. Instituto (1954-79) – Pasta DET308. DUARTE, Paulo. O Instituto de Pré-História. O Estado de São Paulo, 22 jul. 1973.

⁷³ Afirmação extraída do artigo **Será Remodelado o Museu Paulista**, disponível em Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – Pré-História. Relatórios (1959-60) Pasta DET284. Doc 6.

⁷⁴ Informações retiradas de Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Temáticos – Pré-História. Instituto (1954-79) – Pasta DET308. DUARTE, Paulo. O Instituto de Pré-História. O Estado de São Paulo, 22 jul. 1973.

recusou o cargo de diretor do Museu Paulista alegando: “*não quero ser diretor apenas de um depósito de material*”⁷⁵. A declaração – fornecida ao jornal *Folha de São Paulo* três anos depois – combinada ao projeto que ele redige para a instauração de um Instituto do Homem Americano⁷⁶, retrata seu pensamento quanto ao que acreditava serem os objetivos e modos de funcionar de um museu.

O projeto do Instituto do Homem Americano foi provavelmente uma das tentativas de Duarte para a instalação do museu, pois descreve a criação de um centro de estudos arqueológicos que se focaria na pesquisa do surgimento do Homem na América. Sua redação é composta apenas de três páginas, mas conta com um conteúdo bastante significativo que salienta o caráter educacional impingido pelo intelectual às suas pesquisas sobre a pré-história no Brasil. Nesse sentido, os parágrafos sobre a organização do instituto focam-se em destacar o caráter didático deste, que possuiria exposições permanentes e temporárias para auxiliar no ensino primário, secundário, superior e popular. Combinado a isso seriam mantidas pesquisas de laboratório e de campo, além de cursos e disciplinas permanentes⁷⁷.

Através dessa análise percebe-se novamente como Duarte subjetivou as ideias de Rivet sobre a importância da ligação entre a produção do conhecimento científico e a difusão deste à população, o que pode ser claramente visualizado também no trecho abaixo, retirado do mesmo projeto:

[...] as atividades principais do instituto serão a pesquisa e os cursos. Estes serão permanentes e de conferências. O museu estará aberto diariamente para visitas de estudantes (cursos primários, secundário e superior) com professores, guias, conferências e monitores especializados. [...]

⁷⁵ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Pré-História. Correspondência / Recortes jornais (1962). Pasta DET. 298: LUCCA JR., Domingos de. Miss de 8 mil anos e sambaquis terão museu. **Folha de São Paulo**, 3 jul. 1962.

⁷⁶ O projeto do Instituto do Homem Americano não possui datação, mas as informações presentes nele permitem-nos deduzir que sua composição se deu na mesma época em que Duarte propôs a reestruturação do Museu Paulista, pois o intelectual contava com a coleção etnográfica deste para formar o acervo dessa nova instituição. No entanto, não é possível saber se o Instituto do Homem Americano seria criado com o objetivo de complementar o plano da reestruturação ou após a frustração deste. O projeto encontra-se disponível em Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Pré-História. Correspondência / Outros (1963). Pasta DET302. Doc. 11.

⁷⁷ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Pré-História. Correspondência / Outros (1963). Pasta DET302. Doc. 11.

As visitas públicas dos sábados e domingos e feriados contariam ainda com demonstrações de cunho popular, referentes às coleções expostas e assuntos abrangidos pelo Instituto [...].

Dessa maneira, compreende-se que ao trazer para o país a ideia da instauração de um projeto semelhante ao *Musée de l'Homme*, Paulo Duarte defendeu a criação de instituições de pesquisa que interferissem pela educação da população brasileira. Isso demonstra a importância social do projeto almejado por ele, já que o objetivo era instruir a sociedade para que esta fosse livre para lutar por suas próprias crenças.

O fracasso quanto ao projeto do museu não paralisou as atividades do IPHE. Em conjunto com a Comissão de Pré-História, o órgão realizou já nos primeiros anos diversas inspeções ao litoral paulista a fim de evitar a destruição dos depósitos pré-históricos, e iniciou em 1961 a exploração científica do sambaqui Mar Casado, levando um ano e dois meses para concluí-la. A pesquisa nesse depósito foi para Duarte uma das mais completas até então realizadas na América (DUARTE: 1968).

Dessa jazida foram recolhidos mais de três mil objetos fabricados pelo homem e ossos de oito indivíduos diferentes. O sambaqui foi desmontado por inteiro, e as análises realizadas em toda sua extensão permitiram aos pesquisadores elaborar a proposta de que este continha elementos de duas culturas distintas. Posteriormente, foram ressaltadas as diferenças e semelhanças entre os elementos dessas culturas e aqueles encontrados nos sambaquis de Maratuá – o primeiro pesquisado por Duarte – e Buracão:

No sambaqui de Buracão colheram-se alguns objetos semelhantes aos “furadores-unhas” de Mar Casado, muito maiores, estes, evidentemente adornos. Grandes berloques, perfurados todos, feitos de conchas grandes e peculiares a este sambaqui, porque não foram encontrados nem em Maratuá nem em Mar Casado nem em Piaçaguera, cuja pesquisa se faz presentemente.

[...] Esses dados somam-se às diferenças de cultura verificadas nos três sambaquis pesquisados com mais minúcia na mesma Ilha de Santo Amaro.

[...] Os estudos morfológicos levados a cabo pelo professor Aziz Ab'Saber, levaram à conclusão de que a Ilha de Santo Amaro fazia parte outrora de um arquipélago, o chamado Páleo-Arquipélago Santista, sendo diversas ilhas ligadas depois pelo trabalho incessante, contínuo da sedimentação eólica e marinha. Maratuá achava-se talvez numa pequena ilha, Buracão em outra e Mar Casado em outra. Talvez habitada por clãs segregados ou hostis, separados por um braço de mar. (DUARTE, 1968:79)

O excerto acima nos permite observar como Duarte articulava disciplinas como a Arqueologia e a Geologia para dirigir suas pesquisas, as quais eram focadas em compreender as ligações e origens dos diferentes povos pré-históricos na região. Tal objetivo pode ser considerado um prolongamento do trabalho de Rivet, pois dava continuidade ao seu projeto de compreender o fluxo de migrações que haveria levado o Homem ao continente americano.

Como Duarte dirigia tanto a Comissão de Pré-História quanto o IPHE, é possível afirmar que a Arqueologia científica surge em São Paulo com esse objetivo: estudar as trocas e ligações entre os grupos pré-históricos da região com o objetivo de compreender de que maneira o Homem haveria chegado e se disseminado.

A intenção de Duarte de seguir a tradição francesa pode ainda ser atestada pela importância que este dava à formação de pesquisadores brasileiros no *Musée de l'Homme*. Em 1961 o intelectual obteve três bolsas de aprimoramento para que as estudantes Luciana Palestrini, Niède Guidon e Lia de Freitas Garcia – integrantes do grupo que explorou o sambaqui Mar Casado – realizassem o estágio de um ano na instituição e pudessem ter contato com outros discípulos de Rivet como J. Piveteau, Lévi-Strauss e Leroi Gourhan⁷⁸.

A concessão dessas bolsas deveu-se em grande parte à realização do II Encontro de Intelectuais em São Paulo, quando os trabalhos realizados no sambaqui Mar Casado foram expostos para vários pesquisadores estrangeiros, entre eles a arqueóloga Annette Emperaire e o antropólogo Alfred Nétraux – chefe da delegação da UNESCO no encontro – os quais recomendaram pessoalmente as estudantes para a obtenção do estágio⁷⁹.

O II Encontro de Intelectuais foi promovido pela UNESCO no período de 20 a 26 de agosto de 1961, e teve como tema a “Origem do Homem Americano”⁸⁰. O encontro foi solicitado pelo IPHE, o qual salientou o grande entusiasmo que se dava no país pela pré-história como justificativa pra sua realização.

Compareceram a São Paulo cerca de duzentos intelectuais especialistas em pré-história e em áreas adjacentes, vindos de países como Áustria, Alemanha, França, Estados

⁷⁸ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos - Pré-História. Correspondência / Recortes jornais (1962) - Pasta DET298. Doc.7, pg. 3-4.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ O I Encontro de Intelectuais de São Paulo ocorreu em 1954, em razão das comemorações do IV Centenário da cidade, sendo presidido por Rivet. Foi o êxito dessa primeira reunião que favoreceu a realização do II Encontro.

Unidos e Brasil. Além de desfrutar das conferências, os pesquisadores puderam conhecer o trabalho que vinha sendo realizado pela Comissão de Pré-História e pelo IPHE, visitando o sambaqui Mar Casado e os resultados prévios das pesquisas realizadas nesse e em outras jazidas.

O encontro foi presidido por Duarte, que aproveitou a oportunidade para propor uma moção em prol da instalação de um Museu do Homem Americano em São Paulo. O documento – que se encontra transcrito em relatório elaborado por esse intelectual sobre as atividades da Comissão de Pré-História⁸¹ – foi aprovado por unanimidade pelos participantes, solicitava o apoio e auxílio das delegações do evento para a concessão de créditos, bolsas de estudo e pesquisas que seriam futuramente realizadas pelo museu. Além disso, pedia a colaboração para a salvaguarda e a pesquisa das jazidas que não podiam ser imediatamente investigadas. Mesmo sem conseguir concretizar ainda o projeto do museu, Duarte se articulava para selar compromissos com outras instituições de modo a que o Museu do Homem Americano fosse internacionalmente reconhecido e contasse com o apoio de importantes organismos estrangeiros.

Ao texto original da moção foi incluído um adendo assinado pelos arqueólogos Jose Maria Cruxent, Annette Emperaire, Pere Bosch-Gimpera, e os antropólogos Juan Comas e Alfred Metraux, os quais felicitavam os fundadores do IPHE pelo excelente trabalho de conservação e pesquisa que vinham realizando nas jazidas pré-históricas de São Paulo. Para finalizar, desejavam que tanto no Brasil quanto no resto da América fossem intensificadas as investigações e protegidos os depósitos, através da colaboração entre os institutos de pesquisa dos países desse continente⁸².

Apesar do grande sucesso alcançado pelo encontro, é possível afirmar que o grande entusiasmo pela pré-história declarado por Duarte estava restrito às suas próprias iniciativas em São Paulo e às de alguns poucos pesquisadores no resto do Brasil, como José Loureiro Fernandes, antropólogo que lutava pela preservação do patrimônio arqueológico no estado do Paraná. Em realidade, a promoção do II Encontro de Intelectuais só foi possível porque

⁸¹ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos - Pré-História. Correspondência / Recortes jornais (1962) - Pasta DET298. Doc.7, p.4-6.

⁸² Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos - Pré-História. Correspondência / Recortes jornais (1962) - Pasta DET298. Doc.7, pg 5.

Duarte conseguiu que o evento contasse com o patrocínio de Francisco Matarazzo Sobrinho – que contribuiu com a doação de um milhão de cruzeiros – pois a verba disponibilizada pelo governo do Estado de São Paulo para a realização do encontro era insuficiente.

O II Encontro de Intelectuais foi bastante noticiado pela imprensa e acabou por colocar em evidência os trabalhos que vinham sendo realizados pela Comissão de Pré-História e pelo IPHE. Este último passou a utilizar os meios de comunicação para defender outro tipo de fonte pré-histórica ignorada pela grande maioria da sociedade: os indígenas atuais, possíveis descendentes dos homens produtores dos sambaquis. Para Duarte, as investigações sociológicas realizadas com eles poderiam auxiliar no deciframento de inúmeras jazidas.

Por considerar que os indígenas eram excelentes fontes de estudo para a pré-história, o intelectual passou a lutar pela preservação de sua cultura, posicionando-se contra os contatos indiscriminados que ocorriam entre estes e a “população leiga”. Para Duarte, os estudos que poderiam ser realizados com os nativos – como os de linguística, antropologia e etnologia – obteriam melhores resultados se os contatos destes com a população fossem reduzidos, de modo a que não ocorresse a perda de seus costumes e suas próprias tradições.

Devido a isso o intelectual se pronunciou diversas vezes pela defesa da cultura dos indígenas brasileiros. Em abril de 1959, ao inteirar-se que as comemorações do Dia do Índio envolveriam a exposição de diversas tribos pelo país, escreveu uma carta ao presidente Juscelino Kubitschek ressaltando os perigos a que esses indígenas seriam expostos, salientando que não era somente o da aculturação, mas também o de contraírem diversas doenças para as quais não possuíam qualquer resistência. Além disso, considerava que a exposição das tribos seria incompatível ao respeito que essas mereciam, constituindo um atentando contra sua dignidade humana⁸³.

O intelectual salienta ainda que a assistência dos nativos deveria ficar a cargo do Estado, ao qual caberia

[...]até preservá-los de quaisquer explorações, e do contato inútil com o branco, proibindo severamente a ida às aldeias brasileiras de leigos ou caçadores

⁸³ A carta foi publicada pelo Correio Paulistano em 09 de abril de 1959, e encontra-se disponível em Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – Pré-História. Relatórios (1959-60) Pasta DET284. **Protesto Contra o Festival dos Índios do Brasil**. Doc 11.

de sensacionalismo, dado o perigo de tais contatos e as intenções de certa gente que procura aproximar-se do silvícola⁸⁴.

Apesar de todas as manifestações de Duarte, as comemorações do Dia do Índio no Rio de Janeiro, em São Paulo e Belo Horizonte contaram com a apresentação de danças e rituais indígenas executados por sessenta indivíduos. Três semanas depois do festival, o médico Noel Nutels, chefe sanitário das forças armadas, afirmou que os indígenas haviam contraído uma epidemia de sarampo que dizimara quase toda a tribo⁸⁵.

Dessa maneira, ao defender o resguardo da cultura indígena como maneira de estudar as origens do Homem americano, Duarte passou a lutar também pela preservação da vida dos indígenas, inserindo-se no movimento que surgia contra a aculturação forçada dos índios. Tal movimento iniciou-se a partir da década de 1950, quando a execução de grandes projetos desenvolvimentistas, como a construção das rodovias BR-230 (Transamazônica) e BR-364⁸⁶, despertou um amplo debate sobre a aculturação de diversas tribos indígenas. O trajeto das novas rodovias cortava imensas áreas inexploradas, colocando em contato com a sociedade diversas tribos que até então se encontravam isoladas. Nesse contexto, uma parte dos indigenistas e pesquisadores brasileiros posicionou-se contra os empreendimentos, defendendo o isolamento dos nativos do restante da sociedade enquanto isso fosse possível. Dentre esses estudiosos podem-se citar os irmãos Cláudio (1916-1998), Orlando (1914-2002) e Leonardo (1918-1961) Villas Boas⁸⁷, os quais defendiam uma metodologia de trabalho com os indígenas que demandava um longo período de tempo, pois, para eles, os contatos deveriam ser realizados aos poucos por frentes compostas essencialmente de especialistas.

Por outro lado, uma parcela igualmente grande de estudiosos se posicionou a favor das obras, defendendo uma aculturação forçada aos índios. Para esses, os contatos entre os

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Índios – artigos de jornais e revistas sobre a situação indígena no Brasil (1952-80) – Pasta DET128. Doc. 88-A.

⁸⁶ A BR-230 liga a cidade de Cabedelo (PB) ao município de Lábrea (AM), cortando a Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, Tocantins, Pará e Amazonas. Já a BR-364 é iniciada em Limeira (SP) e tem como ponto final o município Rodrigues Alves (AC), cortando os estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Rondônia e Acre.

⁸⁷ Visando proteger os indígenas da região do Xingu dos contatos indiscriminados com a sociedade, os irmãos Villas Boas foram responsáveis pela criação do Parque Nacional do Xingu em 1961.

indígenas e o restante dos brasileiros ocorreriam cedo ou tarde, razão pela qual valeria a pena agilizar a aculturação dos nativos e integrá-los de uma vez ao resto da sociedade.

As ideias desse segundo grupo de pesquisadores combinavam perfeitamente com o programa desenvolvimentista do governo, pois permitiam que a construção das rodovias fosse rapidamente iniciada. Sendo assim, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) passou a organizar pequenas frentes de indigenistas que acompanhavam os trabalhadores das rodovias, iniciando o contato com os indígenas ao mesmo tempo em que iniciavam as obras. A adoção dessa metodologia causou grandes desavenças dentro do órgão, ocasionando a expulsão de diversos pesquisadores que eram contrários a ela.

Como defendia a máxima preservação da cultura indígena para a realização de seus estudos, Paulo Duarte se posicionou a favor do isolamento. Seu grande interesse pelo assunto pode ser percebido através da farta documentação que reuniu sobre os indígenas, a qual se encontra conservada na Universidade Estadual de Campinas. O material em questão é composto principalmente de artigos publicados nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* entre os anos de 1952 a 1980. Tais documentos ocupam grande parte do acervo e demonstram a importância que o intelectual conferia ao tema, visto que durante trinta anos este guardou com uma frequência praticamente diária as notícias sobre a situação indígena brasileira.

O descaso governamental em relação aos nativos e as atrocidades cometidas contra eles levaram Duarte a cobrar do SPI a elaboração de uma política sólida de salvaguarda aos indígenas. Para ele, o órgão não estaria qualificado para desempenhar o papel científico e de proteção que lhe caberia, permitindo que os indígenas fossem chacinados por todo o país sem tomar qualquer providência⁸⁸. Acreditando que a situação dos nativos era uma vergonha nacional e uma catástrofe humana, Duarte produziu inúmeros discursos que cobravam das autoridades a preservação da vida destes e de sua cultura:

Ainda é tempo de salvar esta imensa herança que nos legou o passado. É tempo ainda de iniciar uma ação implacável e decisiva, com o mesmo afã que os inimigos públicos do Brasil, no gozo de uma escandalosa impunidade, desencadearam até agora, contra os índios, contra uma obra do Exército nacional que mereceu a admiração do mundo civilizado e é a obra de Rondon; contra as jazidas pré-históricas, sambaquis, cavernas e outras; contra as riquezas naturais e

⁸⁸ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Índios. Artigos de jornais e revistas sobre a situação indígena no Brasil (1952-80) – Pasta DET 128: doc. 88-A. P. 12

contra um incomensurável patrimônio científico, sem o qual o Brasil não poderia continuar⁸⁹.

Duarte articulava os índios às jazidas pré-históricas como fontes importantes para a realização de pesquisas, considerando-os importantes patrimônios do Brasil. Sendo assim, pode-se afirmar que a luta do intelectual pelo estudo das origens do Homem americano ultrapassou as fronteiras da pré-história, já que ele passou a defender a salvaguarda dos indígenas atuais acreditando que estes poderiam colaborar no processo de decifrar os sambaquis.

Mas não era somente em prol da ciência que o intelectual defendia os nativos. A ciência humanista trazida por ele ao Brasil pregava a igualdade e a importância de todos os seres humanos, razão pela qual não poderia ficar indiferente às atrocidades que eram cometidas contra os indígenas. Segundo Duarte, *“a vida humana é o maior valor econômico de uma nação. Seria dever da democracia zelar por ela”*⁹⁰.

Dessa maneira, compreende-se que a luta pela sobrevivência dos indígenas ganhou uma importante dimensão no pensamento de Duarte. Ao mesmo tempo em que ele possuía a preocupação humanista de lutar pelos direitos dos nativos – contra o extermínio, as torturas e a exploração a que eram submetidos – entendia a preservação de sua cultura como importante meio para desenvolver os estudos sobre a origem do Homem na América, objetivo traçado por ele e Rivet.

2,5: A Criação e Importância da Lei nº 3.924 em 1961

Nos anos 1950 os trabalhos da Comissão de Pré-História conseguiram diminuir drasticamente a exploração dos sambaquis em São Paulo. No entanto, o resto do país continuava a sofrer com a destruição destas e de outras fontes pré-históricas, padecendo de uma legislação federal que cuidasse definitivamente de sua preservação.

⁸⁹ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – IPH – Museu de Arqueologia e Etnologia (1965-82). Pasta DET316. **Cientistas Formulam Apelo**. O Estado de São Paulo, 15 jul. 1971.

⁹⁰ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – Índios. Artigos de jornais e revistas sobre a situação indígena no Brasil (1952-80) – Pasta DET128.

Com o objetivo de sanar esse problema, Duarte iniciou em meados dessa década a elaboração de uma lei que trataria da definição e proteção das jazidas pré-históricas no país. Em 1957, apoiado pelo então ministro da educação Mario Meneghetti e por alguns deputados, conseguiu que o projeto de lei fosse encaminhado à Câmara, onde permaneceu até 1960, quando foi aprovado e encaminhado ao Senado. Depois disso, transcorreu ainda um ano antes que Jânio Quadros o sancionasse através da Lei nº 3.924 de 29 de julho de 1961, que dispõe sobre a definição dos monumentos arqueológicos, sua preservação e exploração.

Para muitos estudiosos, a lei é ainda hoje o principal instrumento legal de preservação dos vestígios arqueológicos (FUNARI, 2002 e NEVES, 2011). Dentre todos os projetos encabeçados por Duarte este ganha destaque devido às contribuições que trouxe para a posteridade, constituindo o gancho que permitiu à Arqueologia entrar nos processos de licenciamento ambiental.

Atualmente, tais processos concentram grande parte dos trabalhos desenvolvidos por essa ciência. Os requisitos impostos por lei para a obtenção de um licenciamento exigem que o estudo do impacto no ambiente envolva a descrição e análise dos recursos ambientais e suas interações com o meio físico, o meio biológico, os ecossistemas naturais e o meio sócio-econômico. É neste último que a Arqueologia ganha seu espaço, pois o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) compreende que o estudo da sócio-economia envolve, além dos usos do solo e da água, as relações de dependência entre a sociedade local e seus monumentos arqueológicos, históricos e culturais⁹¹.

Nesse contexto, observa-se que a lei nº 3.924 de 1961 é de fundamental importância, pois define a natureza dos monumentos arqueológicos ou pré-históricos e estabelece as normas para sua exploração. Dentro dessas, declara-se que as escavações e pesquisas das jazidas só poderão ser realizadas por um especialista, o qual deverá produzir uma súmula com os resultados obtidos e o destino do material coletado, encaminhando esses documentos posteriormente ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

⁹¹ RESOLUÇÃO CONAMA Nº 001, de 23 de janeiro de 1986. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html>> Acesso em 15 set. 2012.

(IPHAN)⁹². Através dessa lei, os processos de licenciamento ambiental abriram um grande campo de atuação para os arqueólogos.

Por último, é interessante notar que no texto da Lei nº 3.924 encontra-se uma das marcas característica da ciência que Duarte implantou então no país, observável no sexto artigo desse código:

Art 6º As jazidas conhecidas como sambaquis, manifestadas ao governo da União, por intermédio da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de acordo com o art. 4º e registradas na forma do artigo 27 desta lei, terão precedência para estudo e eventual aproveitamento, em conformidade com o Código de Minas.

O trecho em destaque permite-nos visualizar que Duarte transferiu para a lei a valorização que dava aos sambaquis, dando-lhes legalmente preferência de estudo. Como já explicitado, para o intelectual, a exploração científica desses depósitos era a melhor maneira de desenvolver as pesquisas sobre a origem do Homem americano, pois permitiria estudar suas diversas migrações e as ligações entre os diversos povos pré-históricos.

Assim como em outros projetos, a Lei nº 3.924 de 1961, considerada um dos mais importantes instrumentos de trabalho da Arqueologia, carrega as concepções de seu criador. Apesar de tratar da definição e preservação de todos os monumentos arqueológicos, ela claramente valoriza a pesquisa nos sambaquis, as fontes que Duarte considerava a melhor contribuição para o desenvolvimento da arqueologia humanista que procurava instaurar no país. Nesse sentido, salienta-se que os trabalhos arqueológicos realizados hoje em dia – os quais são em grande maioria amparados por essa lei – mesmo sem saber, carregam muito da herança deixada por esse intelectual.

2,6: Os Cursos de Introdução à Pré-História

Um ano antes da promulgação da Lei nº 3.924, após ver frustradas suas primeiras tentativas para a criação do Museu do Homem Americano, Duarte teve a oportunidade de realizar a divulgação de suas pesquisas e do conhecimento pré-histórico para a população

⁹² LEI No 3.924, de 26 de julho de 1961. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm> Acesso em 15 set. 2012.

através de um curso de Pré-História Geral patrocinado pelo jornal *Folha de São Paulo* e oficializado pela USP. O curso recebeu o número surpreendente de seiscentas inscrições, demonstrando que, apesar de negligenciada pelo governo, a pré-história poderia despertar grande interesse entre a população não especializada no tema, já que essa era uma característica comum à maioria dos inscritos⁹³.

Para Duarte, que batalhava há quase dez anos no Brasil pela popularização do tema, o número elevado de inscrições foi uma injeção de ânimo. Ao iniciar a primeira aula do curso, comprometeu-se com os participantes a nunca afastar-se da luta pela cultura, o grande objetivo de sua vida:

Continuo a pensar que o grande problema brasileiro, o mais urgente deles, acha-se na instrução, na educação e na cultura. Por isto continuo a bater-me por um sistema educativo adequado, campanha que se iniciou ainda nas arcadas do Largo de São Francisco e teve o seu primeiro resultado concreto no Departamento de Cultura, para o qual recebi o máximo apoio do prefeito de então, Fábio Prado, que me permitiu ainda fosse buscar, para digiri-lo, o meu amigo Mário de Andrade e se, já depois do “Estado Novo” comandei até o fim a guerra contra o vandalismo e o extermínio e se, ao regressar ao país, depois de dez anos de ausência coercitiva, reiniciei a campanha de defesa das jazidas pré-históricas, pilhadas e destruídas pelo vandalismo comercial, tudo isto fi-lo ao império da mesma obsessão: se este país tivesse um pouco mais de instrução e fosse um pouco menos mal educado, não teria pela frente as crises e os problemas terríveis, que está sendo agora obrigado a enfrentar perigosamente.⁹⁴

Com essa fala, o intelectual dava aos participantes do curso um breve resumo da luta que empreendera durante toda a sua vida pela difusão do ensino e da cultura no país. Reconhecer a importância que Duarte dava à educação é fundamental para compreender seu trabalho, já que o objetivo final de toda a sua luta pela valorização da pré-história no país era alcançar uma melhor instrução da população.

Como já citado, o desejo pela popularização do conhecimento foi um dos pontos que aproximou o brasileiro a Rivet durante o exílio do primeiro na França. Ambos acreditavam que um maior desenvolvimento da sociedade só poderia ser alcançado através da educação, e por isso voltavam seus trabalhos a esse objetivo. O desenvolvimento das pesquisas pré-históricas só teria sentido se os resultados obtidos fossem transmitidos à

⁹³ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Pré-História. Relatórios/Outros (1959-60). Pasta DET 284. Curso de Introdução à Pré-História Ministrado pelo prof. Paulo Duarte.

⁹⁴ Idem. P. 2.

população, o que deveria ser feito através de museus que expusessem a cultura material de forma simples e acessível para instigar nos visitantes a produção do conhecimento.

Enquanto não alcançava a concretização de um Museu do Homem Americano, Duarte apoiou-se nos cursos de Pré-História Geral como maneira de popularizar o tema. Na França, o *Musée de l'Homme* cumpria o papel de desenvolver as pesquisas e difundir seus resultados, visando a despertar nos visitantes o reconhecimento da importância de todos os seres humanos. O projeto de Duarte, por sua vez, contava com o IPHE – responsável pelo estudo das fontes pré-históricas – mas ressentia-se do museu, a principal estrutura, aquela que seria responsável por alcançar a transformação da sociedade através da difusão do conhecimento científico.

No artigo intitulado “Negros” visualiza-se como o intelectual acreditava que o ensino era a única maneira de dignificar o ser humano, e também de torná-lo um Homem:

Parece que os propagandistas de 1888 se bateram apenas por um ideal romântico. Completamente fora do mundo, para eles, o problema do escravo havia desaparecido com sua libertação. Libertaram-no do eito, mas o deixaram amarrado ao tronco do analfabetismo e da selvageria de que os traficantes o haviam tirado. Esqueceram-se de que faltava ainda torna-los homens no verdadeiro sentido da palavra. Isto demonstra o nosso atraso cultural⁹⁵.

A citação acima demonstra que para o intelectual, somente a educação era capaz de transformar as pessoas em Homens. Por isso a análise do conceito de cultura, entendido como instrução, é tão importante. Para Duarte, educar as pessoas seria humanizá-las. Por isso ele lutou pela criação do Departamento de Cultura, e posteriormente pelo estudo dos vestígios pré-históricos e sua difusão. Segundo o intelectual, apenas o conhecimento seria capaz humanizar, e difundi-lo passou a ser o grande objetivo de sua vida.

O trecho em destaque foi retirado de um artigo em que Duarte se defende da acusação de desprezar os negros ao construir uma crítica a Gilberto Freyre. Nele, o intelectual sustenta a importância de se desconsiderar o conceito de raça, visto que os diversos cruzamentos realizados pelos seres humanos ao longo de milhares de anos impediriam que, atualmente, se definissem raças ou tipos físicos definitivos. Por isso defendia que havia apenas um único tipo de classificação válido para os homens: mais humanos ou menos humanos. Visto que o processo de humanização se daria através da

⁹⁵ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Diversos. Artigos (1944-79) – Pasta PI07. Negros. P.3.

educação, a classificação dos homens para Duarte pode ser entendida em outras palavras: mais educados ou menos educados.

Com base nesse raciocínio, o intelectual se posicionava contra os bairros para negros, os cafés para negros e as igrejas só para negros, sustentando que a categorização apenas aumentava o preconceito. A luta contra o racismo deveria ser travada em todas as esferas, mas principalmente através da educação e da difusão cultural: “*Quanto menos culto, mais estúpido o indivíduo e mais acessível a essas bobagens de pensar que a cor da pele ou a religião diferente ou a língua diferente possa demonstrar que seja um homem melhor do que os diferentes de raça, de crença ou de idioma.*”⁹⁶

Visualiza-se assim que Duarte lutava contra o preconceito racial baseando-se em dados e estudos científicos, da mesma maneira de Rivet. A última citação ganha grande relevância ao demonstrar a importância da difusão desse conhecimento, já que por meio dele a população compreenderia a falta de fundamentos concernente ao racismo. O projeto que o intelectual tentava instaurar no país baseava-se nessas ideias, e a falta de apoio para a instauração do Museu do Homem Americano levou-o a focar-se nas aulas de Pré-História geral oferecidas pela *Folha de São Paulo* como uma maneira de difundir esse conhecimento e educar a população.

As aulas tornaram-se assim uma grande oportunidade para Duarte. O sucesso alcançado com o primeiro curso levou os organizadores a repetir a experiência em 1961, limitando o número de vagas a quinhentas e oficializando-o como um curso de extensão universitária. As novas conferências também alcançaram grande repercussão. Todos os dias a *Folha de São Paulo* publicava um resumo das falas do conferencista, que recebeu convites para novos cursos em instituições como a Faculdade de Filosofia de Rio Claro e a Faculdade de Medicina da USP. Graças ao sucesso alcançado com as aulas e as iniciativas de Duarte pelo IPHE e pela realização do II Encontro de Intelectuais em São Paulo, a USP o convida em 1962 a criar um instituto de estudos pré-históricos dentro da universidade.

O curso de Pré-História geral seria realizado ainda por mais um ano após a criação do instituto, sendo renomeado para “Pré-História da América” e contando também com a participação de Aziz Ab’Saber, que ficou responsável pela disciplina de Introdução ao

⁹⁶ Idem. P.2.

Quaternário. Entretanto, o trabalho de divulgação da Pré-História, que vinha aumentando gradativamente com as aulas, sofreu empecilhos com a substituição de Ulhôa Cintra na reitoria por Antônio da Gama e Silva – com o qual Duarte passaria a ter grandes divergências – e, após 1964, pelas dificuldades enfrentadas com a nova situação política do intelectual e do IPH. Segundo Alcântara, a mentalidade ditatorial e a incompreensão por parte das mais diversas instituições quanto a esse projeto cultural impediram o desenvolvimento das bases que poderiam levar a atividade arqueológica a realizar uma transformação social no país (ALCÂNTARA, 2008: 269).

2,7: O Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo

Em 1962 Duarte assume o cargo de diretor do Instituto de Pré-História da USP (IPH), o qual englobou as atribuições da Comissão de Pré-História e do IPHE, que foram extintos. A instalação do instituto trouxe grande satisfação a Duarte, pois ao compreender a educação como a única maneira de tornar as pessoas verdadeiramente livres, acreditava que institutos como as universidades, ao serem os principais centros de difusão do conhecimento, eram os maiores centros humanizadores.

O IPH surgiu com a finalidade de desenvolver pesquisas arqueológicas que se focassem na compreensão da origem do Homem americano. Dentre seus objetivos, encontrava-se também a promoção de cursos, a exploração e preservação das jazidas arqueológicas e a criação de um Museu do Homem Americano que serviria fundamentalmente a objetivos pedagógicos⁹⁷.

Na década de 1960, os trabalhos realizados pelo instituto, tanto de pesquisa de campo como de estudos em laboratórios, foram vários. A conservação e inspeção das jazidas pré-históricas do estado – tarefa antes pertinente à Comissão de Pré-História – continuou sendo realizada, com uma intensa produção de mapas e levantamentos topográficos dos novos depósitos encontrados.

⁹⁷ Informações retiradas do regimento do IPH, disponível em Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Temáticos – Pré-História. Outros (1954-79) – Pasta DET303. Instituto de Pré-História. Regulamento e Regimento.

As explorações científicas nos sambaquis permaneceram como o trabalho prioritário. O instituto prosseguiu com as pesquisas iniciadas pelo IPHE, como a do sambaqui Mar Casado, mas iniciou diversas outras, entre elas a do sambaqui de Buracão em 1962 (localizado no canal de Bertioga) e de Piaçaguera em 1965 (ao lado da cidade de Cubatão). O registro de novos sambaquis se dava periodicamente, mas é possível afirmar que esses três depósitos ganharam especial atenção do instituto devido à grande quantidade de informações que forneceram sobre a vida do Homem pré-histórico. O sambaqui Mar Casado foi declarado por Duarte como o primeiro da América a ser inteiramente pesquisado e desmontado, enquanto que a pesquisa do Piaçaguera levou em torno de cinco anos para ser concluída.

Isso não quer dizer que o IPH ignorasse os outros depósitos. Além de zelar pela conservação de todos eles, realizava análises preliminares para decidir quais possuíam, nesse momento, um maior interesse científico quanto à sua exploração. Os sambaquis da região ao sul de Santos, por exemplo, apresentavam conchas mais íntegras e objetos líticos mais elaborados, o que permitia deduzir que eram relativamente mais novos que os três já citados (DUARTE, 1968:59). Sendo assim, não eram de grande interesse científico para o IPH, visto que o principal objetivo do instituto – e também de todos os projetos de Duarte – era compreender a maneira pela qual o Homem haveria chegado ao continente americano. Nesse sentido, quanto mais antigo fosse o depósito, mais interessante era o seu estudo. Novamente, é possível observar que havia uma grande valorização das fontes pré-históricas que permitissem a compreensão sobre a origem do Homem na América.

Os resultados obtidos com as pesquisas realizadas até 1967 foram expostos no primeiro simpósio de Arqueologia brasileira, organizado durante a XIX Reunião da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC) em julho do mesmo ano. Nessa ocasião, Duarte ressaltou a idoneidade científica com que eram realizadas as pesquisas pelo IPH – aspecto que, segundo ele, nunca antes havia sido observado na análise da pré-história no Brasil – e defendeu a preservação dos sambaquis para estudo, demonstrando as dificuldades concernentes a essa atividade. Por último, destacou os resultados obtidos até então com as pesquisas, os quais relacionavam o estudo nos depósitos ao grande objetivo do intelectual. Para isso, apresentou datações realizadas em diversos depósitos através do

carbono-14, o qual não permitia “admitir uma data muito remota para a chegada das primeiras levas [de homens] ao continente Americano”⁹⁸.

Duarte também conseguiu travar diversos intercâmbios com estudiosos brasileiros e estrangeiros. Graças a uma parceria com a divisão de Antropologia do Museu Nacional, o IPH contava com um levantamento minucioso de todos os pontos de interesse pré-histórico conhecidos até então na cidade de Rio Claro. Ao mesmo tempo, o acervo da instituição fora enriquecido com crânios e esqueletos completos de homens e diferentes primatas enviados pelo *Musée de l’Homme* e por outras instituições de pesquisa especializadas⁹⁹.

Apesar das intensas atividades de pesquisa no instituto e a grande quantidade de material pré-histórico disponível, o projeto do Museu do Homem Americano, novamente, não saiu do papel. A instituição deveria ser erguida no parque do Ibirapuera ocupando uma pequena área de 500m², na qual seriam disponibilizadas vitrines, estufas e um espaço para a realização de cursos e conferências. Os recursos necessários para a construção dessa estrutura seriam custeados por Fábio Prado, que havia disponibilizado uma quantia de cem mil contos para isso.

O projeto não foi concretizado devido uma discórdia entre o diretor do IPH e Antônio da Gama e Silva, que ao substituir o antigo reitor suspendeu os processos iniciados para a construção do museu. Com a morte de Fábio Prado em três de março de 1963, o auxílio é cancelado, e o IPH perde os recursos financeiros necessários à efetivação da instituição. É importante assinalar que Gama e Silva apoiava o golpe ditatorial de 1964, sendo posteriormente o redator do Ato Institucional n° 5¹⁰⁰. As divergências entre ele e Duarte eram ásperas e de ordem política, já que este último era declaradamente contra esse tipo de regime, razão pela qual o projeto do Museu do Homem Americano foi frustrado, e um bom exemplo de como os jogos de poder podem influenciar a produção do conhecimento científico.

Entretanto, visto que a difusão dos resultados das pesquisas era um dos objetivos principais de Duarte, este conseguiu organizar um pequeno museu no saguão do IPH. No

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Temáticos – Pré-História. Instituto (1954-79) – Pasta DET308. DUARTE, Paulo. O Instituto de Pré-História. O Estado de São Paulo, 22 jul. 1973.

¹⁰⁰ Informações retiradas do dossiê “A Trajetória Política de João Goulart”, elaborado pelo CPDOC-FGV. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/gama_e_silva. Acesso em: 05 jan 2013.

local eram realizados cursos, conferências e uma pequena exposição que ficava disponível também aos sábados e domingos, de modo a que os estudantes e também a população em geral pudesse comparecer. Essas visitas eram muitas guiadas pelo próprio intelectual, que se orgulhava de haver impingido ao pequeno museu um caráter pedagógico que seguia o modelo consagrado pelo *Musée de l'Homme*:

[...] De modo, pode-se afirmar que, foi aí nesse saguão e no anfiteatro da Zoologia que se deram no Brasil as primeiras aulas audiovisuais, mas aulas audiovisuais verdadeiras, que contavam não só com os elementos científicos e mecânicos necessários a essas aulas, mas ainda a presença do professor expondo e interpretando o assunto da preleção. É que eu montara esse museu, pequeno mas expressivo, aplicando a orientação imposta por Paul Rivet ao Museu do Homem, no qual trabalhei durante vários anos, e era àquele momento o laboratório de sociologia dentre os mais importantes e o mais moderno da Europa.¹⁰¹

Essa pequena estrutura montada no saguão do IPH acabou sendo o único museu de pré-história efetivamente organizado por Duarte. O projeto original almejado por ele era o de uma grande instituição que contasse com um centro de estudos e um imponente museu, que seguiria os mesmos moldes do *Musée de l'Homme* e levaria um maior desenvolvimento à sociedade. No entanto, apesar haver transformado a concepção de pré-história no Brasil e fundado as bases para o desenvolvimento de uma Arqueologia científica no país, Duarte não conseguiu levar a cabo a criação de um Museu do Homem Americano, deixando por incompleta uma obra que poderia haver transformado a sociedade ao salientar a igualdade e importância de todos os seres humanos através da educação.

O intelectual também dava grande importância à tradição francesa como metodologia para atingir seus objetivos, o que pode ser observado nos documentos que remetem à organização de um curso de especialização em Arqueologia no IPH. Para lecionar nesse curso, que seria iniciado em março de 1963, Duarte procurou por diversos meios trazer um professor francês, procurando impingir à ciência arqueológica que se formava no país uma característica francesa:

Precisamos dele, porque desde o começo quero dar ao ensino de Pré-História um cunho todo francês, pois na França estão as origens da Pré-História e na França formei o meu espírito e abri o meu entusiasmo pela Pré-História. Seria

¹⁰¹ Idem.

fácil – fácil e barato – obter um professor norte-americano, mas não quero. [...] os homens de cultura no Brasil querem continuar fieis à nossa fonte francesa.¹⁰²

O trecho acima foi retirado de uma carta escrita por Duarte a Claude Lévi-Strauss, na qual o primeiro pede que o amigo se articule junto a Leroi-Gourhan e J. Piveteau para enviar ao São Paulo um professor capaz de lecionar a matéria de Pré-História Geral. Através da citação é possível notar a valorização que o brasileiro concedia à cultura francesa, e de como ele acreditava que ela deveria ser a fonte na qual o Brasil deveria se inspirar.

Os trabalhos realizados pelo IPH são interrompidos em julho de 1969, quando Duarte é aposentado contra sua vontade. Na época, a USP enfrentava uma grande agitação devido ao confronto entre defensores e opositores do regime militar, e com a instauração do AI-5 passou a sofrer um controle ainda mais rígido do governo. Apoiado nesse ato, o presidente Costa e Silva publicou uma lista de professores que deveriam ser aposentados compulsoriamente e proibidos de lecionar em qualquer outra instituição. Dentre estes, encontravam-se intelectuais com ideias esquerdistas ou simplesmente desafetos pessoais de Gama e Silva, redator da lista, que além de Duarte apresentou nomes como o de Florestan Fernandes, Octávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso.

O posicionamento de Duarte contra qualquer tipo de ditadura – o qual deixava claro nos diversos discursos e artigos que escreveu – lhe custou o cargo de diretor do instituto que tanto lutara para criar¹⁰³. O fragmento abaixo, retirado de seu discurso *O Resto não é silêncio* (1966)¹⁰⁴, demonstra sua posição crítica em relação ao regime ditatorial e de como acreditava que este deturpava os valores mais importantes da Universidade:

Sim, é isso, desde há muitos anos, a ditadura procura ameaçar-nos com os seus ímpetos, aproveitando-se dos intervalos de confusão que emperram a revolução social, para aproximar-se amparada na muleta dos excessos. [...] Um só motivo me impeliu para o lado de vocês: a convicção de que Ciência e

¹⁰² Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Temáticos – Pré-História. Correspondências (1963) – Pasta DET301.

¹⁰³ Para saber mais sobre o processo de expulsão de Duarte da USP e também do controle exercido na universidade pelo governo durante a ditadura, recomenda-se a leitura da obra *O Processo dos Rinocerontes*, de sua autoria, e a entrevista fornecida por ele ao CPDOC em 1977, disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista529.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2012.

¹⁰⁴ Trata-se da oração de paraninfo composta por ele para a turma de 1965 da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, disponível em Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Produção Intelectual – Discursos (1936 – 1967) – Pasta PI57.

Cultura nunca podem estar a serviço de uma corrente, mas da sociedade. Se assim não for a Universidade prestará serviço apenas aos intrujões, não à inteligência.

A luta de Duarte contra a ditadura envolveu também a publicação de suas memórias entre 1974 e 1984, as quais foram divididas em dez volumes¹⁰⁵ que lhe renderam o Prêmio Jabuti de Biografias e/ou Memórias em 1976 e 1978. No conjunto dessa obra, o principal objetivo do intelectual era salientar sua posição contrária ao golpe, demonstrando como ele já havia enfrentado anteriormente um regime semelhante durante a instauração do Estado Novo.

2,8: A Escrita das *Memórias* e os Demais Projetos Pós-Aposentadoria

Após sua aposentadoria compulsória do Instituto de Pré-História, Duarte se dedicou a diversos projetos, dando especial atenção à escrita de suas memórias. Segundo ele, a ideia de escrever sua autobiografia teria vindo de uma necessidade que sentiu de prestar contas à vida, apresentar suas “*razões de defesa por ter vivido*” e justificar todos os anos de sua existência. Logo na introdução do primeiro volume, demonstra que tais razões consistiriam em provas que atestavam sua idoneidade, o fato de ele nunca haver se corrompido moralmente apesar de todos os problemas e sacrifícios pelos quais havia passado (DUARTE, 1974: 8).

A escrita auto referencial tem sido considerada por muitos autores um dos principais suportes para o estudo da subjetividade do sujeito moderno (CALIGARIS, 1998; LACERDA, 2000). A produção de diários, autobiografias e qualquer outro tipo de material que caracterize uma “escrita de si” por parte do indivíduo, auxiliaria a compreender as maneiras pelas quais esse sujeito se organiza e procura se definir frente à sociedade moderna. Nesse sentido, analisar as memórias escritas por Duarte permite-nos compreender com quais objetivos estas foram criadas.

Os dez tomos que compõe a obra são divididos de maneira curiosa. O intelectual inicia o volume número um com o relato de seu primeiro exílio, fazendo uma descrição

¹⁰⁵ O objetivo inicial de Duarte era publicar suas memórias em quatorze volumes, mas seu falecimento se dá antes que conseguisse publicar os últimos quatro tomos.

minuciosa de sua viagem a Portugal, descrição que é interrompida na metade desse livro. A partir de então, inicia-se um novo capítulo onde discorre sobre sua infância e juventude em Franca, interior de São Paulo. A descrição de seu primeiro exílio é retomada novamente no início do segundo volume das Memórias, mas é também interrompida na metade, quando o autor inicia um novo capítulo para tratar novamente de sua juventude.

Tal estrutura se repete em todos os outros tomos que compõe a obra. A primeira metade de cada livro dá sequência ao relato iniciado no primeiro exílio, enquanto a segunda encarrega-se de descrever a juventude do autor, caracterizando uma curiosa divisão. O nono volume, que pode ser considerado o último de suas memórias¹⁰⁶, aborda seu segundo exílio, e termina com o relato de sua fuga da Europa devido ao avanço das tropas de Hitler a Paris durante a Segunda Guerra Mundial.

Os nove tomos das Memórias de Duarte e a curiosa divisão utilizada por ele refletem nada mais do que a importância primordial que o intelectual dava, no momento da escrita, ao período compreendido entre 1930 e 1940, ocasião que marca sua luta contra a instauração da ditadura de Getúlio de Vargas no país, assim como suas articulações e reflexões a cerca da Segunda Guerra Mundial e dos males dos totalitarismos. Dessa maneira, compreende-se que o autor tenha iniciado suas memórias com o exílio em Portugal em razão de ser esse o primeiro momento em que é expulso do Brasil devido à sua atuação política.

Do mesmo modo, Duarte atribui também uma ordenação significativa à sua vida através da divisão entre exílio e pré-exílio que realiza nos livros. Esta deixa a entrever que, no momento da escrita, discorrer sobre os anos e as lutas passadas fora do Brasil era mais importante para ele do que abordar sua infância e crescimento no interior de São Paulo.

Tal valorização justifica-se pela época em que as *Memórias* foram escritas, pois, nessa ocasião, o intelectual passava novamente por um regime ditatorial e sofria outra vez as consequências de ser um opositor ferrenho deste. Sua expulsão do IPH pode haver sido o pior castigo já sofrido por ele, pois o afastava do grande projeto de sua vida. A publicação de uma obra auto referencial nessa época, que valoriza os anos de exílio e toda sua luta

¹⁰⁶ Apesar das Memórias contarem com dez volumes o último tomo, chamado *O Espírito das Catedrais*, é a reedição da obra de mesmo nome publicada pela primeira vez em 1958 pela editora Anhambi, a qual era propriedade de Duarte.

política, foi provavelmente produzida como uma maneira de reafirmar não somente para a sociedade, mas também para si mesmo, que seu posicionamento contra esse tipo de governo era fundamentado e vinha de longa data.

Sendo assim, observa-se que ao longo da obra o autor procurou escrever-se como um defensor ferrenho da liberdade e da democracia. Ele se produz acima de tudo como um humanista, lutando contra qualquer tipo de abuso de poder. No entanto, é importante salientar que o texto autobiográfico, ao mesmo tempo em que consiste numa representação do próprio autor, de um tipo de identidade que este quer consolidar, é também reproduzido deste autor, que acaba sendo fruto de sua própria narrativa.

Dessa maneira, compreende-se que a projeção de um Paulo Duarte humanista consistia em uma imagem que o autor queria passar não somente para a sociedade, mas também para si mesmo. Afinal, o objetivo do projeto que buscava implantar por tanto tempo no Brasil era humanizar a sociedade através do conhecimento. Assim, ao mesmo tempo em que fabricava tal imagem, acabava sendo também constituído por ela ao adotar os pensamentos e atitudes do humanista que sempre quis ser. O autor acabou constituindo sua narrativa e também sendo constituído por ela.

As *Memórias* de Duarte foram uma tentativa deste de dar forma a si mesmo, de reorganizar sua vida em torno do ideal do humanismo, de modo a acreditar que esta tivesse transcorrido visando a um objetivo maior.

Mas a atuação do intelectual após sua aposentadoria não se resumiu à publicação de sua autobiografia. Mesmo depois de expulso da diretoria do IPH, o que ocasionou a paralisação dos trabalhos no instituto, ele lutou ferrenhamente para que o órgão retomasse suas atribuições. Em carta de 1977 a Orlando Paiva, o intelectual afirma que desde a sua saída o instituto ficara inerte, e que o responsável por sua administração, o professor Ulpiano Bezerra Menezes, tentava extinguir o IPH para incorporar o acervo deste ao Museu de Arqueologia e Etnologia¹⁰⁷.

As desavenças surgidas entre Duarte e Ulpiano Bezerra moldam o tom crítico que o primeiro dá a essa carta. No entanto, o abandono a que o instituto foi submetido é abordado de forma mais melancólica, e atestado pelo intelectual em visitas que fazia ao IPH.

¹⁰⁷ Idem.

Segundo ele, os cursos regulares haviam desaparecido, os trabalhos de pesquisa estavam paralisados e o pequeno museu destruído¹⁰⁸.

A luta em prol da Pré-História e da difusão desta foi realizada também através de participações em eventos e da publicação de manifestos. Em 1969 o intelectual presidiu o III Simpósio de Pré-História e Arqueologia, realizado durante a XXI Reunião da SBPC, e dois anos depois, durante a XXIII reunião da mesma organização, elaborou um manifesto aprovado por mais de duzentos cientistas, fazendo um apelo ao Congresso Nacional pela preservação das riquezas naturais do país, das jazidas pré-históricas e pela defesa e preservação dos índios¹⁰⁹.

A partir de então a publicação de artigos em periódicos foi atividade corrente de Duarte, mas este se envolveu também em outros projetos, como na fundação do Museu da Casa Brasileira e na diretoria da Fundação Padre Anchieta. As novas concepções sobre a conservação do meio ambiente como meio de elevar a qualidade de vida dos homens também atingiram o intelectual em meados da década de 1970, levando-o a produzir diversos artigos que apontavam a acelerada devastação florestal em São Paulo e a propor a criação de uma Superintendência de Florestas e Preservação da Natureza para impedir que a situação perdurasse¹¹⁰.

Duarte faleceu em 1984, um ano antes de se encerrar o regime ditatorial contra o qual tanto lutou. A vida do intelectual foi inteiramente dedicada ao combate pelos direitos humanos, fosse através da luta por uma educação digna para toda a população ou através de ações contra a repressão e os governos totalitários que se instauraram no Brasil e no resto do globo ao longo do século XX. Tal objetivo encontrava-se presente em todas as instituições que projetou, em sua grande produção literária e nos projetos e decretos que idealizou. O Departamento de Cultura, criado por ele antes de partir para seu segundo exílio, trazia de maneira marcante a ideia do desenvolvimento da sociedade através de iniciativas culturais e educacionais, noção que também constituiu a base do projeto humanista que ele tentou trazer para o país após seu segundo exílio.

¹⁰⁸ Em 1989 o IPH foi extinguido, tendo suas atribuições e acervos sido incorporados pelo novo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

¹⁰⁹ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Especiais Temáticos – IPH – Museu de Arqueologia e Etnologia (1965-82). Pasta DET316. **Cientistas Formulam Apelo**. O Estado de São Paulo, 15 jul. 1971.

¹¹⁰ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Ecologia (1975) – Pasta DET72.

Tal projeto, espelhado no trabalho que Rivet levava a cabo no *Musée de l'Homme* em Paris, foi responsável por instaurar as bases de uma Arqueologia científica no Brasil, pois as instituições e decretos idealizados por Duarte permitiram que grande parte das fontes pré-históricas brasileiras fossem preservadas para fins científicos, tendo seu estudo ficado legalmente amparado pela lei nº3.924 de 1961. Como o grande objetivo de Duarte era humanizar a população através da difusão do conhecimento pré-histórico, é possível afirmar que as bases da Arqueologia surgem no Brasil com um viés humanista, o qual se focava na compreensão sobre a origem do Homem americano principalmente através da exploração dos sambaquis.

O projeto humanista que Duarte tentou instaurar no Brasil poderia haver transformado a concepção de Pré-História e a noção do papel fundamental das ciências frente à sociedade, mas a falta de suporte por parte das autoridades governamentais e a mentalidade ditatorial impediram que esse plano fosse concretizado. Apesar disso, Duarte deixou um enorme legado e abriu inúmeras portas para outros pesquisadores, como foi o caso de Niède Guidon, uma de suas ex-alunas. Os dois intelectuais tiveram algumas divergências que acabaram por afastá-los, mas o trabalho de ambos possui enorme relevância e aproxima-se na medida em que os dois objetivavam alcançar um maior desenvolvimento da sociedade. Guidon também seguiu para a França para realizar seu doutorado, e teve como orientador Leroi-Gourhan, antigo discípulo de Rivet. No Brasil, a intelectual demonstraria também haver subjetivado as ideias desse etnólogo ao desenvolver um projeto que se foca no estudo das migrações do Homem, mas, principalmente, por fundar um Museu do Homem Americano na cidade de São Raimundo Nonato, no Piauí.

2,9: O Museu do Homem Americano

Em meados da década de 1960, funcionários da prefeitura de São Raimundo Nonato entraram em contato com o Museu Paulista para relatar a existência de cavernas e sítios na Serra da Capivara que possuíam vestígios de provável ocupação humana. Na ocasião, foram recebidos pela arqueóloga Niède Guidon, a qual se interessou pelo assunto e deu

início às articulações para a formação de uma missão de pesquisadores que seriam enviados à região com o objetivo de analisar os sítios¹¹¹.

No entanto, os preparativos para tal empreendimento foram interrompidos em 1965, quando Guidon foi obrigada a sair do país em detrimento da instalação da ditadura militar em 1964 (GUIDON, 2012). Tendo partido para a França, dedicou-se aos estudos e ao trabalho no Centro Nacional de Pesquisa Científica daquele país, órgão que financiou a maior parte da missão franco-brasileira organizada pela intelectual em 1973.

A missão franco-brasileira possuía o objetivo de pesquisar e escavar os sítios arqueológicos supostamente existentes na Serra da Capivara durante três meses. Como resultado, as pesquisadoras¹¹² encontraram diversas cavernas com pinturas rupestres, restos de cerâmica, artefatos de pedra polida e algumas sepulturas. Os resultados dessa primeira missão justificaram a criação de outros empreendimentos semelhantes durante os cinco anos subseqüentes, cujo tema de pesquisa foi definido como “O Homem no sudeste do Piauí, da Pré-História aos dias atuais. A interação Homem-Meio”. Em 1975, orientada por Leroi-Gourhan, Guidon defendeu seu doutorado em Arqueologia na Sorbonne, o qual traz uma análise das pinturas rupestres encontradas na Serra da Capivara e foi intitulado “*Les peintures rupestres de Varzea Grande, Piauí, Brésil*”, publicado no mesmo ano pela revista *Cahiers d’Archéologie d’Amérique du Sud*.

Em 1978, com o fim dos trabalhos de campo, um relatório foi enviado ao governo brasileiro relatando a riqueza cultural da região e a necessidade de sua preservação. Como resultado, o governo criou em 1979 o Parque Nacional Serra da Capivara, objetivando proteger o meio ambiente e os sítios pré-históricos que ali se localizam. Posteriormente, visando a exercer uma maior fiscalização no parque e desenvolver um trabalho sólido de

¹¹¹ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Pré-História. Instituto de Pré-História (1964-79) – Pasta DET308. LAPOUGE, Gilles. Na França, arqueologia do Piauí. O Estado de São Paulo, 26 jan. 1975.

¹¹² Idem. A primeira missão contava somente com mulheres: Niède Guidon, Sílvia Maranca e A. Vilhena de Moraes. Informação disponível em Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Pré-História. Instituto de Pré-História (1964-79) – Pasta DET308. LAPOUGE, Gilles. Na França, arqueologia do Piauí. O Estado de São Paulo, 26 jan. 1975.

pesquisas acadêmicas na área, foi criada em 1986 a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM)¹¹³.

A FUMDHAM atua ligada a instituições dos governos federal, estadual e municipal. Durante muito tempo, desenvolveu projetos interdisciplinares de caráter temporário que buscavam integrar os resultados das pesquisas à população local, o que era feito através de exposições e projetos comunitários. Em 1994, tais trabalhos foram dotados de um caráter permanente quando a fundação inaugurou o Museu do Homem Americano (MHA) na cidade de São Raimundo Nonato, o qual recebe uma média de 10 mil visitantes ao ano (COSTA, 2011).

A fundação conta com um núcleo que recebe as reservas técnicas de material arqueológico, paleontológico, botânico e zoológico. Tal núcleo, denominado Centro Cultural Sérgio Mota, abriga os serviços administrativos e os laboratórios da instituição, onde os artefatos, esqueletos e todo tipo de fonte pré-histórica recolhida no parque é estudada. Posteriormente, os resultados dessas pesquisas e o material analisado são expostos no museu, que conta com recursos visuais, sonoros e de tato para despertar o interesse dos visitantes.

Uma análise do museu foi realizada durante uma visita de coleta de dados em outubro de 2012, e permitiu-nos perceber que este é estruturado de maneira semelhante ao modelo apresentado pelo *Musée de l'Homme*. A estrutura da FUMDHAM obedece ao projeto instaurado por Rivet e seguido por Duarte no Brasil. A instituição está dividida em um centro de estudos e um museu, além de contar com o aparato necessário para a preservação das fontes analisadas. O centro de estudos é composto por uma biblioteca e quatro laboratórios arqueológicos (Laboratório de Material Lítico, de Material Cerâmico, de Vestígios Orgânicos e de Paleontologia), que abrigam mais de 920 mil peças arqueológicas e desenvolvem o conhecimento produzido na instituição. No entanto, o centro não disponibiliza cursos de especialização ou qualquer tipo de palestra em suas dependências.

¹¹³ Na década de 1980 houve uma orientação política advinda das esferas estaduais e federal quanto à constituição de parques como áreas de preservação ambiental. Neste mesmo período, por exemplo, delimita-se a área do Parque Estadual da Serra do Mar e decreta-se sua zona como de proteção ambiental (CARVALHO, 2012).

Para contornar esse aspecto, um campus da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) foi instalado em São Raimundo Nonato, o qual oferece o curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial. Como a estrutura da universidade ainda não está concluída, o campus foi implantado provisoriamente nas próprias instalações da FUNDHAM, que disponibiliza aos professores e estudantes acesso ao museu, aos laboratórios e ao Parque Nacional Serra da Capivara¹¹⁴.

Sendo assim, as atribuições do Centro Cultural Carlos Mota combinados às da UNIVASF, de certa forma, tentam defender o papel que Duarte acreditava ser essencial a um centro de estudos, pois além de realizar a análise dos documentos arqueológicos oferecem um curso de formação que disponibiliza pesquisadores qualificados e formados no convívio com os documentos pré-históricos. No entanto, ao focar-se na formação acadêmica de profissionais, a UNIVASF deixa de atingir um público que o intelectual considerava extremamente importante: a população leiga, a qual deveria ter a oportunidade de frequentar palestras e conferências de modo a inteirar-se do conhecimento produzido na instituição. Nesse sentido, os objetivos da fundação diferem largamente dos sustentados por Duarte, já que para este a difusão do conhecimento científico para a população seria o principal fim de um museu.

A análise do espaço destinado efetivamente ao MHA, realizada durante a visita citada, também permite levantar importantes observações. Logo que o visitante chega ao local é recebido com a informação de que o museu é auto-explicativo, ou seja, não há a necessidade de que a visita seja acompanhada de guias ou outros tipos de profissionais. O espaço é amplo, e as peças e painéis encarregam-se de difundir o conhecimento produzido pela fundação.

A idéia de um museu auto-explicativo difere bastante dos projetos idealizados por Duarte. O intelectual valorizava os museus vivos, onde as pessoas pudessem interagir com as coleções, mas acreditava que todas as visitas deveriam ser acompanhadas de perto pelos pesquisadores e monitores, pois o principal objetivo do museu era difundir a ciência para a comunidade, atividade que seria melhor realizada com o acompanhamento e as explanações

¹¹⁴ Informações retiradas do site da UNIVASF, disponível em: <http://www.graduacao.univasf.edu.br/arqueologia/>. Acesso em: 15 dez 2012.

de profissionais qualificados. Ao mesmo tempo, valorizava a troca de experiências que acontecia entre a população e os pesquisadores, acreditando que o principal papel destes era modificar a sociedade. Por vezes, o próprio Duarte participou das visitas escolares que ocorriam ao pequeno museu criado no saguão do IPH¹¹⁵.

O primeiro módulo da exposição organizada no MHA aborda as novas descobertas e teorias desenvolvidas na instituição sobre a chegada do Homem ao continente americano. A argumentação expográfica principal, articulada através de longos painéis, vitrines e vídeos, propõe que a ocupação do continente haveria se iniciado há 100 mil anos, trazendo lascas e coprólitos como as provas materiais disso. Tal teoria é rejeitada por diversos intelectuais estrangeiros e brasileiros, como o bioarqueólogo Walter Neves (NEVES, 2010). O primeiro módulo apresenta ainda uma vitrine central com a exposição do crânio mais antigo encontrado pela instituição na região, que conta com nove mil anos.

Posteriormente, o visitante tem acesso a um auditório – localizado no centro da construção –, onde se encontra um imenso telão no qual diversos sítios e pinturas rupestres são reproduzidos junto a recursos sonoros que fornecem possíveis interpretações para os desenhos. Ao lado esquerdo e direito desse auditório são disponibilizados dois terminais que funcionam com a tecnologia *touchscreen* e permitem ao visitante uma maior interação com a exposição. No painel esquerdo pode-se conhecer melhor a Serra da Capivara através de uma vista aérea do parque, o que permite que o visitante tenha uma noção melhor da localização dos sítios arqueológicos e de sua disposição. Já no terminal direito o visitante recebe um pincel, que deve ser utilizado por ele para simular uma pequena escavação arqueológica. A cada vez que o pincel corre sobre o painel, a imagem da tela fica livre de alguns grãos de terra que encobrem um vestígio pré-histórico.

Depois de passar pelo auditório, o visitante depara-se com uma pequena exposição que aborda os diferentes tipos de sepultamento humano encontrados na região. Esse módulo é composto por vitrines contendo cerâmicas e urnas funerárias, um pequeno vídeo que reproduz um ritual indígena de sepultamento e um painel contendo uma breve explicação sobre tecnologia cerâmica. Apesar de ser um dos espaços mais importantes da exposição – já que traz os restos ósseos de homens pré-históricos que habitaram a região –,

¹¹⁵ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Temáticos – Pré-História. Instituto (1954-79) – Pasta DET308. DUARTE, Paulo. O Instituto de Pré-História. O Estado de São Paulo, 22 jul. 1973.

este módulo é marcado pela falta de informação referente aos processos culturais envolvidos nos rituais de sepultamento e pelas lacunas quanto às características e a identificação do grupo indígena retratado no vídeo (WICHERS, 2010).

O último módulo do MHA apresenta artefatos históricos e pré-históricos encontrados nos sítios escavados. As peças são organizadas por funcionalidade, e fazem parte de um breve debate apresentado sobre a dizimação dos povos indígenas da região. Apesar de tal debate constituir um aspecto positivo dessa exposição, a museóloga Camila Wichers (2010:273) observa que na vitrine intitulada “Cronologia Cultural do Parque Nacional da Serra da Capivara”, a única organizada cronologicamente, a última datação pela qual as peças são classificadas é denominada de “Vestígios Europeus”, o que levanta um debate sobre a exclusão da presença indígena na região e na elaboração do conhecimento científico.

A Arqueologia, entendida como prática política, também gera construções subjetivas sobre o passado, já que se apropria deste e o ressignifica em função de interesses presentes (ZARANKIN, 2000). Compreende-se que a produção do discurso arqueológico – constituído também de artefatos e práticas – é carregada de diversos fatores sociais e representações populares. Como essas representações são carregadas de idéias preconcebidas, torna-se fundamental demonstrar como elas influenciam a produção de um conhecimento sobre o passado. Nesse caso, ao utilizar a denominação “vestígios europeus” para classificar um período histórico, exclui-se a importância da presença indígena na região, olvidando sua resistência ao processo de extermínio e seu valor como agente produtor da história.

Dessa maneira, a cultura material pode facilmente adquirir função ideológica. Ela é capaz tanto de possibilitar uma crítica ao presente – através da valorização e recuperação de elementos ignorados do passado – quanto de criar e alimentar relações de submissão e superioridade (FUNARI, 1988). Já que os museus, lugares onde essa cultura é organizada e interpretada, são entendidos muitas vezes como instituições capazes de retratar a verdade sobre o passado, e, compreendendo que o passado é utilizado muitas vezes para legitimar práticas e representações do presente, é importante assinalar que essas instituições são produtoras de políticas, as quais acabam por retratar e reproduzir os sujeitos, ditando como estes devem se comportar e definir. No caso do MHA, a definição cronológica utilizada

pode gerar o sentimento de que a cultura europeia é cientificamente mais importante do que a indígena, induzindo os visitantes a subjetivar a ideia de que esta última é inferior.

Como Guidon foi orientada de Leroi-Gourhan, compreende-se que ela subjetivou muitas das ideias sobre a importância dos museus e da difusão do conhecimento científico para a população, ideal defendido por Rivet, mestre de Gourhan. Da mesma maneira, tomou conhecimento da grande luta de Duarte para instaurar um Museu do Homem Americano no Brasil enquanto desenvolvia junto a ele pesquisas pela Comissão de Pré-História e pelo Instituto de Pré-História, familiarizando-se com o projeto sustentado pelo intelectual de atingir um maior desenvolvimento da sociedade através do conhecimento científico.

Sendo assim, através da influência de Gourhan e Duarte, Guidon entrou em contato com o projeto humanista sustentado por Paul Rivet, seguindo o mesmo modelo consagrado pelo *Muséum d'Histoire Naturelle* e pelo *Musée de l'Homme* para estruturar a fundação que criou no Piauí.

Nesse sentido, o nome Fundação Museu do Homem Americano demonstra que a intelectual já possuía o desejo de instaurar o museu quando criou a fundação que seria responsável pela pesquisa e preservação dos sítios arqueológicos da Serra da Capivara.

A fundação assemelha-se em muito ao trabalho realizado por Duarte no Brasil, já que é responsável pela preservação das fontes pré-históricas que se propõe a estudar. Como já salientado anteriormente, essa estrutura difere do projeto do *Musée de l'Homme*, que não se incumbia da preservação das fontes, mas somente de seu estudo e divulgação dos resultados obtidos. Apesar disso, é importante compreender que o trabalho de Guidon não é uma continuação do projeto de Duarte. Os dois intelectuais tiveram sérias desavenças que acabaram por afastá-los e criaram até mesmo certo ressentimento entre eles.

Por outro lado, ao considerarmos o MHA herdeiro do *Musée* de Paris e uma das mais importantes instituições de pesquisas arqueológicas do Brasil, torna-se importante analisar em quais aspectos ele se aproxima e difere do ideal humanista sustentado por Duarte para a criação de um museu. Apesar de não haver concretizado sua criação, o intelectual deixou inúmeros documentos e institutos através dos quais é possível fazer essa comparação.

Quanto à estrutura organizada para o MHA, esta se assemelha bastante à que Duarte idealizava em seus planos. A importância da interatividade do público com a exposição está marcada em ambos os projetos, assim como o desejo de organizar as peças de maneira chamativa, possibilitando que os vestígios pré-históricos sejam capazes de despertar a atenção do público. Nesse sentido, durante a visita de coleta de dados realizada ao MHA foi possível observar que este utiliza o jogo de luzes como a principal maneira de valorizar tais vestígios, pois toda a iluminação dos ambientes provém das vitrines, o que torna a estética da exposição bastante agradável. Além disso, o museu iniciou a partir de novembro de 2011 um programa de isenção da taxa de entrada para públicos escolares as terças e quartas feiras, visando a aumentar a frequência desses grupos à instituição (COSTA, 2011). Tal estratégia foi implantada com êxito no *Musée de l'Homme* e encontrava-se presente nos projetos idealizados por Duarte para criação de um museu. No entanto, o intelectual defendia a elaboração de uma exposição simples e acessível para a população, de modo que todas as pessoas, não importando seu grau de instrução, fossem capazes de compreendê-la. Isso facilitaria a difusão do conhecimento científico para a sociedade, seu grande objetivo.

Já no MHA não há uma grande preocupação em produzir uma exposição de fácil compreensão. Apesar de os visitantes percorrem o museu autonomamente, o que lhes dá a liberdade de assimilar o conhecimento a seu próprio tempo e de sua própria maneira, não há a possibilidade de realizar questionamentos ou observações sobre dúvidas, pois não existem monitores dentro da exposição. As informações passadas através dos painéis e placas explicativas trazem por vezes palavras que dificilmente são utilizadas fora do meio acadêmico – como os termos “coprólito” e “lúdico”¹¹⁶ –, o que dificulta a compreensão dessa informação pelo público que não frequenta universidades. A situação se agrava no caso de visitas de crianças, que podem ficar desinteressadas ao deparar-se com termos incompreensíveis e textos muito longos.

O acervo do MHA é apresentado de forma bastante atrativa e suas exposições já foram atualizadas em três ocasiões¹¹⁷, mas ao levarmos em conta o tamanho da estrutura

¹¹⁶ O termo “coprólito” aparece logo no início da entrada ao museu, no painel denominado “As evidências”. O termo “lúdico”, por sua vez, está presente no painel “As Pinturas Rupestres”, localizado próximo ao auditório.

¹¹⁷ A primeira exposição permanente foi inaugurada em 1998, quatro anos após a criação do museu. Em 2005 essa exposição foi atualizada através de um convênio com o Ministério da Ciência e Tecnologia, e em 2009 por um financiamento da Caixa Econômica Federal (COSTA, 2011).

onde a instituição está instalada, percebe-se que esta disponibiliza ao público uma quantidade pequena de peças. Tal decisão faz parte da estratégia expográfica adotada pela instituição, mas acaba por causar a impressão de que o museu está vazio, quando em realidade, os documentos recolhidos durante os trinta e nove anos de pesquisa na região ultrapassam o número de 920 mil. Por sua vez, o projeto sustentado por Duarte e Rivet previa a exposição de uma grande diversidade de peças, mapas e fotografias, através das quais os visitantes pudessem ter uma boa ideia da cultura apreciada, seus diversos aspectos e sua localização geográfica.

O desejo de promover o desenvolvimento da sociedade também é um ponto em comum entre os dois projetos. Para Duarte, isso seria realizado através da difusão do conhecimento científico, mas Guidon utilizou de outros meios para atingir o mesmo objetivo. A intelectual promoveu diversas ações de estímulo ao desenvolvimento na região do parque, como a criação de cinco escolas básicas para as crianças dos povoados. No entanto, a falta de verbas para a manutenção desse projeto levou ao fechamento de todos os cinco colégios.

A FUNDHAM, da qual Guidon é diretora, também foi responsável pela instalação de uma fábrica de cerâmica artesanal – a qual exporta atualmente para o sul do Brasil e para a Europa – na comunidade, e incentivou o desenvolvimento do cultivo apícola na região (WICHERS, 2010). Além disso, criou o programa Pró-Arte FUNDHAM, iniciado em 2000, o qual oferece aulas de arte e educação em horários extra-curriculares.

A participação da comunidade também está presente na organização do Parque Nacional Serra da Capivara. As guaritas localizadas nas entradas são guardadas por mulheres dos povoados, encarregadas de receber os visitantes e também de controlar os acessos. Os guias turísticos, cujo acompanhamento é obrigatório para os visitantes, são homens e mulheres da comunidade que receberam cursos de formação específicos para atuar no parque. Nesses cursos, os guias recebem informações sobre os sítios arqueológicos, a fauna e flora da região e também aprendem sobre a história e a importância da unidade de conservação. Visto que os sítios e as pinturas rupestres são hoje em dia os principais atrativos do parque, os guias são instruídos com o conhecimento desenvolvido pela FUNDHAM, o que possibilita que estes repassem aos visitantes as

resultados das pesquisas da fundação, fazendo a ligação entre o conhecimento científico e a população.

Como pode ser visto, Niède Guidon construiu uma obra impressionante no Piauí. O trabalho de preservação patrimonial que a arqueóloga empreendeu no local permitiu que uma grande quantidade de vestígios pré-históricos fosse preservada para fins científicos, transformando a região numa das mais importantes fontes para o estudo da pré-história. As pesquisas desenvolvidas pela fundação vêm produzindo resultados importantíssimos sobre as migrações que levaram o Homem a povoar o planeta, derrubando a tese de que o povoamento humano da América teria ocorrido há 10 mil anos ao evidenciar que aquela região já era ocupada há mais de 50 mil anos. Como se não bastasse, toda essa obra é acompanhada por projetos comunitários que buscam levar um maior desenvolvimento econômico e social à região.

No entanto, a difusão do conhecimento desenvolvido através das pesquisas à população não é um dos objetivos principais da FUMDHAM. Como já demonstrado, apesar de disponibilizar uma estrutura moderna, interativa e esteticamente agradável, o Museu do Homem Americano não tem a preocupação de produzir uma exposição de fácil compreensão, o que dificulta a apreensão do conhecimento por parcelas da sociedade que não possuam muita instrução. Uma das soluções possíveis para amenizar esse problema seria a organização de visitas guiadas ou a disponibilização de um monitor que pudesse acompanhar os visitantes, mas tal proposta foge dos princípios que regeram a organização do MHA, criado para ser um museu auto-explicativo. Essa orientação impede que o público sane possíveis dúvidas ou possa assimilar informações complementares durante a visita, demonstrando que a difusão do conhecimento científico para a população não é um dos pontos priorizados pela instituição.

Essa constatação também pode ser feita com a observação do trabalho realizado pelos guias no parque. Visto que o MHA não possui monitores e o acesso ao Centro Cultural Sérgio Mota – local onde são realizadas as pesquisas – é restrito, esses condutores acabam tornando-se os principais mediadores entre os visitantes e o conhecimento desenvolvido na instituição, que é aprendido por eles durante os cursos de formação. No entanto, esses cursos não são frequentes e o contato dos pesquisadores com os guias não é muito comum, o que por vezes impede que os resultados dos estudos sejam repassados a

esses. Se o conhecimento não chega aos guias, conseqüentemente não chega até a maioria dos visitantes do parque, composta por turistas e pessoas leigas.

Dessa maneira, pode-se afirmar que o trabalho de Guidon não é uma continuação da obra de Duarte, mas um projeto desenvolvido nos mesmos moldes franceses seguidos por este intelectual e amparado na herança que o mesmo deixou ao instaurar as bases de uma ciência arqueológica no país. Apesar das inúmeras aproximações, o objetivo de ambos de alcançar um maior desenvolvimento da sociedade seria realizado de maneiras diferentes, pois enquanto Duarte defendia a educação e a difusão do conhecimento científico para tornar a população independente, Niède foca-se em promover o desenvolvimento das comunidades localizadas ao redor do parque através de projetos sociais, econômicos e do incentivo do turismo à região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Construção dos Discursos

Ao longo deste trabalho demonstrou-se que o movimento humanista francês desenvolvido no início do século XX influenciou profundamente o surgimento da Arqueologia científica no Brasil, ou seja, o estudo de sistemas socioculturais através da análise da sua cultura material, análise que era realizada por meio de uma metodologia bem definida e respaldada por um projeto intelectual teoricamente fundamentado.

Esse movimento humanista foi articulado como uma resposta às doutrinas e teorias racistas que embalaram a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e teve como um de seus principais expoentes o etnólogo Paul Rivet.

Rivet desenvolveu uma Etnologia de cunho humanista que combateu as ideias de superioridade racial através de exposições museológicas e pesquisas elaboradas com grande rigor científico. Após abandonar o exercício da medicina, o intelectual iniciou sua carreira nas ciências humanas como um promissor antropometrista, tornando-se também um dos principais americanistas da França ao desenvolver um vasto trabalho sobre os indígenas do Equador e seus entornos.

No entanto, as diversas análises antropométricas realizadas por Rivet levaram-no a concluir que as características físicas de um ser humano não influenciavam no desenvolvimento de seu intelecto, fazendo-o afastar-se da Antropometria tradicional na medida em que esta pregava uma relação de causa e efeito entre os aspectos físicos e mentais do Homem.

Por outro lado, a Etnologia permitiria ultrapassar as comparações mecânicas realizadas pela Antropometria ao debruçar-se sobre as diferenças culturais das sociedades, e acabou sendo adotada pelo intelectual como maneira de atingir uma maior compreensão sobre o ser humano. Aliando essa ciência ao difusionismo, Rivet passou a orientar suas pesquisas com o objetivo de analisar as migrações e cruzamentos milenares entre os diversos povos do continente americano.

Demonstrar a nova forma que esse intelectual deu à Etnologia é de fundamental importância para compreender de que maneira seu projeto humanista chegou ao Brasil, seus fundamentos e objetivos. Por meio da análise desse projeto foi possível observar que Rivet sustentava o conceito de humanismo pregando a igual capacidade de aprendizagem e criação de todos os seres humanos, mas tal discurso era amparado por uma crença na superioridade dos homens educados pela cultura europeia.

Em seus primeiros anos de pesquisas acadêmicas Rivet substituiu a abstração teórica do evolucionismo pelo difusionismo, passando a desenvolver seus estudos através da compreensão de que as sociedades não se desenvolviam de modo idêntico seguindo uma mesma linha cultural, mas através do contato e a influência com outras sociedades, de modo que as descobertas culturais de um povo acabavam sendo difundidas para todos os outros.

Sua convocação para atuar como médico pelo exército francês durante a Primeira Guerra Mundial fez-lo refletir sobre os problemas enfrentados pelas minorias étnicas e os males advindos das teorias racistas. A partir de então, o intelectual passou a analisar os inúmeros cruzamentos e intercâmbios entre os povos da América, procurando demonstrar a inexistência de “raças” puras e a importância de todas as sociedades para o desenvolvimento da humanidade.

Esses trabalhos levaram-no a cunhar o conceito de solidariedade cultural, segundo o qual todos os povos do globo haveriam colaborado no desenvolvimento uns dos outros ao popularizar o conhecimento que produziam. Dessa maneira, Rivet passou a utilizar o conceito para desenvolver seus estudos, estruturando uma Etnologia que defendia cientificamente a igual importância de todas as sociedades.

Portanto, é possível afirmar que o intelectual desenvolveu uma posição humanista profundamente ligada à sua atividade científica. A teoria difusionista sustentada por ele pregava a crença numa humanidade solidária, onde todos os homens haveriam sido igualmente importantes para atingir o que ele acreditava ser o estágio atual da civilização. Cada Homem, sem importar a cor da sua pele, o tamanho de seu crânio ou sua localização no globo terrestre, seria igualmente capaz de proporcionar conhecimentos e técnicas ao resto da humanidade. Consequentemente, não existiriam povos intelectualmente inferiores ou superiores, mas sociedades em diferentes etapas de desenvolvimento.

O modo escolhido por Rivet para difundir essa ciência humanista foi a exposição da cultura material das mais diversas sociedades. Com o advento da Etnologia, que se consagrava através do estudo dos homens “primitivos” e sua colaboração para a chamada “civilização”, os museus passaram a dedicar alguns espaços de suas exposições para a exibição dos vestígios daquelas culturas que consideravam primitivas. Nesse contexto, o intelectual impingiu na década de 1930 uma reformulação ao *Musée d'Ethnographie du Trocadéro*, do qual era diretor, visando a transformar a instituição em um centro difusor da nova Etnologia humanitária que pregava.

Em 1937, a reformulação empreendida ao *Trocadéro* dava origem ao *Musée de l'Homme*, instituição que seguiria as concepções museográficas apontadas acima e também aquelas ligadas à ideia sobre a importância da educação popular dentro dos museus. Rivet e o museólogo Georges Rivière – que assumiu o cargo de vice-diretor – dotaram a nova instituição de um caráter profundamente didático, procurando tornar as exposições mais atrativas para a população e facilitar o seu processo de aprendizagem.

Com esse objetivo, os intelectuais incorporaram elementos do Surrealismo aos recursos expográficos do museu e estruturaram as exposições em várias vitrines que, separadas de acordo com os diferentes tipos culturais, exibiam vestígios de várias sociedades procurando demonstrar a grande diversidade cultural do planeta.

As vitrines eram compostas de peças como vestimentas, restos ósseos, ferramentas e cerâmicas. Para compor essas coleções, Rivet promovia missões a diversos países da América, como Equador, Bolívia e Brasil, ocasião em que os pesquisadores exploravam monumentos arqueológicos e percorriam aldeias indígenas recolhendo o material etnológico que seria exposto no museu. Tal atividade possuía um caráter marcadamente imperialista.

Visto que o acervo do *Musée de l'Homme* era composto principalmente de vestígios de culturas ameríndias e o objetivo da Etnologia era demonstrar a colaboração dos povos “primitivos” para o desenvolvimento da “civilização”, compreende-se que Rivet acreditava serem esses indígenas povos primitivos da atualidade. Nesse sentido, a não adoção de um modo de vida europeu era a principal característica que assim os definia, e acabava por construir a contraposição civilizado x primitivo, na qual se compreendia como primitiva qualquer sociedade culturalmente diferente da europeia.

Para Rivet, a superioridade da cultura dos europeus se dava principalmente devido à sua antiguidade. O acúmulo de conhecimentos ao longo dos séculos permitiria a alguns povos atingir um maior nível espiritual, incumbindo-lhes a responsabilidade de auxiliar as sociedades menos desenvolvidas. Por isso os indígenas, ao possuir uma curta história em comunidade, eram considerados primitivos, e pela mesma razão países como os Estados Unidos não possuiriam um alto desenvolvimento intelectual. O pouco tempo transcorrido desde sua colonização e, portanto, o pouco tempo de contato com o modo de vida europeu, haveria sido insuficiente.

No entanto, existiria um fator que permitiria aos países de colonização recente desenvolver mais rapidamente seu intelecto: o espírito europeu. Como já explicitado, Rivet acreditava que os países sul americanos haveriam desenvolvido melhor as “coisas do espírito” devido à influência da cultura europeia em sua colonização. Os Estados Unidos por outro lado, ao haverem sido colonizados por pessoas “incultas”, priorizariam o lado técnico ao intelectual. O vocábulo “incultas”, utilizado pelo próprio Rivet no artigo *Etude des relations culturelles entre l'ancien et le nouveau continent* (RIVET, 1954a), demonstra que, para o americanista, os colonizadores desse país não possuiriam em verdade a cultura europeia, já que o espírito intelectual era algo inerente a ela.

Dessa maneira, Rivet acreditava que a cultura europeia seria capaz de iluminar as sociedades menos desenvolvidas e, através de seu espírito, leva-las a um maior desenvolvimento intelectual. Nessa linha de raciocínio, os modos de vida que diferissem do europeu, considerado o modelo ideal, foram entendidos como inferiores. Tal foi o caso dos ameríndios, que, por desconhecerem os preceitos da moral cristã e os princípios organizacionais e políticos europeus, foram classificados como povos primitivos. Foi a partir dessa concepção que Rivet estruturou sua etnologia de cunho humanista, a qual procurava salientar a inexistência de uma superioridade intelectual que derivasse de caracteres físicos, mas se fundamentava na crença de uma excelência cultural europeia ao sustentar a existência de povos primitivos.

Aliando essas ideias ao conceito de solidariedade cultural forjado por ele mesmo, o americanista acreditava que os europeus “cultos” seriam capazes de difundir o espírito europeu, cabendo-lhes também a responsabilidade de auxiliar os povos menos desenvolvidos culturalmente. Segundo o historiador Glaydson da Silva (2005), essa

dinâmica de pensamento “*terá como corolário, sob o pretexto de civilizar o outro [...], práticas império colonialistas e justificativas de dominação de cunho classistas*”.

Ao posicionar-se contrário à independência imediata da Argélia em 1956, Rivet deixava entrever que seus motivos derivavam-se, de certa maneira, do esquema apontado acima por Silva. Para o etnólogo, a colônia francesa deveria passar por um lento processo de descolonização, no qual seria auxiliada pela França – culturalmente superior – a não sucumbir aos conflitos intertribais, as guerras civis e a instabilidade política, problemas enfrentados pelos outros países africanos recém-descolonizados.

Como já explicitado, tal posição batia de frente a um vasto movimento que surgia defendendo a capacidade intelectual dos argelinos de gerirem a si próprios. Mesmo tomando ciência do movimento através de suas diversas manifestações, como a produção do “Manifesto dos 121”, Rivet acreditava que a Argélia necessitava do auxílio dos franceses para ter “*suas aflitivas desigualdades [...] amplamente atenuadas*” (RIVET, 1957).

Sendo assim, pode-se afirmar que apesar de haver lutado durante a maior parte de sua vida para extinguir a ideia de que as diferenças físicas entre os diversos tipos de seres humanos resultavam também em diferenças mentais, Rivet acreditava na superioridade intelectual dos europeus sobre todos os outros povos. Para o etnólogo, quanto mais antiga e contínua fosse uma sociedade mais desenvolvida culturalmente ela seria, o que dotava os europeus de uma grande experiência cultural. Por isso eles seriam mais desenvolvidos do que a maioria das outras sociedades, as quais deveriam se espelhar neles para alcançar uma maior elevação intelectual e espiritual.

Nesse sentido, apesar de pregar que todos os seres humanos nasciam com igual capacidade de criação e aprendizagem, a Etnologia criada por Rivet não sustentava a igualdade entre todos os homens, já que pregava a superioridade dos europeus por terem nascido em uma sociedade antiga e culturalmente experiente, a qual os dotava de maiores conhecimentos que faltavam às sociedades organizadas recentemente.

Duarte subjetivou diversos conceitos de Rivet ao longo dos quase vinte anos de amizade travada pelos dois. O trabalho realizado pelo etnólogo no *Musée de l’Homme* e todo esse conjunto teórico que o embasava despertaram no brasileiro o desejo de difundir o

projeto de valorização dos seres humanos, o que realizou através de diversas iniciativas que procuravam desenvolver o estudo da Pré-História no Brasil.

As pesquisas de Duarte e a sua própria concepção de Pré-História encontravam-se assim amparadas nas ideias de solidariedade cultural e da experiência aliada ao desenvolvimento das sociedades. Da mesma maneira que Rivet, o brasileiro acreditava que a Europa possuía a cultura mais desenvolvida de todas devido à antiguidade dos povos que a ocupavam e, portanto, seria o modelo ideal a ser seguido para “civilizar” a sociedade brasileira.

A questão da civilização insere-se no pensamento de Duarte na medida em que este acreditava que ela seria atingida através do cultivo do intelecto dos homens, ou seja, de sua educação. Nesse sentido, compreendendo que os europeus possuiriam muito mais tempo para desenvolver seu lado espiritual, o intelectual acreditava que a arte, a literatura, a pintura e todas as formas de produção intelectual europeias deveriam ser utilizadas como molde pelos americanos, e por isso tentou difundí-las no Brasil. Dentre algumas dessas tentativas, pode-se citar a grande divulgação de trabalhos científicos de autores europeus na revista *Anhembi*, e sua longa mobilização pela contratação de um professor de Pré-História francês para o IPH. É importante lembrar que Duarte atrelou a admissão desse professor à necessidade que sentia de impingir um cunho francês ao ensino da Pré-História no Brasil.

Dessa maneira, pode-se depreender que o intelectual sentia a necessidade de difundir a cultura européia no país, acreditando que através dela a sociedade alcançaria um maior desenvolvimento intelectual. Como explica Raymond Williams (2007), a partir do século XVI, o termo “cultura”, antes associado ao cuidado com as colheitas ou animais, passou a incluir também o processo de desenvolvimento humano. Ao longo do século XVIII e XIX, o vocábulo sofreu diversas reinterpretações, passando a ser empregado, entre outros motivos, para atacar o grande desenvolvimento mecânico que se dava na sociedade, “*tanto por seu racionalismo abstrato quanto pela ‘inumanidade’ do desenvolvimento industrial da época. O termo foi utilizado para distinguir desenvolvimento ‘humano’ do ‘material’*” (WILLIAMS, 2007:120). Tal diferenciação tornou-se importante a partir da Revolução Industrial, quando o modo capitalista de produção teve uma de suas maiores expressões.

Nesse sentido, muitos passaram a acreditar que a valorização do desenvolvimento capitalista levava a uma perda dos valores humanos e o termo “cultura” foi ressignificado de modo a sintetizar uma oposição à sociedade industrial, travando uma resistência à rápida perda de referências que acontecia num mundo de acelerada transformação através do cultivo das artes, literatura, pintura, etc.

É por meio desse raciocínio que Rivet e Duarte constroem sua crítica aos Estados Unidos, compreendido por ambos como o país que haveria levado o progresso e a técnica a níveis inimagináveis, mas que ao esquecer-se de desenvolver seu conteúdo espiritual, tornava-se incompreensível aos sentimentos e valores humanos.

Esse foi, para Williams, o conceito de cultura que embalou os acontecimentos políticos ao longo do século XIX e início do XX, e que fundamentou a lógica do pensamento nazi-fascista. Segundo ele, os europeus passaram a reconhecer a legitimidade da luta pela independência das colônias, mas continuaram a se posicionar acima delas ao acreditar que possuíam uma cultura mais desenvolvida e, portanto, a missão de civilizar as outras sociedades.

Apesar de posicionarem-se totalmente contra o fascismo e as teorias de cunho racial, Rivet e Duarte subjetivaram a idéia da excelência cultural europeia e de sua missão civilizatória. O projeto científico que cada um deles empreendeu em seu país buscava demonstrar à população a inexistência de “raças” e de uma superioridade mental que derivasse de caracteres físicos, mas, para isso, utilizava a cultura europeia como o modelo a ser seguido.

Isso não quer dizer que o projeto humanista de ambos falhou. Os estudos realizados por Rivet foram responsáveis por demonstrar a uma Europa embebida em teorias racistas que todos os homens nasciam com igual capacidade de aprendizagem e criação, valorizando a diversidade física e lutando contra as teorias que sustentavam a existência de raças na atualidade. Duarte, por sua vez, deu continuidade a esse projeto no Brasil focando-se nas especificidades deste, empreendendo um combate pela valorização da cultura e memória indígena que resultou na luta pela sobrevivência vital dos próprios nativos.

Sendo assim, é inegável que o trabalho empreendido pelos dois intelectuais levou a importantes avanços na luta pela igualdade entre todos os seres humanos. Além disso, os estudos realizados por ambos permitiram que a Etnologia e a Arqueologia ganhassem

espaço e novos contornos em seus respectivos países. Na França, as análises de Rivet baseadas no conceito de solidariedade cultural permitiram que a Etnologia substituísse a Antropometria em importantes instituições como o *Musée de l'Homme* e o *Muséum d'Histoire Naturelle*, possibilitando que os estudos para a compreensão do Homem fossem desfocados dos caracteres físicos e passassem a ser fundamentados no estudo dos movimentos culturais deste. Duarte, por sua vez, ao trazer para o Brasil o desejo de fundar um Museu do Homem preparou algumas das bases para o desenvolvimento da Arqueologia no país, criando para isso instituições de pesquisa e meios legais de preservação e estudo da Pré-História que ainda hoje em dia fundamentam o trabalho dos arqueólogos.

Quanto às suas concepções sobre superioridade cultural europeia, é necessário recordar que discursos sobre ela inundaram o mundo ocidental como maneira de justificar o imperialismo e o colonialismo, tendo sido subjetivadas por uma grande parcela da população e utilizadas durante muito tempo para desenvolver teorias e estudos científicos. Como afirma Edward Said (1990), é muito difícil mesmo para um gênio artístico ou um poderoso intelecto saltar para além de seu próprio tempo e apresentar ao mundo uma obra totalmente nova, pois as possibilidades de trabalho nunca são ilimitadas. Um grande talento tem bastante respeito por todos aqueles que produziram conhecimento antes dele e por tudo aquilo que o campo em que trabalha já apresentou (SAID, 1990).

Portanto, para produzir suas pesquisas Rivet e Duarte apoiaram-se em um conjunto de conhecimentos e discursos desenvolvidos ao longo de séculos, o qual resultou em certo consenso para algumas teorias, como a superioridade cultural europeia. Muitos intelectuais erigiram sua obra com base nesses consensos, e, sem saber, pressionavam os futuros estudiosos a fazer o mesmo. No entanto, como afirmou Judith Butler (1998), o universal está em contínuo processo de disputa e ressignificação, por isso não podemos impor-lhe uma noção culturalmente hegemônica, a qual acabaria sendo considerada como verdade universal.

Sendo assim, é necessário compreender que as mudanças conceituais ocorrem aos poucos, quando os discursos que as fundamentam passam a ser questionados. Nesse sentido, ao contestarem o conhecimento sobre a superioridade racial, Rivet e Duarte fizeram parte do movimento que busca modificar o conceito de Homem, de modo a fazê-lo abarcar negros, índios e qualquer outro tipo de ser humano que ficasse de fora devido a

suas características físicas. Já o questionamento sobre uma suposta superioridade europeia dentro dessa concepção é um debate mais moderno, possibilitado por trabalhos como o desses intelectuais, os quais demonstram que os conceitos não são naturais, mas abertos a debates e ressignificações.

Esse longo processo que envolve a transformação das ideias de Homem e humanismo não deve ser olhado com distanciamento. Ainda hoje diversos seres humanos são taxados de inferiores devido a preconceitos derivados de seu gênero, sua cultura ou seus caracteres físicos, o que os impedem de gozar dos mesmos direitos fornecidos ao arquétipo homem, branco e europeu, considerado ainda por muitos o verdadeiro representante da humanidade. Tais superstições são amparadas por discursos que muitas vezes encontram-se implícitos em notícias, piadas, trabalhos científicos, leis e quaisquer outros tipos de meios de comunicação, os quais reproduzem essas ideias sobre superioridade, mas ao mesmo tempo também são produzidos por elas.

Como exemplo, podem-se citar dois artigos recentes publicados pela revista científica *Proceedings of the Royal Society B*, editada pela *Royal Society* da Inglaterra. O primeiro, intitulado “In your face: facial metrics predict aggressive behavior in the laboratory and in varsity and professional hockey players” (CARRÉ & CORMICK, 2008)¹¹⁸, sustenta que a relação existente entre a largura e altura da face de um homem pode ser um sinal de propensão ou não à agressividade. Na mesma linha de argumentação, o artigo “*Bad to the bone: facial structure predicts unethical behavior*” (HASELHUHN & WONG, 2012)¹¹⁹, defende que a largura extensa do mesmo traço físico é uma característica que prediz o comportamento antiético nos homens. Ambos os artigos apresentam experiências e análises baseadas em caracteres físicos para apontar características psicológicas negativas, utilizando uma simples associação estatística para analisar dois fenômenos comportamentais extremamente complexos.

Sendo assim, é possível observar que atualmente ainda é comum a elaboração de estudos científicos que sustentam a derivação de características psicológicas dos aspectos físicos. Esses trabalhos, normalmente fundamentados em reflexões simplistas como as

¹¹⁸ Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18713717>. Acesso em: 17 jan 2013.

¹¹⁹ Disponível em: <http://rspb.royalsocietypublishing.org/content/early/2011/06/29/rspb.2011.1193>. Acesso em: 17 jan 2012.

apontadas acima, reproduzem discursos sobre uma suposta superioridade biológica de alguns seres humanos sobre outros, fomentando ideias equivocadas a respeito da capacidade intelectual de diversos indivíduos.

Por outro lado, a revista *Pesquisa Fapesp* de janeiro de 2013 publicou um artigo que refuta as conclusões de uma possível relação entre a largura facial e o comportamento dos homens. O texto “O crânio subvertido”, de Marcos Pivetta (2013), apresenta os resultados obtidos por um grupo de pesquisadores ibero-americanos que, ao analisar os crânios de diversas populações humanas, concluíram que “*correlacionar um único atributo físico a um comportamento humano complexo, como a questão da ética e da agressividade, não tem validade científica e é uma ideia perigosa*” (GONZÁLEZ-JOSÉ *apud* PIVETTA, 2013:20).

O debate apresentado demonstra que ao mesmo tempo em que observamos o desenvolvimento de trabalhos científicos, organizações feministas, de contracultura ou antirascistas que pregam a igualdade e o reconhecimento das subjetividades e da singularidade de cada indivíduo, há também meios de comunicação que podem promover o recrudescimento do ódio étnico, do racismo e da perseguição a homossexuais.

Existe também uma grande preocupação hoje em dia no que concerne à revalorização da noção de raça, a qual tem ocorrido por meio de uma nova interpretação que considera o conceito uma importante construção social para o reconhecimento e formação de identidades. Essa revalorização tem permitido que o termo “raça” seja utilizado para categorizar a população através dos censos habitacionais e até mesmo para a formulação de políticas governamentais de inclusão social, as quais carecem de um amplo debate entre governantes e população para não levar a um aumento do preconceito e um ressurgimento do racismo dentro da política.

A questão da educação aparece assim novamente como ponto fundamental para o esclarecimento da sociedade e a aniquilação dos estigmas de superioridade/ inferioridade. O conceito “raça” deve ser explicado como uma categoria socialmente construída, a qual tinha por objetivo sujeitar os africanos aos europeus visando a sua escravização (AZEVEDO, 2004). Sua fundamentação biológica é inexistente, visto que não há uma característica genética capaz de separar ou classificar a humanidade em diferentes categorias. Todos os seres humanos partilham entre si a vasta maioria de suas variabilidades genéticas (PENA, 2008).

Sendo assim, a importância da difusão do conhecimento científico pregada por Paul Rivet e Paulo Duarte também não deve ser encarada com distanciamento. A ciência não dita verdades, mas ao demonstrar as inverdades pode afastar-nos dos erros e preconceitos. Ao explicar a inconsistência biológica das raças, ela pode estimular também a desconstrução social destas.

A Importância da História da Ciência

Foi com tal pensamento em mente que Duarte trouxe a ideia da instalação de um Museu do Homem Americano ao Brasil. À semelhança do *Musée de l'Homme*, a instituição brasileira deveria focar-se na pesquisa da Pré-História e na difusão dos resultados obtidos como maneira de instruir a população e demonstrar a falta de fundamento das teorias racistas.

Mas o projeto que o brasileiro procurou instaurar no país não foi uma simples cópia da obra de Rivet. A subjetividade de Duarte, o contexto e a situação política brasileira seriam fatores responsáveis por impingir a esse trabalho características únicas, como a valorização dos sambaquis como fonte pré-histórica e a luta pela sobrevivência vital dos indígenas.

Dentre as principais diferenças observadas entre os projetos humanistas levados a cabo por esses dois intelectuais pode-se destacar a luta pela preservação patrimonial empreendida por Duarte em seu país. Ao contrário de Rivet, cujas fontes de pesquisa eram preservadas pela legislação patrimonial francesa, o brasileiro enfrentou o descaso governamental quanto à salvaguarda do patrimônio pré-histórico. Em outras palavras, antes de iniciar as movimentações pela criação de um Museu do Homem, Duarte teve primeiro que bater-se pela criação de órgãos e iniciativas legais que zelassem contra a destruição das fontes pré-históricas, as quais deveriam ser reservadas para fins científicos.

O brasileiro já possuía experiência na luta pela preservação patrimonial, a qual foi forjada no convívio com Mário de Andrade antes que partisse para seu segundo exílio. O modernista foi o grande responsável por despertar no amigo a importância quanto à salvaguarda da memória de São Paulo, preocupação regionalista que Duarte substituiria

posteriormente pela apreensão da humanidade como um todo. Foi também por meio de Andrade que o intelectual inteirou-se da possibilidade de utilizar o patrimônio e os museus com fins educativos, ideia que posteriormente o aproximaria a Rivet.

Visto que é através da influência desse modernista que Duarte articula suas primeiras campanhas de preservação patrimonial – a Campanha Contra o Vandalismo e o Extermínio e as tentativas para a criação do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (DPHAN) – é possível afirmar que Andrade possui grande importância no desenvolvimento do pensamento preservacionista de Duarte e, portanto, na luta que este empreendeu pela salvaguarda dos vestígios pré-históricos. Ao lado de Rivet, o modernista torna-se um dos principais personagens que permitiram o desenvolvimento do projeto humanista no país quando o intelectual voltou de seu segundo exílio.

Uma das primeiras iniciativas de Duarte ao voltar definitivamente para o Brasil foi a fundação da Comissão de Pré-História em 1952. A Comissão foi o primeiro órgão do país a zelar pela preservação do patrimônio pré-histórico, e constituiu o primeiro passo do projeto que o intelectual tentava instaurar. Tal projeto deveria contar com um órgão que zelasse pela preservação das fontes de estudo, um instituto que cuidasse de sua pesquisa e um museu, através do qual os resultados científicos seriam difundidos para a população.

Sendo assim, após os primeiros trabalhos exitosos da Comissão, Duarte iniciou as articulações para a criação de um instituto de pesquisa – ao mesmo tempo em que formulava iniciativas legais de proteção aos vestígios pré-históricos – e em 1959 conseguiu a instalação do Instituto de Pré-História e Etnologia de São Paulo, o qual seria incorporado pela USP em 1962 juntamente à Comissão. A todas essas instituições o intelectual procurou impingir um caráter didático, pois compreendia como essencial a ligação entre a atividade de pesquisa e a difusão dos resultados obtidos.

A análise dessas três instituições e do trabalho de preservação e pesquisa realizado nelas permitiu-nos observar diversas das escolhas realizadas pelo intelectual, as quais nortearam seu trabalho sobre o estudo das origens do Homem americano. A escolha da Arqueologia como método de ação, por exemplo, se deu em razão da subjetivação das ideias de Rivet, as quais pregavam a exposição da cultura material de diversas sociedades como método de demonstrar a igualdade entre elas. Ao adotar esse mesmo procedimento,

Duarte acabou por criar as bases que seriam em grande parte responsáveis pelo desenvolvimento científico dessa atividade no Brasil.

A adoção dessa metodologia também seria uma das razões da grande valorização dada pelo intelectual ao estudo e preservação dos sambaquis acima de qualquer outra fonte pré-histórica. Como o objetivo do projeto humanista era demonstrar a interação entre os diversos povos do planeta de modo a assinalar a dependência cultural entre eles, Duarte acreditava que a análise dos restos ósseos seria a melhor maneira de compreender os cruzamentos as migrações que haveriam levado o Homem ao continente americano. Visto que os sambaquis são depósitos de materiais orgânicos e calcários, poderiam fornecer uma grande quantidade de material a ser estudado e posteriormente exposto em um museu, razão pela qual foram compreendidos por Duarte como as fontes brasileiras mais importantes.

Sendo assim, os trabalhos do intelectual foram direcionados principalmente para a preservação e pesquisa dessas jazidas. Os projetos de investigação apresentados pelo IPHE e posteriormente pelo IPH, assim como a Lei nº 3.924, também idealizada por ele, são capazes de atestar isso, além de uma predileção pela análise dos depósitos mais antigos, já que o objetivo seria estudar as primeiras migrações que trouxeram o Homem a América.

A grande importância conferida aos sambaquis depreendeu também em uma apreciação dos indígenas atuais como fontes da Pré-História e patrimônio nacional, pois estes poderiam ser descendentes dos homens produtores das jazidas e auxiliar em seu estudo. Com esse pensamento em mente, Duarte passou a lutar pela preservação de sua cultura e contra as políticas governamentais que buscavam acelerar a sua aculturação e o contato com o restante da sociedade. Como consequência, envolveu-se na luta pela sobrevivência dos indígenas, defendendo o seu isolamento e denunciando por meio de manifestos as chacinas e abusos a que estes vinham sendo submetidos.

Dessa maneira, o projeto que o intelectual instaurou no país teve caráter marcadamente humanista não só por pregar a educação da sociedade e a valorização da memória indígena, mas também por lutar pela preservação da vida dos nativos.

Como visto as contribuições de Duarte para a sociedade foram diversas, assim como para o meio científico. A lei nº 3.924 de 1961, formulada por ele, é atualmente um dos mais importantes meios para o trabalho arqueológico, constituindo também a ligação que permitiu à Arqueologia entrar nos trabalhos de licenciamento ambiental. Ainda hoje, os

trabalhos nessa ciência carregam muito da herança do intelectual, mesmo que ele seja desconhecido por grande parte dos pesquisadores. Dentro da própria lei nº3.924, por exemplo, há um artigo que favorece a exploração e pesquisa dos sambaquis em detrimento de outras fontes pré-históricas, detalhe que pode passar despercebido por muitos cientistas.

A falta de conhecimento da história de uma ciência pode por vezes comprometer o seu entendimento e as atividades fundamentadas nela, por isso há uma grande importância em recuperar a memória de Paulo Duarte e trazer à tona o valor da obra realizada por ele. Ao fazer isso, diversos trabalhos poderiam atingir melhores resultados e até mesmo rumos diferentes, como é o caso do artigo “A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil” (1999-2000), escrito pela arqueóloga Cristiana Barreto.

Nesse artigo, Barreto aborda os diversos debates, críticas e revisões teóricas que vem ocorrendo na Arqueologia brasileira, de modo a demonstrar que esta passa por um profundo processo de transformação ao inserir-se num contexto internacional e suprir a falta de embasamento teórico que possuía. No entanto, alguns argumentos utilizados pela autora poderiam atingir resultados diferentes se as colaborações de Duarte fossem mais conhecidas.

Ao abordar as relações entre a academia e a Arqueologia, Barreto afirma que esta surgiu dentro das universidades sem a elaboração de projetos intelectuais específicos, já que despontou a partir de campanhas preservacionistas promovidas por alguns intelectuais indignados com a destruição massiva dos sítios arqueológicos. Devido a isso, a autora sustenta que a Arqueologia acadêmica se focou mais numa política de preocupação preservacionista do que na elaboração de amplos projetos intelectuais.

Tal argumento pode ser questionado a partir da análise já realizada sobre o surgimento do IPH, a primeira instituição de pesquisas arqueológicas da USP. O IPH foi fundado por Duarte com um projeto intelectual bem definido, o qual envolvia o estudo dos vestígios pré-históricos com o objetivo de compreender os fluxos e migrações que trouxeram o Homem ao continente americano. Todos os projetos de pesquisa realizados na década de 1960 por essa instituição eram voltados a esse fim, o que foi demonstrado neste trabalho com o apontamento de que havia até mesmo uma valorização dos sambaquis mais antigos, os quais possuíam os vestígios mais remotos de ocupação do ser humano.

O IPH realizava um trabalho de preservação muito bem amparado estrutural e legalmente, possibilitado a partir do momento em que o instituto abarcou as atribuições da antiga Comissão de Pré-História, mas seu objetivo final sempre foi o estudo das peças para a elaboração de análises e sua futura difusão à população. Em outras palavras, a preservação dos vestígios pré-históricos não era o objetivo primordial da instituição, mas o primeiro passo necessário para levar a cabo o estudo sobre o Homem americano, já que salvaguardava as fontes necessárias para isso.

Sendo assim, o argumento da autora de que o caráter preservacionista da Arqueologia acadêmica teria levado a certo “tecnicismo” não pode ser aplicado ao caso da USP, uma das mais importantes instituições de pesquisa do país. A ciência nasceu nessa universidade amparada por um projeto intelectual amplo e bem organizado, o qual, se levado a diante, teria permitido o desenvolvimento de uma Arqueologia de cunho humanista teoricamente fundamentada e capaz de promover importantes reflexões e aprimoramentos teóricos dentro de si mesma e de outras ciências sociais.

A estagnação teórica, no caso da USP, não teria ocorrido se as funções do IPH não houvessem sido paralisadas após 1970, com o afastamento de Duarte da instituição. Após a aposentadoria deste, os trabalhos do IPH ficaram praticamente inertes¹²⁰. Isso demonstra que diferente do que Barreto sustenta, a paralisação teórica, no caso da USP, não se deu em razão de a Arqueologia haver surgido com um caráter preservacionista, mas sim devido a interesses pessoais e políticos que, ao afastar o diretor da instituição e não fornecer meios para a continuidade de seus trabalhos, deram fim a um projeto teoricamente fundamentado que poderia haver fornecido os meios para um maior embasamento conceitual dessa ciência no país.

Nesse sentido, torna-se fácil visualizar a maneira pela qual o jogo de interesses e poderes está inserido na produção dos saberes. O afastamento de Duarte do IPH em razão de suas divergências políticas modificou os caminhos que estavam sendo traçados para a Arqueologia dentro da USP, impedindo que esta colaborasse para um maior desenvolvimento teórico dessa ciência. Ao mesmo tempo, tais interesses foram responsáveis também pelo apagamento da memória e das realizações desse intelectual,

¹²⁰ Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte – Documentos Temáticos – Pré-História. Instituto (1954-79) – Pasta DET308. DUARTE, Paulo. O Instituto de Pré-História. O Estado de São Paulo, 22 jul. 1973

comprometendo nosso conhecimento sobre as bases da ciência e, portanto, nosso entendimento atual sobre ela.

Apontamentos Finais Sobre a Desconstrução dos Discursos

A posição política de Duarte e as inimizades que este cultivou ao longo de sua vida também foram responsáveis por impedir a concretização de seu projeto humanista no Brasil. O intelectual conseguiu a instalação das instituições que cuidariam da preservação e estudo do material pré-histórico brasileiro, mas divergências com Antônio da Gama e Silva, então reitor da USP, impediram que lograsse a instalação do Museu do Homem Americano, a última etapa de seu plano, o local onde os resultados das pesquisas seriam divulgados para a população como maneira de humanizá-la através da educação.

Apesar disso, a herança deixada por ele permitiu que a concepção de Pré-História e os trabalhos arqueológicos fossem transformados no Brasil, criando uma estrutura que possibilitou a outros pesquisadores desenvolverem novos e importantes projetos na área. Dentre eles, é possível citar a arqueóloga Niède Guidon, a qual criou um Museu do Homem Americano, no estado do Piauí, que possui estrutura semelhante à instaurada por Paul Rivet no *Musée de l'Homme* em Paris.

Guidon foi orientanda de Duarte e formou-se em diálogo com vários dos intelectuais que o inspiraram, mas o trabalho desta não pode ser considerado a continuidade da obra do primeiro. O museu criado pela arqueóloga também foca-se em compreender as migrações e fluxos que levaram o Homem à América, e realiza um trabalho especial com a comunidade no sentido de fornecer-lhe meios através dos quais possa alcançar um maior desenvolvimento social e econômico. É neste último ponto que se encontra a principal diferença entre o projeto dos dois intelectuais. Enquanto Duarte defendia o desenvolvimento da sociedade através da educação e da difusão do conhecimento científico produzido em instituições de pesquisa, a obra de Guidon foca-se em atuar na sociedade através de projetos econômicos e também educacionais, mas não possui como foco difundir o conhecimento desenvolvido pelos pesquisadores no Museu do Homem Americano.

As diversas análises realizadas nesse trabalho tiveram por objetivo demonstrar como se deu a constituição dos discursos de Homem e humanismo dentro do pensamento de dois intelectuais importantíssimos para o desenvolvimento da Arqueologia no Brasil: Paul Rivet e Paulo Duarte. Através do exame dos trabalhos, projetos e teorias formuladas por esses intelectuais, buscou-se compreender o fluxo de pensamento e as articulações institucionais que caracterizam o desenvolvimento de algumas das principais bases dessa ciência no país.

Nesse sentido, foi possível observar as maneiras pelas quais Duarte subjetivou diversas teorias de Rivet, apoiando-se firmemente na Etnologia de cunho humanista idealizada por ele e no conceito de solidariedade cultural entre os homens para levar a cabo seus próprios projetos no Brasil. A partir disso, visualizou-se que ambos defendiam a utilização do conhecimento científico para alcançar um maior desenvolvimento da sociedade, procurando através de instituições, pesquisas e a publicação de trabalhos científicos demonstrar a incongruência das teses que sustentavam a existência de uma superioridade mental advinda dos caracteres físicos. No caso de Rivet, esse empreendimento resultou em uma luta contra o racismo pregado pelas teorias nazifascistas e, em Duarte, na batalha pela preservação da memória e vida dos indígenas como maneira de estudar os vestígios pré-históricos americanos.

No entanto, apesar de defenderem a igualdade entre todos os seres humanos lutando contra a discriminação racial e até mesmo contra a utilização do vocábulo “raça”, o humanismo pregado por esses intelectuais sustentava a existência de uma superioridade cultural europeia, a qual deveria servir como guia para todas as outras sociedades. Essa valorização é encontrada até mesmo no projeto de Guidon, visto que o Museu do Homem Americano utiliza a presença europeia como maneira de ordenar cronologicamente os vestígios indígenas encontrados na região da Serra da Capivara.

Portanto, ao considerar que as pessoas somente poderiam tornar-se Homens através da educação – e a melhor educação seria aquela baseada na cultura dos europeus –, as reflexões de Duarte levam-nos a inferir que, para este, somente a difusão cultural europeia seria capaz de transformar os indivíduos em verdadeiros Homens.

A crítica a esses discursos não visa a depreciar o trabalho científico e social realizado por esses três intelectuais, os quais realizaram contribuições fundamentais ao sustentar a impossibilidade da separação entre essas duas esferas. O objetivo é demonstrar

que os conceitos de Homem e humanismo – assim como todos os outros – não são naturais, ou seja, não são verdades inquestionáveis que classificam aqueles que podem ou não desfrutar dos direitos humanos, mas são construções discursivas realizadas por indivíduos, as quais obedecem à subjetividade e aos ideais destes.

Esta dissertação focou-se em desconstruir a noção de humanismo sustentada por esses estudiosos, ou seja, descobrir através de quais processos e com que interesses ela foi cunhada, procurando demonstrar como a noção de superioridade europeia se oculta e consolida através dela. Isso foi realizado com o objetivo de contestar tal construção, de modo a permitir que esse humanismo passe a receber novas significações antes excluídas, como a valorização de todas as culturas e o reconhecimento da importância da diversidade e subjetividade de cada uma delas.

Como afirma a historiadora Johan Scott (1988A), é importante compreender que as identidades se constroem de maneira semelhante aos sistemas de significação, ou seja, por meio de processos de diferenciação e distinção que buscam suprimir as ambiguidades e os elementos opostos a fim de criar a ilusão de uma coerência. Sendo assim, as categorias de identidade nunca seriam apenas descritivas, mas, acima de tudo, exclusivistas. Para transformar isso devemos modificar nossa maneira de pensar, tornando esses conceitos indesignáveis e abrí-los para uma permanente ressignificação, de modo a que possam libertar-se de pressupostos discriminatórios e englobar significados antes recusados.

O conceito de Homem, portanto, deveria ficar sempre aberto, indesignado, de modo a permitir qualquer inclusão futura. Ao mesmo tempo, devemos nos perguntar sobre o tipo de mobilização que essas estruturas universais permitem atualmente, e de que maneira poderíamos transformar as redes de poder pelas quais somos constituídos.

Na presente dissertação buscou-se escrever um breve rascunho para responder a essa pergunta. Ao apreender que os intelectuais estudados construíram um discurso humanista que possuía como característica a valorização da cultura europeia, compreende-se que tal discurso foi subjetivado na criação de importantes bases da Arqueologia científica no país. Desconstruí-lo, portanto, é fundamental para demonstrar sua historicidade, desmentindo a noção de uma superioridade europeia como verdade natural e auxiliando a que tal noção seja abandonada pela Arqueologia brasileira. Com isso, o conhecimento produzido por esta também será libertado dessa concepção, e, ao ser

repassado para a população, auxiliará esta a compreender que velhos, homens, homossexuais, heterossexuais, europeus, brasileiros, mulheres, crianças, indígenas e todas as outras formas de identidade possuem, sem exceções, os mesmos direitos humanos.

A defesa pela consolidação de uma história includente e a desconstrução dos discursos totalizantes poderia levar esta pesquisa a diferentes rumos. Dentre eles, haveria a possibilidade de realizar um estudo sobre a importância da ciência para o desenvolvimento das sociedades, ou sobre o surgimento e a contextualização da Arqueologia em outras regiões da América Latina, buscando compreender se esta se desenvolve comumente a partir de iniciativas pessoais. No entanto, o caminho escolhido para ser trilhado no futuro curso de doutorado será a busca pela compreensão dos modos pelos quais o discurso humanista sobrevive atualmente nos trabalhos do Museu do Homem Americano (Piauí) e no *Musée de l'Homme* (Paris). O objetivo será entender como essas duas instituições, que trabalham com o conceito de Homem como princípio norteador, respondem aos anseios da sociedade atual pela valorização das diversidades, das alteridades e das subjetividades.

FONTES

Unicamp – CEDAE-IEL – Fundo Paulo Duarte

- Documentos Pessoais;
- Produção Intelectual;
- Documentos Especiais Temáticos;
- Ofícios;
- Correspondências;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Aureli Alves de. *Paulo Duarte entre sítios e trincheiras em defesa da sua dama - a Pré-história*. São Paulo, SP, 2008, 315p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, USP.

ANDRADE, Mário de. *Cartas de Trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura / Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

_____. Correspondência a Paulo Duarte. In: DUARTE, Paulo. *Contra o vandalismo e o extermínio*. São Paulo: Departamento Nacional de Cultura, 1938.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

AZEVEDO, Celia M. M. *Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo*. São Paulo: Annablume, 2004.

BACKX, Isabela. *Paulo Duarte e a construção do patrimônio plural – a inclusão de outras memórias no conceito de patrimônio brasileiro*. Campinas, SP, 2010. Monografia (Graduação em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

BARNARD, Alan, SPENCER, Jonathan. *Social and Cultural Anthropology*. Londres: Routledge, 1996.

BARRETO, Cristina. “A Construção de um Passado Pré-Colonial: uma Breve História da Arqueologia no Brasil”. *Revista USP*, São Paulo, n.44, p. 32-51, dezembro/fevereiro 1999-

2000. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/44/03-cristiana.pdf>. Acesso em: 05 dez 2012.

BRUNO, Cristina. “Museus e Patrimônio Universal”. In: V Encontro do ICOM Brasil. Recife, 2007. Disponível em: <http://www.icom.org.br/texto%20Cristina%20Bruno.pdf>. Acesso em: 30/08/2012.

BUTLER, Judith. “Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do ‘pós-modernismo’”. *Cadernos Pagu* (11) 1998: PP.11-42

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____. "Merely Cultural." *New Left Review*, I/227, Jan./Feb. 1998. p. 33-44.

CALIGARIS, Contardo, “Verdades de autobiografias e diários íntimos”, *Estudos Históricos*, 21, 1998.

CARVALHO, Aline Vieira de. *Entre ilhas e correntes: a criação do ambiente em Angra dos Reis e Paraty, Brasil*. Campinas, SP, 2009, 274p. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

_____, FUNARI, Pedro P. “Memória e Patrimônio: diversidades e identidades”. In: *Revista Memória em Rede* 2, Pelotas, 2010.

_____. *Museus, multiculturalismo e a harmonia social*. In: *Revista Museu*, 2010. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=23939>. Acesso em: 27 maio 2012 (A).

_____. “Políticas públicas del turismo en el litoral norte de São Paulo (Brasil): turismo de natureza versus turismo cultural”. In: *Congreso de Americanistas 54º, 2012 (B)*, Viena, revista *Turismo y Cultura: retos y perspectivas en América Latina*.

_____, FERNANDES, Luiz Estevam. “Relações entre textos e contextos: contribuições da História intelectual para a historiografia”. Artigo inédito, elaborado para a *Revista de História e Historiografia*. Campinas, SP, 2013.

CLARO, Silene Ferreira. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória – 1934 – 1950)*. São Paulo, SP, 2008, 359p. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

CHAGAS, Mário. “Museus: Antropologia da Memória e do Patrimônio”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* n 31, Ministério da Cultura, Brasília, 2005.

CHOAY, Françoise. (2001). *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP.

CORTEZ, Luciano. “Por ocasião da descoberta do Brasil: três modernistas paulistas e um poeta francês no país do outro”. In: *O Eixo e a Roda*: v.19, n.1, 2010. Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2019,%20n.1/01-Luciano%20Cortez%20.pdf. Acesso em: 15 ago 2012.

COSTA, Marlene dos Santos. Educação Patrimonial no Parque Nacional Serra da Capivara – PI. São Raimundo Nonato, PI, 2011, 61p. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual do Piauí. Disponível em: <http://casadopatrimoniojp.com/wp-content/uploads/2012/07/Educa%C3%A7%C3%A3o-Patrimonial-no-Parque-Nacional-Serra-da-Capivara-PI-Marlene-dos-Santos-Costa.pdf>. Acesso em: 03 ago 2012.

DUARTE, Paulo. *Contra o vandalismo e o extermínio*. São Paulo: Departamento Nacional de Cultura, 1938.

_____. “Apelo ao governador de São Paulo”. In: *Anhembi*, São Paulo, vol. V, nº15, PP.413-420, fevereiro de 1952.

_____. “Situação do ensino no Brasil”. In: *Anhembi*, São Paulo, vol. X, nº29, PP.209-214, abril de 1953.

_____. “Comentários à sessão de estudos de sambaquis”. In: Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas – São Paulo. 23 a 28 de agosto de 1954. São Paulo: Anhembi, 1955. Vol 1-2.

_____. *Paul Rivet por ele mesmo*. São Paulo: Anhembi S.A., 1960.

_____. *Processo dos Rinocerontes: razões de defesa e outras razões...* São Paulo: s.r., 1967.

_____. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Hucitec, 1971.

_____. *Memórias – As raízes profundas*. São Paulo: Hucitec, 1974, vol. I.

_____. *Memórias – A inteligência da fome*. São Paulo: Hucitec, 1975, vol. II.

_____. *Memórias – Selva obscura*. São Paulo: Hucitec, 1976, vol. III.

_____. *Memórias – Os mortos de Seabrook*. São Paulo: Hucitec, 1976, vol. IV.

_____. *Memórias – Apagada e vil mediocridade*. São Paulo: Hucitec, 1977, vol. V.

_____. *Memórias – Ofício de trevas*. São Paulo: Hucitec, 1977, vol. VI.

_____. *Memórias – Miséria universal, miséria nacional e minha própria miséria*. São Paulo: Hucitec, 1978, vol. VII. .

_____. *Memórias – Vou-me embora para Pasárgada*. São Paulo: Hucitec, 1974, vol. VIII.

_____. *Memórias – E vai começar uma era nova*. São Paulo: Hucitec, 1974, vol. IX.

_____. *Memórias – O espírito das catedrais*. São Paulo: Hucitec, 1974, vol. X.

_____. *Paulo Duarte II (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 178p. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista529.pdf>. Acesso em: 03 set 2012.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FERREIRA, Lúcio Menezes. *Diálogos da arqueologia sul-americana: Hermann von Ihering, o Museu Paulista e os museus argentinos no final do século XIX e início do XX*. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 19, 2009. Disponível em: http://antropologiasocial.com.br/wp-content/uploads/2010/09/Ihering_MAE_2009.pdf. Acesso em: 27 maio 2012.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Ditos e Escritos vol.V. Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FRIO-SALGAS, Sarah. *Naissance d'une bibliothèque*. BBF, n.4, 2007. p. 7. Disponível em : <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2007-04-0007-002#appelnote-1>. Acesso em: 27 maio 2012.

FUNARI, Pedro P. A. *Arqueologia*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

_____. *Desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na Arqueologia brasileira*. Horizontes Antropológicos. Vol.8 n.18. Porto Alegre, Dez.2002.

_____, ORSER, C. E. Jr. & SCHIAVETTO, S. N. de O. (orgs.). *Identidades, discurso e poder: Estudos da Arqueologia Contemporânea*. São Paulo: ANNABLUME, 2005.

_____, SILVA, Glaydson. José da. *Teoria da História*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____, GRILLO, José Geraldo Costa. Harmonia e museus: algumas considerações. Revista Museu, p. 1-2, 2010. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=23963>. Acesso em 21 set 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAYASHI, Marli Guimarães. *Paulo Duarte – um Quixote brasileiro*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

_____. *Paulo Duarte e a defesa da universidade*. Saeculum 11, João Pessoa, 2004. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum11_art12_hayashi.pdf. Acesso em: 27 maio 2012.

GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUIDON, Niède. Les peintures rupestres de Varzea Grande, Piauí, Brésil. In: Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud, 3: 1-174.

_____. *Parque Nacional Serra da Capivara: sítios rupestres e problemática*. Fumdhamentos V – I Seminário Internacional sobre Preservação da Arte Rupestre nos Sítios do Patrimônio Mundial, 2004. Disponível em: http://www.fumdham.org.br/fumdhamentos5/niede_guidon.asp. Acesso em: 27 maio 2012.

_____. *Resenha de Publicações sobre o povoamento das Américas*. Fumdhamentos, n.7, 2008a. Disponível em: <http://www.fumdham.org.br/fumdhamentos7/artigos/Resenha.pdf>. Acesso em: 27 maio 2012.

_____. [carta] 7 mar. 2012, São Raimundo Nonato [para] SUPLICY, Eduardo, São Paulo. Síntese sobre o Parque Nacional da Serra da Capivara e pedido de auxílio para sua manutenção.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

JULIEN, Marie-Pierre, ROSSELIN, Céline. *La culture matérielle*. Paris: La Découverte, 2005.

LaCapra, Dominick. *History & Criticism*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1985.

LACERDA, Lilian Maria de. “Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica” In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio et al. *Refúgios do eu*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. *Da ciência biológica à social: A trajetória da Antropologia no século XX*. Habitus, Goiânia, v.3. n.2. 2005. pp. 321-345. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/viewFile/63/59>. Acesso em: 04 mai 2012.

LAURIÈRE, Christine. *Paul Rivet – Le Savant et le Politique*. Publications Scientifiques du Muséum national d’Histoire naturelle, Paris, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

LOPES, M. M. e MURRIELLO, S. E.: “Ciências e educação em museus no final do século XIX”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12 (suplemento), p. 13-30, 2005.

LOTT, Wanessa Pires, JESUS, Claudio Roberto de. “A construção do outro nas políticas patrimoniais de Belo Horizonte”. In: *Revista Fórum Patrimônio. Patrimônio Cultural, Identidade e Turismo*. Vol. 3, Nº 1 (2010).

LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: University Press, 1985.

MARANDINO, Martha. “Museus de Ciência como Espaços de Educação”. In: *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Bela Horizonte: Ed. Argumentum.

MAZEL, A. e RITCHIE, G. “Museums and their messages: the display of the pre- and early colonial past in the museums of South Africa, Botswana and Zimbabwe”. In: STONE,

P. G. & MOLYNEAUX, B. L. *The Presented Past – Heritage, Museums and Education*. London: Routledge, 1994.

MAZOWER, Mar. *Continente sombrio: a Europa no século. XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MELLO, Neide Moraes de. “A ação dos intelectuais no Departamento de Cultura do município de São Paulo (1935-1938): Mario de Andrade, um intelectual a serviço da cultura nacional”. In: Revista Eletrônica Documento Monumento. Vol. 5, n.1 (dez 2011). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: <http://200.17.60.4/ndihr/revista-5/artigos/revista-dm.pdf>. Acesso em: 08 ago 2012.

MENDES, E. G. *Paulo Duarte*. Revista Estudos Avançados. São Paulo. v.8 n.22, p.189-193, 1994.

MENEGUELLO, C. *A preservação do patrimônio e o tecido urbano*. Arqutextos, 2000. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/01.003/992>. Acesso em: 27 maio 2012.

MOTOYAMA, Shozo. *USP 70 Anos: Imagens de uma História Vivida*. São Paulo: EDUSP, 2006.

NEVES, Eduardo Góes. Prefácio. In: BASTOS, Solange. *O Paraíso é no Piauí – a descoberta da arqueóloga Niéde Guidon*. Rio de Janeiro: Família Bastos Editora, 2010.

_____. “O dia do arqueólogo e os cinquenta anos da Lei 3.924”. In: Blog do XVI Congresso Mundial da UISPP e o XVI Congresso da SAB. Postado em 28 jul. 2011. Disponível em: <http://xviuispp.ning.com/profiles/blogs/o-dia-do-arqueologo-e-os-cinquo/>. Acesso em: 6 set 2012.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. “Inventário e patrimônio cultural no Brasil”. In: História, São Paulo, v.26, n.2, p. 257-268, 2007. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/his/v26n2/a13v26n2.pdf>. Acesso em: 05 jul 2012.

OLIVEIRA FILHO, Raimundo Coelho de. *Valoração econômica da atividade ecoturística no Parque Nacional Serra da Capivara - Piauí*. Dissertação. Teresina: UFPI, 2007.

PELEGRINI, S. C. A. *O patrimônio cultural no discurso e na lei: trajetórias do debate sobre a preservação no Brasil*. In: Patrimônio e Memória (UNESP. Online), CEDAP - Unesp, v. 2, n. 2, p. 1-24, 2006

PENA, Sérgio D. J. *Humanidade sem raças?* São Paulo: Publifolha, 2008 (Série 21).

_____, BIRCHAL, Telma S. *A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o etos social?* In: Revista USP, n.68, 2005-2006. pp. 10-21.

PEREIRA, de Mônica S. Gouvêa França Pereira. *Anhemi: criação e perfil de uma revista de cultura*. São Paulo: Idesp, n°2, 1987.

- PIVETTA, Marcos. “O crânio subvertido”. In: Pesquisa Fapesp, n.203, 2013.
- POULOS, Jennifer. *Frantz Fanon*. Atlanta: Emory University, 1996. Disponível em: <http://english.emory.edu/Bahri/Fanon.html>. Acesso em: 27 maio 2012.
- RACINE, Nicole. *Paul Rivet, Vichy et la France Libre 1940-1944*. Histoire Politique, v.1 n.01, 2007.
- RAGO, Margareth. “O efeito-Foucault na historiografia brasileira”. In: *Tempo Social* 7, USP, São Paulo, 1995.
- _____. “Descobrimo historicamente o gênero”. *Cadernos Pagu* (11) 1998(A): PP. 89-98.
- _____. “Epistemologia Feminista, Gênero e História”. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998(B).
- _____, ALOÍZIO, Renato de O. G. (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história* Coleção Idéias 2, Campinas, IFCH-Unicamp, 2000.
- _____, FUNARI, P. P. *Subjetividades Antigas e Modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.
- REIS, José Alberione dos. *Não pensa muito que dói: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira*. Campinas, São Paulo, 2003, 383p. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.
- RIO, Pablo Martínez del (org). *Miscellanea Paul Rivet: octogenario dicata/ XXXI Congresso Internacional de Americanistas*. Mexico: Universidad Autonoma de Mexico, 1958.
- RIVET, Paul. *Étude sur les Indiens de la région de Riobamba*. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Nouvelle Série. Tome 1 n°1, 1903. pp. 58-80.
- _____. *Le Huicho des Indiens Colorados*. In : *Bulletins e Mémoires de la Société d’anthropologie de Paris*. v.5, 1904a pp. 116-117.
- _____. *Les indiens Mallasquer*. In : *Bulletins e Mémoires de la Société d’anthropologie de Paris*. v.5, n.5, 1904b. pp 144-152.
- _____. *Les indiens Colorados, récit de voyage et étude ethnologique*. In : *Journal de la Société des Américanistes*, v.2, 1905. pp 177-208.
- _____. *Note sur deux crânes du Yucatan*. In : *Journal de la Société des Américanistes*. v.5, n.5, 1908. Pp. 251-259.
- _____. *Linguistique Bolivienne – Le groupe otukè*. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, v.9. 1912.
- _____. *L’origine des Aborigènes du Pérou et de la Bolivie*. In: *Comptes-rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 58e année, N. 2, 1914. pp. 196-202.

_____. *Étude sur l'archéologie mexicaine*. In: Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 65e année, N. 4, 1921a. pp. 337- 340.

_____. *Les Indiens Marawan*. In : Journal de la Société des Américanistes, v.13, n.1, 1921b. pp 103-118.

_____. *Les Mélanéso-polynésien et les Australiens*. In: Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 68e année, N. 5, 1924. pp. 335-342.

_____. *Organisation d'un musée d'ethnologie*. Museum, v. 1, n.1/2. 1940. pp. 68 – 70. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/Ulis/cgi-bin/ulis.pl?catno=9995&set=4FC23C41_2_169&gp=&lin=1&ll=f. Acesso em: 27 maio 2012.

_____. *Nouvelle contribution à l'étude de l'ethnologie précolombienne*. In : Journal de la Société des Américanistes, v.35, 1943. pp 25-39.

_____. *Les Indiens Motilones*. In : Journal de la Société des Américanistes, v. 39, n.1, 1950.

_____. *Etude des relations culturelles entre l'ancien et le nouveau continent*. International Forum of Sao Paulo: The European Contribution to Cultural Life and Humanism among the Peoples of the Americas; 1st; Sao Paulo, Brazil; 1954a. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/Ulis/cgi-bin/ulis.pl?catno=155192&set=4FC23C41_2_169&gp=&lin=1&ll=f. Acesso em: 27 maio 2012.

_____. *Musées de l'homme et compréhension internationale*. Museum, v.7, n.2. 1954b. pp. 83-86. Disponível em : http://unesdoc.unesco.org/Ulis/cgi-bin/ulis.pl?catno=10509&set=4FC23C41_2_169&gp=&lin=1&ll=f. Acesso em: 27 maio 2012.

_____. *Independência e Liberdade*. Anhembi, vol. 30. 1958a

_____. *Testamento Político*. Anhembi, vol. 30, 1958b.

_____. *Tribute to Franz Boas*. International Journal of American Linguistics, Vol. 24, No. 4, Franz Boas Centennial, 1958c. pp. 251-252.

_____. *As origens do Homem Americano*. São Paulo: Anhembi, 1960.

RUBINO, S. *As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937 – 1968*. Campinas, SP, 1991 206p. Tese (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

SAID, Edward. *Orientalismo – o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. "Prefácio" In: FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

SCOTT, Joan Wallach. "Deconstructing Equality-versus-difference: Or, the uses of poststructuralist Theory for Feminism". In: *Feminist Studies* (14) No.1, 1988(A). PP. 33-50. Disponível em < <http://pt.scribd.com/doc/50145405/Scott-Deconstructing-Equality>>. Acesso em: 05 jul 2011.

_____. *Gender and the politics of history*. Columbia University Press, 1988(B).

_____, BOURQUE, Susa, e CONWAY, Jill. *Learning about women: gender, politics and power*. Ann Arbor : Univ. of Michigan, 1989.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Glaydson José da. *Antiguidade, Arqueologia e a França de Vichy: usos do passado*. Campinas, SP, 2005, 268p. Tese (Doutorado em História Cultural). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

SOUZA, Antônio Candido de Mello. "Prefácio". In: DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Hucitec, 1971.

SWAIN, Hedley. *An introduction to museum archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

TRIGGER, Bruce G. *Historia del Pensamiento Arqueológico*. Barcelona: Editorial Crítica, 1999.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. *Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (des) Caminhos da Prática Brasileira*. Lisboa, Portugal, 2010, 460p. Tese (Doutorado em Museologia). Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

WILLIMANS, Raymond. *Palavras-Chave – um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZARANKIN, Andrés. "El pensamiento moderno y el pensamiento posmoderno en Arqueología". In: *Narrar o passado, repensar a história*. RAGO, Margareth e ALOÍZIO, Renato de O. G. (orgs). Coleção Idéias 2, Campinas, IFCH-Unicamp, 2000.